

# SOMBRIO



Adler Nobre

SOMBRIÓ

Adler Nobre

# SOMBRIO



Revisão ortográfica: Maísa Santos

Capa: Luan Nobre

Diagramação: Bookess

*Dedico este livro a minha mãe,  
Norma.*

*Agradeço a todos que lerão este livro.  
Um abraço especial a minha família e amigos,  
principalmente Maísa, cujo auxílio foi de suma  
importância.*

# Prólogo

Júlia abriu os olhos.

A menina de olhos castanhos morava na casa amarela da Rua do Engenho há duas semanas, e mesmo assim, o que ela mais queria naquele momento era nunca ter se mudado para esta casa.

Sentada no piso e encostada em sua cama, Júlia sentiu seu estômago doer de fome. Já fazia quase vinte horas que ela estava presa em seu quarto, sem água e sem nada para comer. O motivo disso era que atrás da porta de madeira, que a separava do corredor principal de sua casa, a morte esperava-a em silêncio. Porém, a garota sabia que aquele silêncio era pura traição do ser que estava do lado de fora.

Levantando-se lentamente do chão, Júlia penteou seus cabelos loiros com os dedos. Essa era uma mania que ela sempre tivera, mas que não fazia sentido

naquele momento. Os olhos castanhos, antes tão alegres, agora estavam tristes e cansados. O corpo da menina sentia as dores, consequência dos últimos dias.

A garota magricela foi até a porta. Por alguns minutos ficou parada, pensando em qual deveria ser sua próxima ação. Definhar de fome e cansaço naquele quarto, ou talvez, conseguir sair da casa antes que o ser a pegasse.

Júlia segurou a maçaneta da porta e a girou lentamente.

Abriu a porta e o que sentiu primeiro a fez tremer. Um cheiro tão ruim e podre que a deixou momentaneamente tonta. Mas, ela não poderia ficar ali parada.

Andando vagorosamente pelo corredor a menina chegou à sala principal. Os sofás amarelos que combinavam com a pintura da casa estavam repletos de marcas e gotas de sangue. No chão, os corpos de seus pais estavam inertes, já entrando em estado de decomposição. Os mesmos olhos castanhos, que viram os pais morrer, se encheram de lágrimas.

A garota caiu ajoelhada no chão. Júlia tentava não chorar, porém isso fazia com que ela chorasse ainda mais. Por alguns segundos, a menina permaneceu imóvel no chão da sala, olhando fixamente para os cadáveres dos pais. Seu choro foi cruelmente interrompido por um barulho emitido na cozinha. O som se assemelhava a um miado de gato.

Ela já ouvira aquele som antes. Os pelos da nuca da garota se eriçaram. As portas de todos os quartos da



casa começaram a bater furiosamente, como se um furacão estivesse passando.

Erguendo-se rapidamente, a menina de cabelos loiros foi correndo até a cozinha. As lágrimas não paravam de sair de seus olhos. Chegando ao cômodo, sua primeira ação foi correr até o telefone preto que estava em cima da pia. Júlia puxou violentamente o fone. Talvez ainda fosse possível salvar-se. Ela ligaria para a polícia. Talvez ainda houvesse tempo.

Ao colocar o fone no ouvido, o som de que a linha estava disponível não foi escutado. Ao invés deste, Júlia ouviu de novo o som rouco parecido com um miado de gato. Os olhos já lacrimejantes da garota jorraram lágrimas.

A esperança acabara. Não havia mais salvação. Júlia colocou o fone no aparelho e esperou. A criatura estava próxima. Ela sentia isso. Seus braços começaram a formigar, uma sensação já conhecida pela garota. A sensação de que não era mais ela que controlava seu corpo.

A janela que estava em frente a Júlia esfaqueou-se em pedaços. Ela já sentia que o único movimento que podia fazer era piscar os olhos. Seus membros estavam congelados por aquele ser. Foi então que o corpo da menina moveu-se involuntariamente. Seu tronco começou a curvar-se em direção a pia e sua cabeça bateu violentamente no mármore negro. O movimento repetia-se rapidamente. Júlia não parava de chorar.

A menina começou a emitir um gemido grave. Finalmente, ela ouviu um estalo em seu pescoço, e

então, sua alma foi tomada pelas sombras.

A morte, ou o que fosse aquele ser cruel, acabava de ter matado o último sobrevivente da casa amarela.

# Um novo caso

Desde que me conheço por ser humano, o que aconteceu aproximadamente entre meus três e quatro anos de idade, meu pai tem uma profissão que muitos podem considerar como peculiar. Ele é o que as pessoas chamam de exorcista. Não um exorcista como um padre que vai à casa de suas beatas (cujas filhas dizem ter seus corpos possuídos), mas sim o que pode ser considerado como um caça-espíritos. Nós moramos em uma cidade média e sem muita importância, localizada no interior do Kansas, nos Estados Unidos, e por mais incrível que pareça, por aqui sempre houve diversos casos para Jonatan resolver.

Por anos e anos, vi meu pai entrar em casas que ao olhar comum pareciam normais, contudo, ao ver o estado dele quando saía de tais casas, dúvidas eram criadas em minha mente, até o dia em que ele me contou

tudo.

Assim que eu soube que meu pai era um exorcista, comecei a me aprofundar em pesquisas e estudos para ajudá-lo. Ele nunca gostou que eu interferisse em seu trabalho, mesmo assim, eu sempre senti que devia fazer o que estava fazendo.

E por anos, minha vida passou dessa maneira.

Era uma manhã ensolarada e quente quando meu pai entrou pela porta da casa todo ensanguentado.

O homem que entrava tinha o cabelo grisalho, olhos verdes e cansados, iguais aos meus, como algumas pessoas costumavam dizer.

Eu permanecia sentado no sofá assistindo televisão quando ele entrou e foi direto para a cozinha. Levantei do móvel confortável e segui atrás dele.

– Por que você não me deixa ajudá-lo?

– Augusto, não me venha com essa conversa de novo. – Ele foi até a geladeira, pegou uma garrafa com água e sentou em uma cadeira da mesa de mármore no centro na cozinha. – Você não está nem um pouco preparado para o risco que corro todos os dias.

Fitei por alguns segundos a parede que antigamente era azul, agora coberta de marcas de sujeira.

– Eu não sou nenhum incompetente. Sou tão capaz quanto você.

– Não. Por favor, entenda que espíritos são seres malignos e destrutivos – disse ele com o tom cansado, como se já estivesse exausto de repetir aquela frase.

– Eu sei o que eles são. Só estou pedindo uma chance para provar que eu também posso destruí-los.

– Um espírito nunca é destruído.

Percebi que não havia como conversar com meu pai naquele momento. Sempre que ele chegava de algum trabalho, estava sempre do mesmo modo. Seco.

Saí da cozinha, passei pela sala e fui direto para meu quarto.

O cômodo no qual eu dormia e estudava era o que eu chamava de sala de estudo, mesmo que muitos pudessem não concordar comigo. Meu “quarto” era uma grande bagunça, e eu sempre me orgulhei disso. Não pelo fato de eu ser desorganizado. O recinto não era bagunçado com roupas e objetos pessoais, ao invés disso, o chão e a cama eram repletos de papéis e mais papéis. Notícias de mortes e assassinatos que a polícia da cidade ainda não conseguira resolver.

Quando entrei no quarto e fechei a porta, fui direto para a cama. Em cima do lençol embolado havia uma notícia que me chamava atenção há dois dias.

### **Família Jorgin é encontrada morta**

Garota de 15 anos é encontrada morta com o pescoço quebrado na cozinha de sua casa. A suspeita é de que a mesma tenha cometido suicídio após matar os pais. Os corpos da menina e de seus pais foram encontrados após os vizinhos acionarem a polícia devido ao mau cheiro que estava sendo exalado pela casa.

Júlia, a filha do casal, foi vista pela última vez há

uma semana, na escola onde estudava. Testemunhas dizem não ter notado nada de diferente na jovem.

A polícia ainda não sabe a possível causa que tenha levado a menor a cometer tais ações.

O que me prendia tanto naquela notícia não foi o fato de haver a possibilidade de a menina ter matado os pais, mas sim o fato de que ela foi encontrada com o pescoço quebrado. É quase impossível alguém suicidar estilhaçando o pescoço em uma pia. Policiais que se prezem deveriam saber disso.

Por alguns minutos, apenas refleti. Talvez essa fosse minha grande chance de mostrar ao meu pai que eu era capaz de encontrar um espírito, e possivelmente destruí-lo. Eu acreditava que era capaz.

Meu pai, conhecido por todos os vizinhos e amigos como Jonatan, sempre quis me poupar de assuntos relacionados a almas pelo motivo da morte de minha mãe, uma mulher que antes fora linda com seus cabelos negros (herança passada para mim) e olhos azuis que coloriam a casa.

Ela morreu após ser possuída por um espírito nada agradável, que se denominava Huire. Eu pouco sabia de sua morte. Sempre que tocava no assunto com meu pai, ele não respondia nenhuma das perguntas que eu fazia, e aos poucos, fui desistindo. Talvez fosse melhor eu não saber realmente como minha mãe morreu.

A realidade é que assim como meu pai, criei dentro mim um sentimento de ódio para com o mundo

dos espíritos e fantasmas. Afinal, o que eles faziam no mundo?

Matavam e torturavam pessoas de modo cruel.

Mesmo eu compartilhando o análogo sentimento com meu pai, ele não aceitava que eu também pudesse ser um exorcista. Jonatan, como muitas vezes eu próprio o chamava, queria, de certa forma, me manter seguro entre quatro paredes. Mas eu não almejava, e não iria ficar tão flutuante sabendo que eu poderia ajudar a destruir coisas más. Era esse o motivo de minha relação com ele sempre ter sido tão conturbada.

Quando li pela primeira vez a notícia sobre Júlia, logo soube que não se tratava de um simples caso de rebeldia adolescente, mas sim, de algo sobrenatural. Procurei meu pai e o informei sobre o caso da garota. Ele me disse que iria investigar assim que pudesse. Eu acreditava nele, mas no estado como ele chegou do trabalho hoje, no mínimo demoraria ainda uns bons três dias para que pudesse retornar a ativa.

Saí do meu quarto e fui até o banheiro, lavei meu rosto, escovei meus dentes e penteei meu cabelo.

Eu provaria ao meu pai que eu devia seguir o negócio da família. Seria eu quem desvendaria o caso de Júlia.

Fiquei olhando minha imagem refletida no espelho por alguns minutos. O pequeno armário do banheiro era branco assim como os azulejos que cobriam toda a parede, sendo também da mesma cor pálida que minha pele. Meus cabelos negros já estavam penteados. Fixei-me nos meus olhos. Eles ainda

mantinham um pouco da transmissão de tranquilidade, todavia, eu sabia que logo estariam completamente diferentes.

Comecei a tramar como eu poderia resolver o meu primeiro caso de espírito, ou espíritos, sozinho. Sem dúvida, primeiro eu teria que ir até a casa, e fazer o que meu pai achava mais divertido, arrombar.

Saí do banheiro, e voltando para meu quarto, peguei de novo a notícia das mortes em minha mão. Como fazia apenas dois dias que o fato havia acontecido, o provável era que a casa ainda estivesse interditada para o trabalho da perícia – o que não adiantaria nada em um episódio como esse –, mesmo assim, o endereço estava bem visível no final da página.

Rua do Engenho, casa amarela, número 53.

– Jonatan, tenho algo a te dizer.

Meu pai já estava acostumado a nossa falta de privacidade, o que dizia respeito a eu não chamá-lo de “pai” sempre que nós conversávamos.

Eu estava na cozinha olhando-o comer na mesa, fazia algum tempo, até que decidi informá-lo sobre o que eu havia decidido fazer nos meus próximos dias. Investigar e destruir o ser que matou uma garota e seus pais, tipicamente atroz.

– Nada sobre espíritos, eu espero. Já tive minha cota diária deles por hoje.

– É justamente sobre eles. Mas talvez seja só um



– eu disse indiferente. Meu pai continuou a me olhar atentamente. – Eu vou resolver um caso.

Ele abaixou a cabeça e colocou a mão na testa.

– Quantas vezes eu vou ter que dizer que isso não é para você?

– Eu não tenho mais seis anos de idade, caso você não tenha percebido. Amanhã vou fazer dezoito, é meu aniversário. Você não poderá mais decidir o que eu tenho que fazer ou sobre o que eu tenho que me proteger. – Jonatan levantou a cabeça, seus olhos injetados de raiva. Eu continuei a fitá-lo sem expressão.

– Meu filho, o que eu fiz todos os dias da minha vida, desde que você nasceu, foi te proteger. Eu não...

– Acho que agora eu já aprendi a fazer isso sozinho – cortei-o e saí da cozinha, andando rumo à sala. Ele não me seguiu e não tentou expor mais nada.

Fui até a porta de madeira que era a entrada e saída principal da casa, e a abri, saindo do recinto. Do lado de fora da residência ficava uma varanda em estado deplorável. A cerâmica que cobria o piso estava encardida há anos, o que talvez fosse consequência da falta de minha mãe, que sempre fora tão cuidadosa com tudo o que dizia respeito a nosso lar.

Olhei pelo quintal que se estendia à minha frente. Havia muitas pragas crescendo por ali.

Desci a pequena escada de três degraus entre a varanda e o quintal, e segui rumo ao carro de Jonatan. O veículo era um modelo BMW preto que ele comprara há um ano. Desde a compra do carro, eu o usava para sair à noite em voltas na cidade, e meu pai somente para

trabalho. No entanto, hoje eu também o usaria como modo de locomoção até o meu primeiro afazer.

Abri a porta e entrei. A chave estava ainda na ignição. Dei partida e sai de marcha ré em direção a rua.

Meu pai, em uma atitude típica dele, não se importava que eu saísse com seu carro. Talvez por isso não tivesse estranhado minha ação naquele momento. Em sua mente, eu apenas sairia para espalhar ou algo assim. Eu tinha que certeza que ele não pensava que talvez eu pudesse estar indo em direção à casa dos Jorgin.

Não sabia muito bem onde era a residência, somente tinha a informação da rua, e isso porque eu lembrava uma tia minha, que morava também nela. Eu nunca mais tinha visitado essa tia desde que minha mãe morrera, pois ainda não havia encontrado motivo para dar as caras.

Saindo da rua de minha casa, a Rua do Engenho ficava a alguns cinco quarteirões. Como eu não sabia onde era exatamente a casa onde ocorreram as mortes, adentrei com o carro na rua, procurando por uma casa amarela. Não foi difícil encontrar o lar.

Todo o quintal da casa estava ladeado por uma fita amarela da polícia, assim como eu esperava encontrar.

Estacionei o carro na esquina e fui seguindo a pé até a residência. O quintal era repleto de pequenos arbustos, e havia uma entrada para o carro da família que continuava estacionado em frente à garagem.

Por alguns segundos fiquei somente olhando a casa amarela. Eu não sabia o que encontraria lá dentro. Talvez ainda houvesse sangue ou alguns dentes e cabelos, o que era comum quando se tratava de espíritos possuidores.

Olhei para os lados, prestando atenção e procurando, no caso de haver alguém me vigiando. Eu não precisava ir preso porque alguém me vira invadir uma casa interditada pela polícia. Aparentemente, não havia ninguém, então segui por uma calçada de pedras que levava até a varanda da casa.

A porta de entrada tinha aparência velha. Não havia nada de importante na área, somente algumas cadeiras enfileiradas na parede. Tentei abrir a porta, e não fui surpreendido, ela estava fechada.

Forcei um pouco a fechadura, e tentei dar alguns socos na porta, mas a madeira continuou intacta.

Pensei por alguns minutos como eu faria para arrombar a residência. Meu pai certamente devia ter alguma ferramenta no carro para este tipo de serviço, entretanto, ficar transitando entre o carro e aquela casa certamente aumentaria as chances de alguém me ver.

Girando o corpo em direção à rua novamente, escutei um barulho que fez os pelos da minha nuca se eriçarem. Percebi, subitamente, que o som viera do interior da residência atrás de mim.

– QUIIIII – era similar a um miado de gato, porém o som era rouco e tremido, como alguém arrastando algo sobre uma calçada antiga e esburacada. O som mais carregado que eu já ouvi na minha vida.

Retornei de novo até a entrada da casa e tentei novamente abri-la. Infelizmente, minha nova tentativa foi em vão. Eu realmente teria que ir até o carro procurar algo para arrombar a porta.

– Augusto? – ouvi uma voz arrastada e rouca.

Olhei para trás. Na calçada entre a rua e o quintal da casa se encontrava uma senhora de meia idade e um pouco corcunda. Seus cabelos eram tão brancos que os raios solares podiam ser refletidos intensamente por eles.

Percebi que do outro lado do asfalto ficava uma casa verde de alvenaria. Uma árvore enorme na frente da residência me fez lembrar que eu já havia estado lá antes. Aquela era a casa da minha tia Olívia, irmã de minha mãe.

Olhei novamente para a senhora que estranhamente sabia o meu nome. Seus olhos eram azuis como os de minha genitora. Ver olhos tão parecidos com os dela me deixou assustado e com medo, até que assimilei os fatos. A mulher que me chamou era minha tia, a qual eu não via há anos.

Girei meu corpo e fui andando pela calçada de pedras até a senhora corcunda postada ali, me esperando.

– Tia Olívia? Como é bom te ver novamente – eu a olhei meio sem jeito. Ela havia me visto tentar entrar em uma casa onde ocorreram três mortes. Aliás, a casa estava interditada. Talvez minha tia fosse uma daquelas pessoas que querem lei acima de tudo.

Tia Olívia usava um vestido verde claro que

parecia um tanto antigo. O modelo das mangas quadradas e o colarinho até o pescoço me fizeram recordar o estilo das pessoas há 30 anos.

– Onde está seu pai? – sua voz era tão rouca e seca devido à idade que era quase impossível ouvi-la.

– Em casa. Eu vim visitar a senhora e me enganei de casa – menti mal, mas pelo seu olhar, parecia que minha tia confiara. – Ele ficou porque estava cansado do... trabalho.

– Espero que você não esteja tentando arrombar essa casa para fazer o mesmo trabalho que ele.

Cravei a visão em Olívia por alguns segundos. Como era possível ela saber da “profissão” de meu pai?

– Bem... – fiquei sem palavras. – Como assim?

– Augusto, pode parecer que acredito quando alguém omite a verdade de mim – seus olhos azuis brilharam –, mas não sou tão burra quanto pensam. A idade já me ensinou muito.

Minha tia virou-se de costas para mim e começou a andar em direção à sua casa, atravessando a rua.

– Vamos até minha casa. Tenho algo a te contar antes que você entre nessa residência onde aconteceu a tragédia. Creio que será um trabalho difícil para você. O espírito que está lá dentro é forte o suficiente para que não sobre um dedo seu. Eu sinto isso.

Pisquei os olhos, tentando assimilar o que estava acontecendo. De alguma forma tia Olívia sabia sobre o trabalho de meu pai. E ainda, estranhamente, conseguia sentir a intensidade do espírito que havia matado a menina Júlia e seus pais. Novamente me perguntei:

Como isso é possível?

Sem resposta, comecei a segui-la, atravessando o asfalto sem trânsito.

A senhora corcunda andava bem rápido para sua idade. Na verdade, eu não sabia muito bem qual idade minha tia já devia ter, mas ela parecia ser um tanto idosa.

Já entrando no quintal da casa verde, onde Olívia morava, lembrei-me de quando eu vinha ali ainda pequeno, junto com minha mãe. A moradia continuava no mesmo estilo simplório. Na verdade, o que mais se destacava era a grande árvore em sua frente.

Antes da entrada, existia uma calçada de pedras igual à casa dos Jorgin. E após esta, ficava uma varanda com algumas plantas espalhadas que pendiam do teto.

Já estávamos quase perto da porta quando minha tia parou de andar.

– Seu pai veio olhar a casa amarela também. Acho que lhe faltou coragem para entrar – disse ela sem virar-se em minha direção.

– Como assim? – Meu pai poderia ser chamado, ou até mesmo xingado, de diversos nomes e adjetivos ofensivos — muitos até merecidos —, menos covarde. Principalmente tratando-se de espíritos.

– O espírito que matou o casal Jorgin – o nome Jorgin era o sobrenome da família morta, conforme eu recordava de haver lido na notícia – é o mesmo que matou sua mãe.

Congelei, sem palavras. Não era provável o que ela falava tão seriamente. O espírito que matou minha

mãe há anos atrás fora destruído por meu pai.

A verdade trombou em mim como uma represa que estoura subitamente. Meu pai nunca dissera que havia destruído Huire. Eu que sempre pensara que assim fora. Pois deveria ter sido assim.

Minha tia começou novamente a andar em direção à porta de entrada. Notei que uma lágrima caía tristemente de seus olhos.

# Sem saber

A cozinha da minha tia era repleta de porcelanas. Havia potes, potes e mais potes. Tudo era muito organizado, o que me fez lembrar de novo dos antigos costumes de minha mãe, sempre tão esmerada.

Tia Olívia e eu sentávamos nas cadeiras junto à mesa, que ficava no centro da cozinha. Ela não parava de olhar para baixo. Resolvi continuar em silêncio, pois sabia que quem iria me contar uma história sobre parte da minha vida era ela.

– O que sabe? – disse ela levantando a cabeça, e fitando-me com seus olhos azuis.

Olhei para ela.

– Aparentemente não muito – eu disse, seco.

– Bem... Seu pai é um exorcista, isso você sabe.

Consenti com um aceno de cabeça.

– Augusto, é um pouco difícil explicar esse



assunto a você. Sempre achei que seu pai iria lhe contar tudo, mas parece que o medo não o deixou fazer isso.

– Medo por quê? Eu não entendo.

– Seu pai é um médium, Augusto. Um dos bons. Como um dia eu já fui também – seus olhos brilharam com recordações.

Ficamos em silêncio por alguns segundos. Quando minha tia havia me dito que de alguma forma sentia o espírito na casa amarela, eu não havia imaginado que ela poderia ser uma médium. Um médium é alguém capaz de ver e ouvir espíritos de pessoas já mortas, assim possuindo propriedades sobrenaturais. Meu pai nunca havia me dito que ele era um também, embora eu já suspeitasse.

– Não se assuste. A maioria dos exorcistas são médiuns. – disse Olívia quebrando o silêncio. – Pessoas que se dizem exorcistas, mas não tem este dom, acabam mortas em sua primeira missão. O importante é que um médium pode sentir o outro, Augusto. Foi assim que eu descobri e conheci seu pai.

Era difícil imaginar que aquela mulher aparentemente tão frágil e idosa um dia lutou, literalmente, contra espíritos.

– Quando conheci Jonatan, ele ainda era inexperiente e assim, aos poucos, eu fui lhe ensinando mais sobre o mundo sobrenatural.

– Você deu aulas a ele? De exorcismo? – perguntei, franzindo as sobrancelhas com a minha estranha pergunta.

– Praticamente, sim. Nós nos tornamos amigos e

começamos a trabalhar juntos. Com nossa aproximação, ele começou vir até essa casa, – para as “aulas”, pensei. Mas não falei em voz alta. – onde eu morava com minha família. Foi assim que Jonatan conheceu Ana.

– Entendi. Mas podemos adiantar a história até a parte mais importante? Eu sinto que você quer me contar algo – falei em tom normal, não querendo ofendê-la.

– Tudo é importante, garoto – ela pareceu fulminar-me com os olhos, então resolvi ficar em silêncio e somente ouvir. – Para entender porque Huire matou sua mãe é necessário saber a história de seu pai com ela.

Olívia arrumou as presilhas que prendiam seu cabelo cor de neve.

– Assim que Ana e Jonatan começaram a se aproximar, eu logo contei a ele sobre os riscos – sua voz estava rouca. – Ana não era uma simples humana. Desde que ela nasceu eu sempre senti que havia algo a mais naquela menina. Porém, ela não era médium, pois eu não sentia este tipo de poder existente nela. Só depois de muitos anos descobri sua real origem.

Minha cabeça iria explodir a qualquer momento. Desde pequeno eu sempre soube que meu pai era um exorcista, mas não sabia que ele era um médium, o que já era um segredo guardado sem motivo, e que eu ainda não sabia ao certo o que poderia significar para mim. Também cresci sempre pensando que minha mãe fosse apenas uma doce mulher simpática, não um ser sobrenatural.

– E o que ela era? – perguntei com súbita curiosidade. Minha mente ainda tentava assimilar todas as palavras de Olívia.

Pensei em alguns momentos que eu lembrava em estar com minha mãe. Ela nunca me disse sentir espíritos, nem que podia conversar com eles. Na verdade, ela nunca demonstrou nada mais do que o necessário. Ela se comportava e agia como uma mulher normal. Apenas, uma mãe. Minha mãe.

– Eu pesquisei por muitos anos. Primeiro pensei que sua mãe fosse um espírito reencarnado. Mas nada justificava a aura que ela exalava.

Meu pai certa vez havia me explicado sobre essa aura exalada por seres sobrenaturais. Todo espírito, único ser que até hoje eu pensava existir na classe sobrenatural, carrega consigo uma aura que faz com que as pessoas normais sintam-se diferentes quando eles querem, sendo que para que isso aconteça só é necessário a proximidade entre o humano e o ser. A aura do espírito não tem cor para os exorcistas, como a maioria dos livros sobre o assunto sugere. Ela é invisível e inodora. As pessoas apenas podem senti-la, muitas vezes, sem saber de onde surgem sentimentos inesperados como raiva, ódio e tristeza.

Minha tia ficou quieta por um breve momento, talvez tentando encontrar as melhores palavras para me explicar o que era, realmente, minha mãe.

– Bem... Um espírito reencarnado não emite aura, não é mesmo? Isso é porque eles fazem parte da carne do ser desde o nascimento, sendo assim, eles são

humanos enquanto seu hospedeiro não morre – eu disse, tentando adiantar a conversa.

– Seu pai não te ocultou tantos fatos como eu pensava – disse Olívia tamborilando os dedos na mesa em sua frente

– Discordo – eu disse a palavra um tanto seco, mas Olívia não se surpreendeu. Mesmo meu pai me contando algumas coisas, havia escondido fatos demais de mim. Como o fato de Ana, a mulher que me gerara, ser algo sobrenatural.

– Sua mãe era um anjo, Augusto. – Minha tia sorriu após dizer as palavras.

Eu abri a boca completamente surpreso.

Anjos?

Espíritos ou fantasmas — nome popular para muitos, sempre existiram e já deram provas disso de diversas formas. A humanidade está repleta de pessoas que já se sentiram alguma vez na vida possuídas, ou melhor, estas pessoas já sentiram algo estranho dentro de seu corpo físico ou sua mente, algo que de certa forma estava controlando-as. A mídia está cheia de filmes sobre o assunto espíritos. Algumas pessoas não acreditam, outras tremem só em assistir tais filmes. Contudo, a ideia de que existem fantasmas não partiu da mente de um diretor de filmes. Partiu das pessoas que acreditam, e essas pessoas que acreditam têm motivos e provas para acreditar. Motivos e provas reais. Logo, os espíritos são reais.

Mas anjos? Ok... A mídia também tem alguns filmes sobre anjos. Mas são tão poucos os relatos sobre

visões desses seres celestiais que fica um pouco difícil de acreditar.

– Eles existem, mas são poucos e raros. Talvez seja por isso que são tão poucos relatos sobre seres celestes – minha tia parecia ter ouvido meus pensamentos.

– O que significava para minha mãe ser um anjo?  
– tentei considerar em minha mente o fato de ela supostamente ser uma criatura celeste, como havia dito Olívia.

– Ela não sabia e nunca soube até sua morte – o tom da mulher soou indiferente.

– O quê? – falei alto, em um momento automático de raiva.

Arrependi-me no mesmo instante de ter sido grosseiro com minha tia. Talvez houvesse um bom motivo para que a própria irmã não tenha contado para a outra que ela era um anjo. Meu pai também deveria ter algum bom motivo para esconder a verdade da própria esposa. Ainda que não fosse justo.

– Desculpe – murmurei um pouco constrangido.

O rosto de Olívia era totalmente sem expressão.

– Os anjos não são criados por Deus como muitos pensam. Assim como os demônios não são criados por... Lúcifer – continuou falando minha tia, como se não houvesse sido interrompida momentos atrás.

Imaginei que quando a mulher se referia aos demônios, ela estava se referindo aos espíritos.

– Como minha mãe nasceu então? Como é

possível? – A pergunta pareceu ecoar em meu crânio.

– Entenda o seguinte: todo ser humano tem um corpo físico e um corpo astral. É que isso que permite a existência dos demônios. Eles são espíritos que estão sem corpos, e quando isso acontece, é quando um médium pode senti-lo. Na verdade, eu sei muito pouco sobre o nascimento dos anjos.

Assenti com a cabeça, dando sinal que estava entendendo até ali. Olívia continuou.

– O corpo astral de um anjo nasce em alguém naturalmente, pode-se dizer que são pessoas escolhidas de alguma forma. Pode ser algo comum na natureza, algo já determinado. Assim como é determinado que humanos procriem com humanos – franzi as sobrancelhas com suas palavras, não encontrando ligação nas comparações.

– Então, alguém que é um anjo, já nasceu anjo porque foi escolhido pelo corpo astral do anjo? – questionei, estupefato.

– Creio que é assemelhado a isso – disse Olívia com alívio, tendo ares de quem pensava que demoraria mais tempo até que eu entendesse tudo.

Lembrei-me de quando minha tia havia dito que meu pai tinha sido alertado dos riscos por ela.

– Quais eram os riscos na aproximação do meu pai e minha mãe?

Olívia me fitou com seus olhos azuis.

– Você – ela levantou-se da cadeira onde estava sentada e foi até um de seus potes de porcelana, que depois percebi que se tratava de uma caixa. Ela abriu a

tampa, olhou para dentro, fez sinal negativo com a cabeça e tampou a caixa de novo. Fiquei pensando no que havia lá e se talvez fosse alguma coisa relacionada com a minha mãe, ou até a mim.

Quando ela sentou-se à mesa de novo, percebi que não devia ser nada importante, fora só minha concentração exagerada em minha tia. Certamente devia ser algo pessoal dela. Uma conta de luz, talvez.

Despertando dos meus pensamentos rapidamente, perguntei:

– Por que eu era um risco?

– Você ainda é – sua risada foi sem humor. – Quando eu te disse que a ordem lógica dos seres humanos é procriar com seres humanos, você deve ter pensando que eu estava brincando.

Sim, eu achara

Fixei Olívia por alguns segundos, enquanto nós permanecemos em silêncio.

– Já ocorreram raros casos no mundo de nascimentos de híbridos de anjos e humanos comuns – continuou ela, falando compassadamente. – Mas o fato de Jonatan ser um médium impossibilita sabermos de qual espécie você é.

À medida que a conversa ficava mais séria, meu semblante tornava-se tão sério quanto.

– Agora você entende? – perguntou minha tia.

– Não muito – respondi sinceramente. Eu tentava absorver cada vez mais informações, mas eram realmente muitas.

– Eu e seu pai não sabemos o que você é – disse

Olívia, no que me pareceu ser uma voz dura. –Acredite. Você me rendeu muitas horas de leitura sem resultado. – por um segundo, pensei rapidamente em como eu supostamente era importante. – Seu pai manteve-se longe do trabalho como exorcista durante o casamento por você e por sua mãe. Ele queria proteger vocês dois, independente do que ambos fossem. Ela morrer foi a prova para ele de que ficar sem enfrentar espíritos malignos soltos por aí, nunca foi e nunca será, o melhor caminho.

A rispidez de meu pai quando eu perguntava sobre o seu trabalho, em como eu poderia ajudar talvez pudesse ser explicada através do fato eu-não-sei-o-que-meu-filho-é, então tenho que protegê-lo.

– Qual a resposta mais próxima você chegou de saber o que eu sou? – perguntei fitando Olívia.

– Eu não cheguei a nenhuma resposta. Este é o grande impasse. Talvez você seja um médium, mas não sinto isso. Talvez você possa ser um anjo, sinto uma aura. Mas é muito estranha, não sei bem como explicar... – Ela me fitou com os olhos um pouco fechados, como se a resposta estivesse em mim. Eu realmente era um enigma?

– Qual a diferença da aura de um anjo e de um demônio? – perguntei subitamente.

– Nenhuma. Esse pode ser um grande problema para os médiuns. Como seu pai já deve ter te explicado. – ela me olhou como quem faz uma pergunta. Eu confirmei. – Não existe o fato da aura de um demônio ser negra e a de um anjo ser branca para nós. Auras são



invisíveis, nós só a sentimos, então fica difícil falar qual é de quem. Muitas vezes a aura de um demônio é tão parecida com a de um anjo que exorcistas não os destroem, imaginando que eles são seres celestes, quando na verdade não são.

– Isso pode ser um problema para mim também? Talvez eu seja outro ser sobrenatural ao invés de anjo. E a única informação que se sabe é que eu não sou um humano – falei um pouco constrangido.

Olívia preferiu não responder minha pergunta, pois eu sabia que ela também não tinha a resposta para mim. Ela simplesmente optou ficar em silêncio.

Depois de alguns minutos, eu disse para minha tia que eu necessitava ir embora, pois talvez meu pai já pudesse estar preocupado – o que eu sabia ser mentira.

Meu dia estava indubitavelmente confuso.

Depois de nos despedirmos, ela me levou até a frente de sua casa. Continuei andando cabisbaixo pela calçada de pedras que saía da varanda e ia até a rua.

Ao chegar à calçada da rua, olhei para frente e vi uma imagem intimidante.

O maior número de gatos pretos reunidos que já havia visto estava à minha frente. Eles se encontravam todos no quintal da casa amarela da família Jorgin, um pouco dispersos um do outro, de todos os tamanhos.

Todos os felinos olhavam constantemente para mim. Foi então que aconteceu o que me deu mais medo. Eles começaram a miar furiosamente, fazendo com que eu me arrepiasse por inteiro.

Os gatos começaram a correr em minha direção,

atravessando a rua furiosamente. Percebi que caso eu não saísse do lugar onde estava congelado pela visão, iria ficar cheio de marcas de unhas e arranhões para o resto da minha vida.

Na retaguarda, a porta da casa de Olívia estava fechada. Raciocinei de acordo com os fatos: até eu chegar lá, bater, e ela vir abrir, eu já estaria morto.

Virei meu rosto na direção da esquina e vi o BMW preto de meu pai estacionado no lugar aonde eu o havia deixado. Sem pensar duas vezes, corri em sua direção.

Os gatos acompanhavam rapidamente atrás de mim. Eu teria que ser muito rápido. Apalpei o bolso da calça onde eu havia colocado a chave do carro e a senti. Conforme eu corria, coloquei a mão no buraco de tecido e peguei o pequeno objeto.

Olhei para trás. Parecia haver mais gatos do que havia antes.

Eu já estava a poucos metros do carro quando senti que um dos felinos conseguira me alcançar. Com suas unhas afiadas, grudado em minha calça. Ainda correndo, peguei-o pelo tronco e joguei para trás. Acertei-o direto no asfalto. Não havia notado quanta força usara para arremessá-lo até que vi que sua cabeça estava rachada no chão. Ele tremia e se contorcia.

Consegui chegar até o carro. Ainda colocando a chave na porta, outros três gatos começaram a subir por minha calça. Sacudi as pernas e eles caíram, mas tentavam subir de novo. Derrubei-os com a mão. Não havia outra maneira. Pisei forte neles com a sola do meu

sapato enquanto abria a porta. Eles miaram violentamente, como um grito de um torturado.

Entrei no carro e dei partida, todos os outros gatos que antes corriam atrás de mim congelaram, ficaram imóveis. Acelerei para cima deles. Era como passar por uma rua aonde só havia quebra-molas.

Não ousei olhar para trás, pois eu sabia qual seria minha visão. Dezenas de gatos pretos mortos, esstraçalhados e outros ainda agonizantes. Mesmo assim, era impossível não ouvi-los. Sons horríveis, agonizantes que imploravam pela vida. Os miados me davam angústia, e assim lembrei o mio que eu ouvi quando estava na frente da casa de Júlia. Um som que me deu medo. O som que devia ser de Huire.

Minha tia havia dito que para entender por que Huire matou minha mãe, era necessário saber a história dela com meu pai. Mas quando entramos no assunto o-que-eu-sou, o foco da conversa foi outro. Olívia não me contara uma parte da história, eu sentia isso. Era possível que Huire tenha matado minha mãe por causa do meu pai? Mas por quê? Não havia mais como voltar até a casa da minha tia agora. Eu não queria arriscar ser atacado por gatos pretos novamente. Quando eu chegasse a minha morada, seria a vez do meu pai em me responder inquires.

Estacionei o carro na frente da casa azul onde eu morava. A residência era de alvenaria, mas ao menos havia sido bem pintada e, aparentemente, bem feita.

Saindo do BMW, pisei em algumas pragas e fui a

até a porta de entrada da casa. Lá dentro, estava tudo silencioso. Talvez meu pai estivesse dormindo. A porta aberta, como sempre. Entrei e olhei para os lados. Meu pai não estava por ali. Fui até seu quarto, mas ele também não descansava lá.

Será que ele saía? Será que ele havia saído atrás de mim? Neguei minhas perguntas em pensamento. Ele não sabia para onde eu havia ido.

Procurei por todos os quartos da casa, até no banheiro. Mas ele não estava lá. O único cômodo que restava agora era a cozinha. Mas eu não conseguia ouvir nenhum barulho vindo da cozinha. Ele não devia estar lá. Talvez meu pai tivesse verdadeiramente saído.

Mesmo pensando que Jonatan não estava em casa, eu teria que ir até a cozinha. Saber que sua espécie é indefinida e após isso ainda ter que correr de gatos assassinos, motivava muita fome.

Antes de ir até a cozinha, fui até meu quarto. A notícia das mortes na casa amarela da família Jorgin estava ainda em cima da cama. Antes de sair de casa, pensei que este seria o primeiro caso que eu iria resolver, agora eu não tinha mais tanta convicção.

Saindo do quarto, passei pela sala ainda rumo à cozinha. Antes de chegar lá, me senti um pouco estranho. Um brusco desespero pairou sobre mim. Talvez fosse o fato de só naquele momento ter me dado conta de que minha vida inteira fora uma caverna onde muitas mentiras, e principalmente verdades, estavam escondidas. Meu pai certamente me devia explicações que só ele seria capaz de dar.

Quando entrei na cozinha, o pequeno desespero que antes eu estava sentindo se tornou fúria, eu não conseguia entender o que estava acontecendo. Não havia motivo para a fúria. Eu apenas a sentia.

Olhei ao redor. Tudo estava normal naquele cômodo, menos o fato de meu pai estar dormindo em cima da mesa. Ele devia estar muito cansado para fazer isso. Estendido completamente em cima do mármore, Jonatan permanecia imóvel.

Fui até ele. Quando o toquei para tentar acordá-lo um choque subiu por meu braço. A fúria sem motivo que antes eu sentia tornou-se ódio. Eu queria algo, imediatamente. Não havia qualquer motivo, mas eu queria.

Corri para o armário e comecei a bater violentamente em suas portas. As batidas ecoavam pelo cômodo. Soquei a geladeira e um amassado surgiu na porta. Eu realmente estava forte hoje. Minha visão ficou vermelha. A voz da minha tia começou a gritar em minha mente.

– Eu e seu pai não sabemos o que você é.

A voz não parava de repetir as mesmas palavras, como um gravador, porém, amplificado.

– Eu e seu pai não sabemos o que você é. Eu e seu pai não sabemos o que você é. Eu e seu pai não sabemos o que você é.

Percebi que agora eu quebrava copos nas minhas próprias mãos. Sangue começou a fluir de cortes causados pelo vidro. O barulho da minha baderna na

cozinha parecia não incomodar meu pai, pois ele continuava dormindo.

Paralisei. Meu pai mesmo após tanto barulho, continuava dormindo. Este fato me fez temer o que estava acontecendo. O sentimento de fúria já se esvaía em mim, até que não restou centelha alguma

Fui até onde meu pai dormia e tentei acordá-lo de novo. Ele não se mexia. Nenhum movimento. Nem mesmo o de respiração. Naquele momento, outro sentimento surgiu, era diferente de todos os outros de segundos atrás. Ao invés da fúria que antes eu sentia, despontou um desespero. Mas eu entendia esse desespero. Era um sentimento meu, puro,

Comecei a virar meu pai. Por algum motivo, eu estava com medo de olhar para ele. Quando terminei o movimento, entendi o porquê.

Jonatan estava sem olhos. No lugar aonde deviam estar os globos oculares, não sobrara nada. Seu rosto mostrava marcas de arranhões de unhas, e sangue saía de seu nariz.

Meu pai estava morto e inerte em meus braços.

Entendi o porquê da minha fúria a momentos atrás. Um espírito estivera, ou ainda podia estar, naquela casa. Ele matara meu pai e me influenciara com sua aura.

Oh, Meu Deus. Meu pai, morto?

O meu desespero se intensificou, porém continuava ainda a ser um sentimento meu.

Uma palavra ecoou por minha mente. Huire. Eu sabia que era o nome do ser que assassinara minha mãe

e seguramente também havia matado meu pai. Huire. Huire. A palavra soava reflexiva em meus pensamentos.

Eu queria vingança. Agora não era mais somente um capricho para provar ao meu pai que eu também poderia ser um exorcista, era meu dever destruir Huire, independente de sua força. E seria isso o que eu iria perpetrar.

# Exorcista

Fiquei olhando o corpo inerte de meu pai por mais alguns minutos. Seu semblante estava assustado, com medo. Talvez Huire fora o único espírito de que Jonatan sentira medo. E eu acreditava nisso.

Agora viria a parte mais confusa. Não é comum ter que encontrar um lugar para enterrar o seu pai sem que ninguém pudesse descobrir. Acontece no máximo uma vez na vida de alguém, e infelizmente aconteceu na minha.

Jonatan sempre fora ríspido comigo, principalmente quando eu proferia termos sobre demônios. Eu não gostava dessas atitudes, mas também não era como se eu desejasse a morte para ele. Apesar de todos os problemas, aquele homem era meu pai.

Pensei por muito tempo onde eu poderia enterrar ele, mas nenhum lugar que se passava em minha mente



parecia apropriado. Talvez eu devesse pedir ajuda a alguém. Aliás, quando mais de uma pessoa está fazendo certo trabalho, esse trabalho é feito rapidamente, o que dificultaria que vizinhos soubessem de informações alheias.

Mas quem poderia me ajudar a enterrar meu pai? Eu não poderia contar a ninguém a verdade, nem dar explicações sobre sua morte. Só uma pessoa era confiável, e mesmo esta sendo já idosa e frágil, continuava sendo a única. Minha tia Olívia.

Lá estava eu voltando para a casa da minha tia de novo, passando com o carro pelas mesmas ruas que eu passara mais cedo.

O sol estava começando a se pôr e o dia estava cada vez mais escuro conforme a noite caía.

Pensei que encontraria a Rua do Engenho coberta de gatos mortos, esfaqueados pelos pneus do meu carro. Mas em vez disso, a rua estava perfeitamente limpa. Talvez até mais limpa do que estivera antes do massacre de felinos.

Estacionei o carro na frente da casa verde com uma enorme árvore na frente e olhei ao redor. Realmente não havia sequer uma gota de sangue no asfalto. Os felinos pretos que eu atropelara mais cedo simplesmente evaporaram, ou ainda era possível que eles não existissem. No entanto, eu não acreditava que tudo aquilo fosse fruto de minha imaginação, que costuma ser nada fértil e criativa.

Olhei para as minhas calças. Nelas estavam

visíveis arranhões de unhas. Os bichos negros que tentaram subir em mim haviam deixado um estrago bem feio no tecido jeans. Mesmo assim, os corpos dos gatos continuavam sumidos da mesma forma como apareceram, magicamente.

Deliberei não pensar mais no assunto, pois de certa forma eu sabia quem estava por trás dos felinos mágicos. Huire.

Só de lembrar o nome do espírito assassino de minha família, a raiva que se apossou de mim foi tanta que me arrepiei.

Desci do carro e tranquei-o com a chave, colocando-a logo em seguida no bolso da calça.

Antes de começar a andar pela calçada de pedras que levava até o lar de Olívia, olhei para outra casa do outro lado da rua. A casa da família dos Jorgin permanecia intacta. Era possível que Huire estivesse lá dentro. O espírito poderia ter feito da casa sua toca, o lugar onde ele se escondia. Meu raciocínio devia estar no caminho certo.

Respirei fundo. Estava na hora de Huire receber uma visita do filho das pessoas que ele havia assassinado.

Atravessei a rua correndo e cheguei até o quintal da casa amarela, e continuei andando pela calçada de pedras até a varanda. Nada havia se movido desde cedo. As cadeiras encostadas na parede permaneciam como antes, e a faixa amarela que interditava a casa não fora rasgada nem cortada, como muitas vezes acontece, ações feitas por jovens sem ocupação. Por ventura, até

mesmo vândalos também tivessem receio de casas onde mortes misteriosas aconteceram.

Fui até a porta e bati. Eu sabia que ninguém me atenderia. Eu bati na porta para mostrar a Huire que eu havia chegado.

Fiquei parado por alguns segundos. Eu não conseguiria entrar na residência, porque assim como antes, a porta deveria estar trancada.

Repentinamente, como se alguém houvesse puxado a madeira pelo lado de dentro, ela abriu violentamente, chegando a bater na parede atrás dela. Ao que parece, o espírito assassino estava lá dentro e realmente percebera a minha chegada.

Não movi um dedo. Dentro da casa estava completamente escuro. Um breu sem fim. Não era possível enxergar um palmo à minha frente.

Um cheiro muito forte era exalado de dentro. Imaginei que isso se devia ao fato de que os corpos da família foram encontrados em decomposição. Perguntei-me mentalmente se a decisão de entrar era a mais correta, porém eu não devia fracassar naquele momento.

Lembrei-me do semblante assustado de meu pai morto e decidi rapidamente. Entrei no lar da família Jorgin sem hesitar.

De imediato, nada aconteceu. Quando eu passei pelo portal, o cheiro de carne podre intensificou-se. Olhei ao redor à procura do interruptor da luz. Era impossível enxergar qualquer coisa.

Dei alguns passos. Minhas mãos tatearam o ar, procurando móveis para minha orientação. Minha perna

bateu em algo macio, fazendo meu sangue gelar. Abaixei meu tronco e passando as mãos sobre o móvel percebi que se tratava de um sofá. Sobre o tecido macio havia uma casca dura e seca, como se um líquido grosso tivesse sido derramado ali. Talvez sangue.

Ter esbarrado no sofá ao menos me fez saber que eu estava na sala.

Levantei meu tronco, continuei a andar e estendi os braços para frente, ainda tentando me guiar.

Minhas mãos tocaram uma parede. Esfreguei as palmas no concreto, procurando um interruptor, embora eu não o encontrasse. Dificilmente você encontra o que quer no escuro.

Ainda passando as mãos pela parede, comecei a sentir minhas pernas formigarem. Meus dedos do pé estavam perdendo o movimento; não demorou muito para que eu não conseguisse mais movê-los.

Tremi ao lembrar palavras. Certa vez, meu pai me explicou que espíritos muito fortes conseguiam controlar fisicamente seres humanos. O nome que se dá a isso é possessão física. Os espíritos passam a controlar o humano como um boneco, sem que este perca sua consciência e visão, pelo menos até o momento da morte.

O formigamento subiu das minhas pernas até os meus ombros. Tentei mover meus membros inferiores e eles não responderam aos meus comandos. Sim, eu estava sendo possuído. A frequência dos batimentos do meu coração acelerou com o medo que crescia em mim.

Huire estava controlando o meu corpo, deixando-

me paralisado e em pé no meio daquela casa com as mãos grudadas na parede.

Meu pescoço ainda parecia flexível, e então consegui virar minha cabeça e olhar para trás. Havia gatos de novo. Não era possível vê-los inteiramente, a única coisa que percebi era que todos olhavam para mim com olhos amarelos e frios. Logo soube aonde foram parar todos os gatos que supostamente deviam ter sido mortos por mim. Eles estavam todos na sala. Desde o chão até o teto.

Ninguém se movia. Eu pelo fato de estar sendo controlado por Huire, e os gatos, por parecerem estar esperando por uma ordem para iniciar a próxima ação. De alguma forma, eu sentia que quando a ordem fosse dada, eles me atacariam e eu não poderia fazer nada.

Eu iria morrer. Seria comido e arranhado por dezenas de gatos furiosos e cruéis enquanto meu corpo continuaria congelado.

Abaixei a cabeça e, pela primeira vez em minha vida, rezei. Não pedia nada para nenhuma divindade em particular. Eu somente pedia ajuda mentalmente para meu pai. Sabendo que espíritos existem, não fica difícil acreditar que um morto possa voltar para te ajudar. Mas Jonatan não apareceu.

Os felinos continuavam me observando em silêncio. Eu já não conseguia mover meu pescoço. Minha visão estava fixa nos gatos e minha cabeça torcida para trás.

Ouvi quando um gato miou no canto da sala, onde deveria existir uma pequena mesa. O som foi tão baixo

que era quase inaudível. Mas os seus semelhantes ouviram perfeitamente. Os outros felinos começaram a miar em resposta. O primeiro som havia sido apenas a ordem que eles estavam esperando.

Alguns gatos já se moviam, andando lentamente. Eles não tinham pressa alguma, pois eu estava imóvel, um alvo, sem sombra de dúvida, fácil.

Arregalei meus olhos. O perigo iminente se aproximava cada vez mais de mim. Eu não iria chorar, pois seria um sinal de fraqueza, apesar de eu pressentir meu fadário.

Alguns gatos pularam do que deviam ser os móveis da sala, andando também, lentamente, em minha direção.

Senti que um gato saltou em minha cabeça e outros já estavam chegando perto das minhas pernas.

O felino que estava se enroscando em meus cabelos se mexia furiosamente, com suas unhas afiadas arranhando o meu couro cabeludo. Simultaneamente, outros três gatos agatanharam minha calça, enraivecidos. Depois disso, tudo aconteceu muito rápido.

Todos eles pularam em mim. Suas unhas arranharam-me tão furiosamente que tentei gritar de dor, porém minha boca não se abria mais. Os meus lábios não se mexiam.

Os cortes abertos sangravam. Os felinos gritavam, coléricos, emitindo sons tão ásperos como uma porta velha sendo arrastada por um asfalto. Pêlos entravam nos meus olhos, e a minha visão, já dificultada pela falta

de luz, embaçou completamente.

A dor era excruciante, como se pregos estivessem sendo arrastadas pela minha pele.

De repente, ouvi passos. Eu não conseguia distinguir de onde vinha o som, então tentei afiar meus ouvidos, mesmo em meio a tanto caos. Primeiro pensei que o retinir de passos no chão vinha da cozinha, e só depois conjecturei que na verdade o som dimanava da varanda.

Alguém entrava na casa emitindo uma forte luz. Minha visão turvada com os pêlos dos gatos piscou automaticamente. Tudo o que acontecia era confuso. Eu só podia ver que a luz era fulgente e ofuscante. Um anjo? Será que minha mãe viera me salvar? Ela era um anjo, quiçá por todo o tempo estivesse vagando e agora estava ali na minha frente para me socorrer. Será?

A pessoa que andava ao meu encontro começou a recitar palavras estranhas. Era uma linguagem diferente da empregada normalmente. Recordei de palavras semelhantes àquelas em um livro de meu pai. Um livro de rituais para exorcismo.

À medida que as palavras eram recitadas, os gatos começaram a encolher fisicamente. Alguns tentavam correr e descer do meu corpo. Abruptamente, eles evaporavam, transformando-se em fumaça.

A pessoa que veio em meu socorro deixou a luz que estava segurando em suas mãos cair no chão.

Outro texto de palavras antigas começou a ser recitado. Aos poucos recuperei meus movimentos. Parecia que um líquido frio estava sendo derramado

sobre mim e que conforme esse líquido descia pela minha pele, meus músculos voltavam ao normal.

Tentei mexer meu pescoço e percebi que ele não estava mais torcido para trás. Tirei minhas mãos da parede e sacudi as pernas que já respondiam aos meus comandos. Graças a Deus. E graças ao indivíduo.

Mãos agarraram minhas costas. Suas palmas eram macias, suaves, só que ao mesmo tempo fortes.

– Você não tem cérebro ou prefere não gastar seu tempo pensando em consequências dos atos? – A voz era feminina e tinha as mesmas características que as mãos. As palavras saíam de modo decidido, porém havia certa compreensão em seu tom.

Virei para olhar a mulher que me segurava. As mãos largaram as minhas. A sala continuava escura e por isso não consegui vê-la completamente.

O membro macio segurou de novo meu braço e me puxou. Pude sentir que ardia onde a mão tocava minha pele. Os cortes.

A mulher me puxava com força em direção à porta. Eu ainda estava um tanto paralisado devido à dor que os machucados me causavam e também pelos momentos de agonia que eu passara há poucos minutos. Entretanto, continuei a segui-la.

Saímos para a varanda da casa. O quintal estendia-se à frente e fiquei feliz de sentir o ar fresco penetrar minhas narinas.

A noite havia tomado conta de tudo.

A mulher continuava me puxando como se estivesse com pressa de sair daquela casa.



– Quem é você? – consegui perguntar com a voz ainda um pouco fraca.

– Daqui a pouco, ok? – a mulher parecia estar um tanto irritada comigo.

Continuamos andando até a rua e atravessamos o asfalto em direção à casa da minha tia. Surpreendi-me com o rumo que tomávamos.

A luz da lua e das estrelas permitia que eu pudesse ver parte da mulher que me puxava incansavelmente. Os seus cabelos lisos desciam até a metade das costas e a cor era um castanho brilhoso, semelhante a uma madeira clara envernizada. Ela era alta e seu corpo era esbelto e magro.

Andamos pela calçada de pedras que levava até a casa de Olívia. A mulher de cabelos castanhos não parava de andar e não falava nada. Conforme chegávamos perto da entrada da casa onde Olívia morava, percebi que ela mesma estava na porta, nos esperando.

A luz da varanda estava acesa, as plantas do teto murchas e sem cor.

– Salvo – disse a mulher que me puxou até ali. Sua mão soltou meu braço.

Minha tia usava o mesmo vestido verde que estava mais cedo. Ela me fitou com olhos fulminantes.

– Augusto, você realmente é burro. – suas palavras me deixaram assustado. Não é comum ver uma idosa xingando os mais novos.

Arqueando as sobrancelhas, olhei para a mulher, que eu pensara ser uma mulher forte e de mãos macias.

Ela vovera-se para mim.

– Meu nome é Jaqueline, respondendo a sua pergunta – ela não era uma mulher formada como eu idealizara. Na verdade, ela era uma jovem, sua altura era menor que a minha, e seu semblante era mais novo que o meu. Sua pele era branca, com algumas sardas na bochecha. Suas roupas resumiam-se em uma regata branca e calça jeans azul. Ela devia ter no máximo a minha idade, e mesmo assim, fora mais eficiente do que eu contra gatos assassinos.

– Prazer. O meu é Augusto. – estendi a mão, mas ela não se importou com o cumprimento. Voltei o membro para o lado do corpo novamente. Ela percebeu que eu fiquei sem graça.

Minha tia olhava para nós. Minha respiração ofegava, cansada.

– Entre agora e vá tomar um banho.

– Eu não tenho roupas – disse eu.

Jaqueline me olhou com tom de deboche.

– Quer algumas peças minhas emprestadas? – ela não riu. Seu ar era o de uma pessoa irritada e irônica.

Aquela garota não havia gostado de mim. A cada momento que passava eu gostava menos dela também.

– Deixei algumas roupas de seu pai no banheiro – Olívia disse, virando-se e entrando na casa.

Após minha tia entrar, Jaqueline seguiu atrás dela e eu logo após.

– Roupas do meu pai? Aqui? – a pergunta não era para ter saído em voz alta. A questão era uma reflexão minha. Certamente haveria um motivo para ter roupas

de Jonatan ali. Eu apenas tentava imaginá-lo.

– Sim. São peças velhas de quando ele ainda vinha visitar sua mãe, mas acho que servem em você – disse Olívia.

Jaqueline sentou-se no sofá da sala. O cômodo era amplo e rústico, com móveis que deviam ser antigos. O sofá era de madeira e sobre ele havia várias almofadas vermelhas e enormes, que pareciam ser confortáveis. Meu desejo era sentar naquele sofá ao invés de ir tomar banho.

– Posso saber por que você ainda não foi para o banheiro? – minha tia parecia ter adivinhado meus pensamentos, e os repreendido como uma avó brava.

– Eu não sei onde fica – respondi, mentindo sobre o motivo de não querer ir tomar banho, e por outro lado, eu realmente não sabia onde ficava o banheiro.

– Siga pelo corredor. É a segunda porta a direita.

Olhei para o extremo da sala. Na parede ficava uma porta que levava até a cozinha, onde eu havia conversado sobre minha família com Olívia mais cedo. Há poucos metros daquele portal, ficava a entrada para o corredor que seguia adentrando a casa. Nele a luz estava apagada. Com as pernas cansadas caminhei até lá, passando pelo portal, girei meu corpo, ficando de frente para o corredor que se estendia em minha frente.

No fim do caminho escuro parecia haver outra entrada. Uma porta aberta emitindo luz. Fixei meu olhar, ainda um pouco embaçado. Lá devia ser o banheiro.

Antes de seguir pelo corredor, virei o rosto para

Olívia.

– Não tem luz aqui? – eu sentia um pouco de medo do escuro, sem razão alguma em especial. Talvez devido ao fato de que no último lugar escuro onde eu entrei, quase fui morto.

Minha tia, que estava em pé conversando com Jaqueline, veio até mim. A garota de cabelos castanhos estava deitada confortavelmente no sofá. Ela olhou para mim assim que eu chamei por minha tia, sorrindo ironicamente, de novo.

Olívia passou por mim e entrou no corredor. Após alguns passos, vi de relance ela apertando algum tipo de botão, que devia ser o interruptor da luz, e então o lugar clareou-se.

Atrás de mim, Jaqueline dava uma gargalhada silenciosa. Irritei-me com o fato de tanta ironia em um único ser.

– O QUE FOI? – gritei em um momento de surto de raiva.

Sua risada pareceu silenciar-se. A garota me fitou, me fazendo perceber pela primeira vez que seus olhos eram verdes. Não era um verde comum, mas sim um verde da cor de folhas jovens e ainda cheias de clorofila. Porém a raiva estava visível em seus olhos. Arrependi-me de ter gritado, engolindo em seco.

Jaqueline levantou-se do sofá onde estava deitada e caminhou em minha direção. Minha tia pareceu não se importar com o fato de que ela estava vindo como que para me bater, e voltando do corredor, passou por mim, foi até o sofá e sentou-se calmamente.

Os olhos verdes de Jaqueline estavam a menos de um metro dos meus quando ela parou e continuou a me observar por alguns segundos. Sua expressão era tão fria que por algum motivo fiquei com medo de suas próximas palavras.

– Eu salvei sua vida e você me agradece gritando? – sua voz era firme, ao contrário da irritabilidade nítida em sua expressão.

– Me desculpe? – as palavras soaram como uma pergunta e me arrependi no mesmo momento.

– Me desculpe? – disse ela imitando minha voz. – Você quase mata sua tia de receio, e na verdade, quase morre também. Aliás, você quase me fez morrer junto com você, porque fui eu que tive que ir lá te salvar. Caso contrário, você teria tornado-se comidinha de gato. E as únicas palavras de agradecimento que você diz são “me desculpe”? – ela bufava de raiva.

Por um segundo, fiquei feliz de alguém, além de mim, ter conseguido ver aqueles gatos. Com a suposta ressurreição deles, comecei a duvidar da minha sanidade mental.

Vendo que os olhos de Jaqueline continuavam me fulminando, minha felicidade esvaiu-se com a mesma rapidez com que aparecera.

Decidi não respondê-la.

Jaqueline virou-se e voltou para o sofá, ainda impaciente. Senti que eu havia entrado na lista negra daquela garota.

– Quantos anos você tem? – perguntei. Realmente era uma questão inapropriada para o momento mas essa

pergunta não parava de martelar na minha cabeça.

Quando vi a menina na varanda da casa de Olívia há poucos minutos atrás, pensei que ela fosse mais nova que eu, devido a sua altura e ao seu rosto tão jovem. Contudo, com tanta ironia e determinação nas palavras, eu não tinha mais tanta certeza.

– O que? – ela me olhou como se estivesse confirmando que eu era realmente algum tipo de retardado.

– Quantos anos você tem. Só perguntei isso.

Ela virou-se novamente e voltou a andar em direção ao sofá. Jaqueline andava em silêncio como se estivesse tentando se acalmar. Sentando-se no sofá ao lado da minha tia, ela cravou sua visão em mim.

– Idade não é nada. Pelo menos na minha profissão.

– Qual a sua profissão?

– O que eu fiz para te salvar? Você não se lembra?  
– ela disse indiferente.

Minha tia olhou para mim também. Seus olhos azuis brilharam.

– Você é uma exorcista – murmurei em sinal de compreensão, tanto para mim, quanto para elas.

Jaqueline era uma caça-espíritos assim como meu pai e Olívia. A verdade me inundou. Outra idéia que surgiu repentinamente era a de que talvez ela estivesse estressada porque havia acabado de fazer seu trabalho. Meu pai era assim também, eu me lembrava de suas crises.

Abaixei a cabeça e girei meu corpo, entrando no

corredor que me levaria até o banheiro.

Jonatan sempre disse que eu era jovem demais para ser um exorcista. Hoje eu havia descoberto que suas afirmações também se deviam ao fato de eu não ter uma espécie definida. Era possível que eu fosse um ser celestial e tudo o que meu pai sempre quis foi me proteger da morte cruel que os demônios poderiam me proporcionar. Mas quanto à idade, não havia motivo para eu nunca ter ajudado ele em seu trabalho. Não obstante, Jaqueline era mais nova que eu...

Dei-me conta que a garota não respondeu minha pergunta principal.

Girei meus calcanhares e dei alguns passos para trás, voltando ao lugar onde eu estava antes. Jaqueline atentou-se a mim, mesmo depois de eu ter virado as costas para ela.

– Mas, quantos anos você tem? – a pergunta soou novamente boba.

Jaqueline riu. A gargalhada foi real, não existia mais ironia e nem o tom rude que antes estava evidentemente presente. A garota pareceu achar minha pergunta engraçada. Certo, que mudança de humor imprevista.

– Dezesete – disse ela ainda rindo – E você? – percebi que a última pergunta foi feita somente por educação.

A conversa sobre idades acabou me lembrando de algo que desde cedo não me passara pela cabeça após a conversa com meu pai. No dia seguinte seria meu aniversário. Eu iria completar dezoito anos.

Mordi os lábios.

– Dezoito – minha voz saiu falha. Jaqueline percebeu isso e então seu sorriso dissipou-se. Não expliquei nada para ninguém e saí.

A véspera do meu aniversário havia sido realmente uma merda. Quando eu acordei cedo meu pai ainda estava vivo, mas à tarde, isso já não era mais realidade. Eu desvendara que minha espécie é ainda indefinida, conquanto não soubesse se isso era algo bom ou ruim. Naquele dia eu dormiria sem ter a certeza de nada.

– Augusto, vá tomar banho e relaxar um pouco, você precisa. Durma aqui essa noite. O quarto de sua mãe está vazio há muitos anos, mas lá ainda existe uma cama – minha tia como sempre parecia adivinhar o que se passava em minha mente. Foi a última vez na noite que precisei ouvir aquelas palavras.

Finalmente, segui pelo corredor e fui até o banheiro.

O cômodo era todo coberto por azulejos brancos e existia pregado na parede não só um armário, mas três, porém só em um existia um espelho médio. Não ousei olhar minha imagem refletida, eu sabia que meu corpo estava coberto de arranhões.

Demorei cerca de meia hora no meu banho.

As roupas que Olívia deixara no banheiro estavam em cima de um dos armários. Eram realmente vestes velhas. A calça era social e preta, e parecia ter sido dobrada há anos. A outra peça era uma camiseta cinza de malha, sem estampa ou qualquer outro detalhe.

Vesti as roupas o mais rápido que pude e fui até a



cozinha, onde Jaqueline e minha tia estavam conversando. As duas pareciam estar em uma conversa séria, por isso decidi não interromper e fui até a mesa que ficava no centro do cômodo, puxei uma cadeira e me sentei.

A garota de olhos verdes estava sentada em cima da mesa e Olívia parecia não se importar com isso. Talvez minha tia tivesse apenas o jeito de uma pessoa autoritária. Bem... Talvez. Mesmo assim, ela preferia não sentar em cima da mesa também, ao invés disso, permanecia em uma cadeira a minha frente, parecendo escutar Jaqueline com muita atenção.

Jaqueline virou seu rosto em minha direção.

– Amanhã acorde cedo, por gentileza. Não me faça ter que ir até o quarto e te dar um soco para você despertar – Jaqueline disse, interrompendo meus devaneios.

– Por quê? – eu não estava com preguiça de ter que acordar cedo, mas parecia haver um motivo especial para o pedido dela.

– Tenho um lugar para te mostrar no centro da cidade. Lá existem pessoas como... eu. – disse, animada em encontrar seus semelhantes no dia seguinte.

– Como assim? – perguntei, querendo somente confirmar minhas suspeitas.

– Exorcistas, Augusto. Exorcistas – disse Jaqueline revirando os olhos. Antes que eu fizesse qualquer outra pergunta, ela continuou a falar. – Não me faça mais perguntas por hoje. Só te digo que eles podem ajudar a descobrir de qual espécie é... é... – ela hesitou. Eu já

sabia sua próxima palavra. – Você.

Olhei-a por alguns segundos. Jaqueline parecia me observar atentamente com seus olhos castanhos, assim como fez minha tia certa vez. Ela procurava a resposta para essa dúvida em mim: espécie, qual será a dele? Ao menos ela pretendia me ajudar, por algum motivo que eu não consegui imaginar.

– Ok – simplesmente concordei.

Meu estômago roncou e eu me assustei com o barulho. Eu não havia comido nada desde manhã. Entretanto, mesmo com meu estômago pedindo comida, eu não estava com fome. Sentia somente sono e cansaço.

Levantei-me.

– Preciso ir dormir agora, não estou me sentindo muito bem.

– Augusto, você precisa ser forte para o que está por vir – disse minha tia quebrando o silêncio que começava a pairar sobre o recinto. Eu estava tão cansado que não compreendi muito bem suas palavras. Somente olhei para ela e assenti.

Olívia me fitou com olhos exaustos. Por trás da autoridade daquela mulher, seus olhos refletiam compreensão, como se enviassem a mim uma mensagem de otimismo. Contive a vontade de abraçá-la. Eu não carecia de outro motivo para os deboches de Jaqueline.

Saí da cozinha e continuei andando até o banheiro. Estava tudo escuro, mas não senti medo como na primeira vez que passei por ali.

Minha visão já começava a ficar turva por causa do sono. Tive certeza de que quando me deitasse na cama, meus olhos não demorariam a se fechar.

Antes da porta do banheiro havia outra porta. Ali ficava o quarto onde minha mãe dormia quando morava naquela casa. Eu sabia disso por ainda lembrar um pouco de quando vínhamos juntos na casa de sua irmã, e ela então contava animadamente parte de sua história. Ana, minha mãe, nunca deu sinais de que era um anjo.

Abri a porta do quarto. O sono já estava tomando conta de mim e por isso não prestei muita atenção no que havia ali dentro. Só enxerguei que no centro do quarto tinha uma cama de casal arrumada para dormir. Fui até lá e me deitei. Virei meu corpo algumas vezes, até me sentir confortável.

Como eu pensara poucos minutos atrás, meus olhos não demoraram em fechar e eu logo dormi, esquecendo completamente de contar a Olívia o que acontecera com meu pai mais cedo naquele mesmo dia.

# Fotos

Acordei assustado.

Meu coração estava disparado por causa de uma súbita lembrança. Eu não havia contado para minha tia sobre a morte de Jonatan. Como era possível esquecer algo tão importante?

Levantei da cama e mal olhando para os lados, saí correndo em direção à cozinha.

Minha tia parecia estar fazendo uma massa de biscoitos na mesa quando eu entrei exasperado. Ela estava usando um vestido semelhante ao do dia passado, porém a cor era marrom claro, e tinha uma rosa preta de tecido presa ao busto.

– Tia – eu disse ofegante, encostando-me na porta que dava acesso a cozinha –, meu pai morreu.

Acredite, era bem mais difícil contar a alguém sobre aquilo do que você mesmo saber. A verdade

estava consolidando-se em minhas palavras.

Quando minha tia volveu seu rosto para mim, percebi que seus olhos estavam encharcados de lágrimas.

– Eu já sei. A televisão local informou a todos da cidade – sua voz estava frágil.

– O quê? – perguntei de imediato. – Como isso...

Antes que eu pudesse terminar a pergunta que se formulou em minha mente, Olívia parou o que estava fazendo e passou por mim, indo para a sala.

Fiquei observando-a, enquanto ela ia até o sofá velho no centro do cômodo e pegava um controle remoto, ligando a televisão.

Quem falava na televisão era Erik Truman, o jornalista que apresentava o jornal local. Sua voz era firme e seus cabelos castanhos. Ele vestia um terno preto, uma camisa branca e uma gravata vermelha. Seus olhos estavam perdidos atrás das lentes dos óculos de armação grossa usado por ele.

Erik parecia estar terminando uma notícia quando minha tia ligou a televisão. Assim que algumas fotos da construção de um novo shopping na cidade pararam de serem passadas, ele fixou seu olhar na câmera e falou.

– Temos mais notícias sobre a morte de Jonatan Walker. O homem de quarenta e seis anos de idade foi encontrado morto em seu domicílio pela (durante é melhor) madrugada. O corpo estava com sinais de facadas e seus olhos arrancados. – enquanto Erik falava, a filmagem gravada da minha casa começou a ser transmitida.

Andei até o sofá de madeira com almofadas vermelhas no centro da sala e sentei. Minha boca aberta de surpresa.

A imagem da fachada da minha casa foi substituída por outra na tela da televisão. A câmera havia filmado também o interior da residência. Todos os móveis permaneceram imóveis (todos os móveis são imóveis, sei que vc quis dizer que estava tudo igual ao que Augusto tinha deixado, mas é melhor mudar) desde que eu saí de lá, um dia atrás.

Olhei para minha tia, em pé ao meu lado. Seus olhos fixavam-se firmemente na direção da televisão.

A voz de Erik voltou a falar em tom ríspido.

– Fotos do corpo ainda não foram divulgadas, porém, autoridades que estavam presentes na hora que o morto foi encontrado disseram que ele se encontrava em estado macabro.

Uma mão tocou meu ombro, e com os olhos assustados, olhei para trás. Jaqueline estava atrás de mim também assistindo a notícia que passava na televisão. Eu não notara quando ela entrou na sala. Talvez estivesse ali desde que Erik havia começado a falar sobre a morte do meu pai. Levantei-me do sofá.

O jornalista já estava mudando de assunto e agora comentava sobre o clima nos últimos dias.

Jaqueline vestia uma calça de malha e uma camiseta branca de mangas compridas, com uma estampa que dizia “ANDO SOBRE O SEU CADAVER.” Abaixo das letras uma caveira dava término à estampa.

Os olhos verdes da garota me fitavam com dó.

– Sinto muito – em suas palavras não havia autoridade.

– Tudo bem. – Meus olhos deviam estar melancólicos, e indiscutivelmente confusos.

Girei meu corpo e retrocedi para a cozinha.

Na noite passada, depois que eu havia ido até a casa dos Jorgin e fui atacado pelos gatos, Jaqueline havia me salvado através de palavras que fizeram magicamente os gatos sumirem. Quando ela me trouxe até a casa de tia Olívia eu ainda estava em estado de choque e muito cansado. Minha falta de raciocínio em virtude disso me fizera esquecer completamente porque eu havia ido até a casa onde Huire se escondia. Eu queria vingança.

Antes de entrar na cozinha, olhei novamente para a sala. Minha tia continuava imóvel em pé, olhando fixamente para a televisão e Jaqueline, cabisbaixa atrás do sofá, segurando com as mãos o encosto de madeira.

Na cozinha, a massa de biscoitos estava começando a atrair algumas moscas e então eu as espantei com os braços.

Sentei em uma das cadeiras próximas à mesa, Olívia não tardou em adentrar no recinto, ainda com lágrimas nos olhos.

Eu era um lixo. Devia ter sido eu a contar para minha tia sobre a morte do meu pai, não era certo que ela soubesse desse fato pela boca de um jornalista. O homem era asqueroso e corriam boatos na cidade de que ele só não havia sido demitido do jornal porque a equipe

de produção não conseguia encontrar ninguém para ocupar seu lugar.

A cada lágrima que saía dos olhos de minha tia, eu me sentia pior.

– Me desculpe – falei, olhando para ela, que voltava a sovar a massa em cima da mesa.

– Não se preocupe. Eu sei que ontem a noite sua cabeça devia estar a mil. Saber da notícia hoje ou ontem não iria mudá-la, de qualquer maneira. – ela estava cabisbaixa e sua voz era quase que soluçada, mas ela tentava manter o controle sobre ela.

Olívia foi por muitos anos professora de meu pai. De acordo com a história que ela me contou, ela era a pessoa que lhe deu as primeiras instruções sobre exorcismos. Eles deviam ter convivido juntos por muitos anos. Uma grande amizade havia sido criada a partir disso.

Nós ficamos em silêncio brevemente. Olívia terminou de amassar a massa de biscoitos e colocou-os para assar. Quando ela sentou-se em uma cadeira no lado da mesa oposto ao meu, eu resolvi quebrar o silêncio.

– Foi ele quem matou Jonatan? Huire? – perguntei murmurando.

Jaqueline ainda não havia entrado na cozinha desde o momento em que eu a vi assistindo televisão. E mesmo que nossas brigas estivessem em uma pausa, eu ainda não queria que ela soubesse demais sobre a intimidade da minha família.

– Se ele é Huire, sim. Acredito que foi ele quem o



matou – sua voz era decidida, como se não houvesse sombra de dúvida para com a afirmação.

– Eu quero vingança – minha voz saiu seca.

Quando eu terminei de dizer as palavras, reparei em minha tia, que me fulminava com os olhos.

– Augusto, eu não acre... – sua voz mudava do tom calmo e triste para o irritado. – Eu não acredito que você foi até a casa dos Jorgin ontem para se vingar. Você está louco?

Como assim? O espírito maligno que se denominava Huire já havia assassinado meu pai e minha mãe. As duas pessoas mais especiais para mim. Justamente por isso, eu com certeza iria querer vingança.

Não consegui entender a atitude de minha tia e nem sua pergunta, que me pareceu ofensiva.

– Tia... Ele matou os meus...

– Ele matou os seus pais sim. Disso eu sei – sua voz estava fria. Olívia levantou-se da cadeira onde estava sentada.

– E então?

Porque minha tia estava falando daquela maneira comigo?

– Augusto, você não é nada perto de Huire. Ele pode te matar a qualquer momento, e só deve estar esperando tanto tempo para isso porque ainda não se divertiu o bastante – sua voz rouca estava alterada. Ela começou a andar em passos lentos, indo e voltando em um espaço de no máximo dois metros.

– Eu não quero ser diversão de ninguém. Eu quero

vingança.

Olívia abaixou a cabeça e a balançou em sinal negativo.

– Você tem que esperar, garoto. Ontem você quase morreu – sua voz era tão séria e cortante que quase me doía fisicamente. – Essa seria uma ótima forma de desonrar o sangue de seus pais.

As palavras me atropelavam brutaemente. A verdade expressa nelas doía, mas ao menos era real.

– Como eu posso destruí-lo então?

Olívia respirou por alguns segundos, tentando recuperar a calma. E então voltou a sentar na cadeira onde estava há poucos segundos.

– Você precisa descobrir o que você é primeiro. – Lá estávamos nós de novo, entrando no assunto sobre a minha espécie. O fato era que eu não estava nem um pouco interessado em saber de qual espécie eu era. Meu objetivo principal era destruir para sempre o assassino dos meus pais.

– Sinceramente, eu acho que isso realmente não impor...

– Não ouse terminar essa frase – Olívia estava eficiente em me interromper. – Quando você souber a verdade sobre Huire, se arrependerá de tê-la dito. A sua ligação com aquele demônio é mais forte do que você imagina.

– O quê? – perguntei com a voz exasperada, com súbita curiosidade, e com razão.

Certa vez, minha tia me dissera que para entender o porquê de Huire ter matado minha mãe era necessário

entender a história dela com meu pai. Agora ela acabava de dizer que entre eu e o espírito assassino havia uma ligação. Uma interrogação pairava sobre meu intelecto.

Antes que minha tia respondesse minha pergunta, Jaqueline entrou na cozinha.

A garota estava com o cabelo preso em um rabo-de-cavalo que aos meus olhos parecia muito formal. O penteado não era sua única diferença. O pijama que mais cedo ela estava vestindo, havia sido substituído por uma camiseta verde escura de mangas curtas e uma calça branca de algodão.

Ela estava perto da porta e me fitou. Percebi que seu olhar procurava uma resposta.

– Eu posso saber por que você ainda não está pronto?

Olívia levantou-se da cadeira onde estava e foi até o forno onde os biscoitos eram assados. Ela retirou uma forma cheia deles de dentro do compartimento e trouxe para a mesa.

Olhei para Jaqueline.

– Eu posso saber por que eu deveria estar pronto?  
– respondi sua pergunta com outra.

Ela revirou os olhos. Senti que ela já estava começando a ficar irritada.

– Não posso acreditar que você esqueceu que iríamos sair hoje de manhã.

Arregalei meus olhos em sinal de surpresa, lembrando que Jaqueline realmente havia dito para mim noite passada que me levaria em algum lugar especial, onde havia pessoas como ela: exorcistas.

Nos últimos dias eu estava esquecendo muitas coisas, até mesmo importantes. Por ventura, quando tudo isso acabasse, fosse melhor procurar um profissional no ramo que pudesse me ajudar.

Dei-me conta de que eu ainda vestia as roupas velhas de Jonatan que estavam na casa de Olívia.

– Bem, eu acho que vou precisar de roupas melhores que estas para sair.

– Passaremos na sua casa – a garota de cabelos castanhos parecia decidida.

Minha tia fixou os olhos em nós, como se ainda decidisse em quem daria uma bronca primeiro.

– Vocês estão loucos ou o quê? – sua voz saiu ríspida. – O corpo foi achado morto lá, hoje. A casa deve estar cheia de policiais procurando por pistas. Não seria nada prudente que vocês dessem as caras lá, por enquanto – ela falava firmemente. – Sorte sua que ainda não estão te procurando para que dê depoimento.

Na verdade, não era sorte. Eu saía tão pouco de casa que era possível que muitos vizinhos nem soubessem que meu pai tinha um filho. Muitas nem saberiam que pessoas moravam naquele lugar.

– Depois que eu te levar até onde temos que ir, vamos em alguma loja, então – disse Jaqueline. – Mas pelo menos procure outra roupa do seu pai, essa está toda amassada.

Antes que eu perguntasse mais alguma coisa, minha tia explicou que as roupas do meu pai ficavam guardadas em um guarda-roupa no mesmo quarto onde eu dormi noite passada.

Eu comi alguns dos biscoitos que estavam em cima da mesa e levantei da cadeira onde estava sentado.

Saindo da cozinha, passei pela sala. A televisão naquele momento já estava desligada, mesmo assim lembrei-me da voz de Erik Truman dando a notícia sobre a morte do meu pai.

Huire era tão intromissivo que até mesmo na minha própria casa ele havia dado um jeito de me impedir de entrar.

Fui na direção do. (tá faltando complemento dessa frase) A porta estava aberta da mesma forma como eu deixei da última vez que passei por ali.

Minha visão devia estar péssima em virtude do sono na última noite.

Em uma das paredes havia uma cômoda baixa de madeira branca. Em cima dela estavam alguns retratos com imagens coloridas neles.

Aproximando-me das fotos, percebi que uma mulher sorridente estava visível em todas elas. Olhando mais atentamente, vi que a mulher era na verdade minha mãe. Seus olhos azuis e seu cabelo preto não me seriam estranhos nem que se passassem milhares de anos.

Todas as fotos haviam sido tiradas da mesma maneira. Apenas o rosto da minha mãe foi fotografado. O que diferenciava as imagens eram suas expressões em cada uma delas.

Na primeira foto ela estava com o sorriso aberto com plena felicidade. Nas outras nove ou dez, sua expressão variava entre cansada, triste ou deprimida. Qual seria o motivo de tanta falta de ânimo?

Depois de ficar apreciando as fotos em silêncio, rememorei que caso eu demorasse muito, Jaqueline ficaria furiosa.

Dei uma olhada ao meu redor. Perto da cama e encostado na outra parede estava um guarda-roupa branco. Fui até ele e abri uma das três portas. A maioria das roupas do meu pai estavam todas dobradas. As calças estavam separadas em uma pilha e as camisetas ficavam em cabides.

Assim como as roupas que minha tia me emprestou noite passada, as outras também tinham um aspecto de velhas. Em sua maioria, eram camisetas sem estampas e calças jeans ou sociais.

Revirei a pilha de calças no próprio guarda-roupa. Algumas caíram no chão ao meu lado.

Escolhi uma calça jeans azul escuro e uma camiseta branca de mangas curtas. Eram umas das poucas peças que ainda pareciam não serem tão acabadas, se comparadas às outras.

Depois de trocar minhas vestes, fui colocar as calças que caíram no chão de volta no guarda-roupa.

Um pedaço de papel caiu de dentro do bolso de alguma das peças. Terminei de guardá-las e me abaixei para pegá-lo.

Em um canto no papel estava escrito:

Ana Walker, Abril de 1994.

A caligrafia era bonita e delicada. Não a mesma letra que eu vira meu pai escrever em seus papéis de

rascunho.

Quando virei o papel, se tratava de uma foto de minha mãe. Ela havia sido fotografada de corpo inteiro e estava, para minha surpresa, grávida.

Eu nasci no ano de 1993, e de acordo com a legenda da foto, ela foi tirada em 1994.

Quem quer que fosse a pessoa com aquela caligrafia, havia escrito a legenda com um pequeno erro. Mesmo assim, senti que algo estranho estava acontecendo. Decidi que era melhor perguntar por mais informações sobre aquela foto à minha tia. Existia algo errado por ali?

Guardando a foto no bolso, vi que ao lado da cômoda, as roupas que eu usava ontem à noite estavam dobradas e lavadas. A chave do carro que guardei no bolso da calça na noite passada estava sobre elas. Um dia eu teria que agradecer Olívia por tudo o que ela fez por mim nas últimas horas.

Guardei a chave no bolso e saí do quarto.

Na cozinha, Jaqueline sentada, conversava com minha tia, enquanto seu pé batia nervosamente no chão.

Ele meu viu entrar no cômodo e advertiu-me com o olhar.

– Por que você é tão chato, garoto? Era necessário demorar quase meia hora para se trocar? – seus olhos verdes me fuzilavam.

– É que eu achei...

– Não interessa – disse ela com um tom irritado, levantando-se da cadeira. – Olívia, vamos voltar tarde.

Minha tia, que estava lavando louça na pia,

pareceu não se importar com o que Jaqueline disse.

– Vamos? – a garota já estava saindo da cozinha, andando rapidamente para a varanda.

Eu queria perguntar para Olívia sobre o erro estranho da legenda da foto que eu encontrei no antigo quarto de minha mãe. Mas era previsível que caso eu demorasse mais um segundo dentro daquela casa, Jaqueline me mataria pelo atraso. Então, a segui até a porta. De qualquer forma, aquela descrição errada na foto não deveria ser nada demais. Porém, por que eu não sentia isso?

Quando saímos da varanda, fiquei feliz de ver que o sol estava brilhante e o ar fresco e agradável.

Meu carro ainda estava estacionado na rua em frente a casa.

Jaqueline, percebendo isso, pigarreou.

– Você sabe dirigir? – ela me fitou com olhos curiosos. Naquele momento, presumi que ela não deveria saber dirigir.

– Sim – respondi sorridente.

Comecei a andar na calçada de pedras em direção ao carro. Jaqueline me seguia, quieta. Chegando ao veículo, abri a porta e entrei. Ela o contornou por trás e bateu no vidro da porta do banco de passageiro na frente, esperando eu destravá-la.

Por um momento ri com a idéia de deixá-la para fora e dar a partida no BMW. Contudo, lembrei-me que o caminho para o tal lugar onde devíamos ir era ela quem sabia.

Destravei a porta manualmente e ela entrou.



– Bem... Pode dar partida.

– Só estava esperando o seu comando.

Coloquei a chave na ignição e girei-a. As próximas instruções do caminho quem me daria era Jaqueline.

Olhei para ela, que me fitava com olhos surpresos, como quem acabava de lembrar-se de algo importante.

– Hoje é seu aniversário!

Mesmo sabendo que não foi uma pergunta, respondi.

– Ah, é mesmo. – Franzi as sobrancelhas.

Então, Jaqueline fez o que eu menos esperava. Ela me abraçou.

# Bar da Morte

– EU DISSE “À DIREITA”! – Jaqueline gritou.

Estávamos ela e eu há quase meia hora andando de carro pelo centro da cidade.

Supostamente, Jaqueline deveria saber para onde estávamos indo, mas sempre que ela falava a direção que eu deveria seguir, alguns segundos depois ela parecia mudar de idéia, e então gritava.

Lancei a ela um olhar irritado.

– Você disse que era para a esquerda, não à direita – minha voz saiu calma, apesar de tudo – Essa é a ultima vez que aceito erros. Seus gritos já estão fazendo meus ouvidos doerem.

– Nossa... Coitadinho – sua imitação de voz de infantil era péssima.

Continuei guiando o carro por mais algum tempo na rua onde Jaqueline me falou para entrar. As casas ao

redor eram todas velhas e com uma aparência incrivelmente encardida. Todas estavam envelhecidas de sujeira. Fiz a volta pela quadra e voltamos na mesma rua que estávamos antes de eu virar à esquerda.

– É a direita mesmo... Acho que estamos perto. Vire o carro na direção certa agora – sua cabeça estava firmemente voltada para frente.

– Ok.

Entrávamos agora em uma das principais avenidas da cidade. Carros passavam e buzonavam uns para os outros. Existiam tantos veículos que meus ouvidos, já doloridos pelos gritos de Jaqueline, arderam em repúdio.

Continuei dirigindo o carro pela direção que a garota me instruiu.

Nas extremidades da avenida, as calçadas eram lotadas de pessoas de todos os tipos. Todas elas andavam apressadas, algumas trombando nas outras e fora as pessoas, o que mais havia era enormes lojas. Em sua maioria, as vitrines estavam cheias de roupas em manequins masculinos e femininos.

– Aonde você vai me levar? – perguntei.

– Para um bar.

Aquele dia era meu aniversário de dezoitos anos, mesmo assim, eu tinha certeza que Jaqueline não estava me levando em um bar para comemorar a data.

– Que tipo de bar?

A garota que sentava a meu lado no carro me fitou. Jaqueline já havia me dito que o lugar para onde estávamos indo era um local onde encontraríamos

exorcistas. Porém, eu não conseguia pensar em pessoas daquele tipo juntas em um só lugar, muito menos num bar.

– Um bar normal, mas como eu já te disse, cheio de exorcistas. – disse Jaqueline.

Assenti como resposta.

– E como é o nome desse bar? – perguntei curioso. Talvez fosse possível que eu já conhecesse esse tal lugar, entretanto, nunca é fácil identificar quem exerce funções secretas, principalmente tratando-se de exorcistas.

– Acho que não tem nome – seus olhos brilharam. – Mas muitas pessoas o chamam de Bar da Morte.

Os pelos do meu braço se arrepiaram.

Fiquei pensando por longos segundos qual seria o motivo para um nome tão macabro como “Bar da Morte”. Eu nunca vi realmente a morte, e não sabia se ela era um espírito ou algo parecido, mas ser a morte a proprietária de um bar parecia-me uma idéia inusitada e impossível.

Não perguntei mais nada a Jaqueline, seu humor já não estava muito bom desde que saímos da casa, e eu não queria arriscar a piorá-lo.

À medida que seguíamos pela avenida, os olhos verdes da garota pareciam brilhar cada vez mais, como se lembranças comesçassem a fluir em sua mente.

Encontrávamo-nos a algumas quadras do principal shopping da cidade. O fluxo de pessoas era intenso e as fachadas das lojas de roupas brilhavam chamando a atenção de quem passava.

– Pare. – disse Jaqueline, sorridente. Mas não estava sorrindo para mim.

– Eu... eu não posso parar no meio da rua. Não quero o BMW envolvido em algum acidente.

– Bem... Então procure um lugar para estacionar. Rápido – os olhos de Jaqueline cravados para a imagem além da janela do carro. Olhei para a mesma direção que ela. Não havia nada além de uma grande loja de roupas chamada Gyr. Pessoas saíam e entravam de lá.

– Onde está o bar? – eu já estava começando a pensar que Jaqueline tinha algum problema de vista, e que seu senso de orientação era realmente horrível.

Ela virou sua cabeça em minha direção, revirando os olhos ao mesmo tempo.

– Logo você verá. Não se preocupe.

Na verdade, eu já estava preocupado com a sanidade mental dela.

Enquanto seguia pela avenida, avistei uma vaga livre, onde era possível estacionar.

Assim que parei o carro, Jaqueline abriu a porta e pulou para o lado de fora. Ela parecia estar com pressa de rever seus amigos.

Desliguei o BMW, abri a porta, e também saí para o lado de fora. Tranquei a porta com e coloquei a chave no bolso da calça.

Jaqueline já andava depressa em direção contrária a que estávamos vindo anteriormente. Segui pela calçada atrás dela. Sua camiseta verde era meu único ponto de referência. Muitas pessoas passavam por nós.

Corri atrás de Jaqueline, trombando em algumas

peessoas. Não havia tempo de pedir desculpas, e à medida que eu andava, notava olhares raivosos em minha direção. Eu queria olhar para trás e gritar “Me desculpe”, mas na velocidade que Jaqueline andava, eu logo a perderia de vista.

Andamos por quase uma quadra e estávamos quase perto da loja Gyr, onde a garota, que naquele momento seguia em minha frente, queria que eu estacionasse o carro.

Ao redor não havia nenhum bar, mesmo assim, Jaqueline andava decidida em frente, até que parou e virou-se para mim. Parei a um passo dela, quase trombando nela.

O fluxo de pessoas não sustava em momento algum. Muitas transitavam ao nosso lado, andando em ritmo rápido.

– E? – perguntei. Eu ainda não conseguia contemplar nenhum bar próximo a nós.

– Olhe disfarçadamente para o lado. – Jaqueline e eu estávamos tão próximos que eu pude sentir o calor do seu hálito.

Virei à cabeça para o lado. A única imagem que eu podia enxergar era a de pessoas andando.

Antes que eu gira-se a cabeça novamente. Jaqueline disse algumas palavras em som baixo.

– O portão. O portão – sua voz era quase inaudível.

Conforme o fluxo de pessoas enfraquecia um pouco, algumas brechas de visão surgiam. Continuei fitando o fim da calçada ao meu lado, e vi pela primeira vez ali algumas grades de metais roxas. Continuei a

observar até que distingui o que existia naquele lugar. Um portão ficava em uma viela ao lado da loja Gyr, mas as pessoas que passavam por ali não o notavam.

Olhei para cima. O portão era de quase dois metros de altura, porém, sua largura não deveria passar no máximo de oitenta centímetros.

Vendo que eu já enxergava as grades roxas, Jaqueline foi até elas. Os homens e mulheres que passavam na calçada não miravam o que ela estava fazendo. Sua mão passou pelas grades e puxou a trava de segurança. O portão abriu para fora e ela entrou.

Ainda assustado com aquela abertura que parecia levar para dentro de um túnel com paredes de pedra ao lado da grande loja de roupas, segui Jaqueline.

Assim que entrei no túnel que existia depois do portão roxo, olhei para trás. Onde até poucos segundos estavam as grades, agora havia uma porta de madeira com aparência antiga e desgastada.

Fitei Jaqueline por alguns segundos em silêncio.

– O que acabamos de fazer?

Ela estava parada na minha frente, encostada na parede do pequeno túnel (aparentemente da mesma largura que o portão), mas que parecia se estender por metros e metros.

Jaqueline parecia feliz, pela primeira vez no dia.

– Seu pai nunca te contou sobre a entrada para o Bar da Morte?

– Não. – respondi calmamente.

Ela revirou os olhos e começou a andar pelo túnel escuro que seguia em frente. Eu a seguia conforme ela

andava.

– Essa entrada é enfeitada por bruxas. É por isso que humanos normais, sem características sobrenaturais, não conseguem ver o portão roxo bem no nariz deles – ela parecia falar com ar cansado, como se eu já devesse saber de todas aquelas informações.

– Você disse bruxas? – perguntei surpreso com o que Jaqueline me dissera.

– Sim – ela girou a cabeça um segundo, olhando para mim, mas continuou a andar pelo túnel.

Parei por um momento de andar e fiquei quieto.

Mais um ser sobrenatural existia no mundo e Jonatan provava, mesmo depois de morto, ser um péssimo pai-exorcista. Em minha opinião, o seu dever era me contar tudo do mundo obscuro, pois de certa maneira, eu fazia parte dele.

Percebi que Jaqueline não havia parado de andar assim como eu fiz, e então para alcançá-la corri mais alguns metros, até chegar em seu encalço.

O túnel escuro parecia não ter fim.

– Jaqueline, como são as bruxas? – minha pergunta soou boba. Eu parecia uma criança pequena e abelhuda. Mas o que eu podia fazer se Jonatan nunca me dissera nada?

– Elas são normais. – Jaqueline devia ter percebido que as bruxas eram algo que Jonatan nunca havia me contado sobre. Sua voz assemelhava-se com a de uma professora que entende bem da matéria a qual ministra. – São mulheres de todas as idades, e assim como os exorcistas, muitas vezes não são percebidas até que...



usem sua magia.

Magia inteiramente controlada por humanos. Mais um item que eu devia anotar em minha lista mental **TAMBÉM EXISTE**.

Eu sempre soube que os espíritos possuíam o domínio de uma propriedade mágica. Com esta, eles possuíram humanos e muitas vezes manifestaram seu poder fisicamente desde séculos atrás. Os relatos sobre espíritos são, em suma, relatos sobre essas manifestações “físicas” deles. Mas, eu nunca soube da existência de pessoas capazes de praticar magia através de feitiços. Previ que as bruxas teriam meu respeito para sempre.

– Estamos quase perto. – Jaqueline mostrava-se cada vez mais radiante. Ela estava ansiosa como eu nunca a vira antes.

Olhei para frente. O cabelo, preso em um rabo-de-cavalo, balançava atrás dela. Adiante da garota, comecei distinguir, através da escuridão, uma porta de madeira, muito parecia com que a da entrada interna para o túnel.

Eu e Jaqueline andamos alguns metros até que chegamos à porta e paramos, ficando em silêncio. Olhei para a madeira envelhecida, e percebi dois fatos: 1-A porta estava trancada, e, 2-Não existia nenhuma maçaneta para abri-la.

– Eu não acredito que teremos que voltar – minha voz angustiou-se com o pensamento.

– Claro que não! – Jaqueline parecia decidida.

– Não sei você percebeu, mas não há maçaneta alguma ali. Ela é necessária para abrir uma porta,

principalmente quando a mesma está trancada – disse eu firmemente.

– Só é preciso que alguém abra para nós do outro lado.

– E como alguém saberá que estamos aqui fora? – tive vontade de rir, porém, antes que eu fizesse isso, vi o que a garota ao meu lado iria fazer.

Jaqueline, simplesmente, bateu com a mão na madeira. O som ecoou pelo túnel atrás de nós.

Alguns segundos se passaram. Comecei a ficar nervoso e a bater levemente meu pé no chão.

Ouvi o barulho de uma chave girando em uma maçaneta, e então a porta velha de madeira abriu para dentro. O Bar da Morte ficava do outro lado do portal.

Primeiro, pensei que quem abrisse a porta havia sido alguém muito baixo, mas depois que olhei para dentro do bar, percebi que não havia ninguém na entrada, todas as pessoas ali se encontravam sentadas em mesas espalhadas pelo recinto.

Jaqueline sorriu e passou pela porta. Eu a segui fielmente. Quem conhecia todos, ou quase todos que estavam no bar, era ela ,e não eu.

Por um momento, me senti perdido, até que Jaqueline olhou para mim e sorriu sem graça. O humor dela variava constantemente. Mas seu sorriso era realmente perfeito.

Ao nosso redor, o Bar da Morte se estendia para os quatros lados. As paredes eram feitas de pedras assim como as do túnel, dando um aspecto antigo ao ambiente, o que contrastava com as pessoas que estavam lá.

Homens e mulheres de todas as idades sentavam-se em cadeiras ao redor de grandes mesas de madeira envernizada.

Quando eu soube, ainda na casa da minha tia, que Jaqueline iria me trazer para um lugar onde exorcistas (e bruxas) se encontravam, eu pensara automaticamente que encontraria nesse local um bando pessoas com vestes antigas, marrons e sujas. Ao invés disso, o visual de todos variava entre o moderno e futurístico.

Nas mesas, as pessoas riam e conversavam alegremente umas com as outras. Eu ainda não sabia quem no recinto eram os exorcistas, as bruxas, e ainda talvez outros seres sobrenaturais. Só era perceptível que todos se sentiam bem e confortáveis no bar.

Em um canto, atrás de um grande balcão de madeira, havia um enorme armário de ferro apinhado de bebidas de todas as cores. Eu não conseguia nem imaginar o que deviam ser aqueles líquidos.

Perto do balcão, em uma mesa pequena, quatro garotas sentavam-se ao seu redor. Olhei para o rosto de cada uma delas, e fiquei paralisado com tanta beleza. As quatro meninas eram extremamente lindas. Fiquei boquiaberto em silêncio por alguns segundos.

Jaqueline me fitou, e pude perceber que através de seu olhar feliz – certamente, por estar naquele bar –, ela ficou um tanto sem graça ao testemunhar para onde eu admirava.

– Não esqueça do que viemos fazer aqui – disse ela, apática.

Eu não sabia o que ela queria dizer com aquilo, eu

ainda não havia me distraído com nada.

Jaqueline começou a andar novamente em direção a uma mesa mais afastada, em um canto oposto ao do balcão, onde se encontravam a maioria das pessoas aparentemente animadas. Eu fui atrás dela.

Na direção por onde seguíamos, existia apenas uma mesa, na qual um homem de meia idade sentava, rindo sozinho e alegremente.

O senhor nos olhava curiosamente. Jaqueline andava decididamente em direção a ele, parecendo não se importar com seu modo interrogativo de fitar.

Chegamos bem próximo ao móvel de madeira, e o homem olhou para Jaqueline com seu sorriso intensificando-se subitamente. A garota também sorria para ele. Senti que eles já se conheciam e então resolvi ficar quieto, esperando ela começar uma conversa com aquele senhor.

– Tio Samir – não era bem a reação que eu esperava de Jaqueline, mas ela contornou a mesa indo até o senhor sentado na cadeira, e quando ele se levantou para cumprimentá-la, ela o abraçou fortemente.

Eles não eram só conhecidos, mas também tio e sobrinha.

Tentei comparar as características de Samir com Jaqueline. O gosto descolado para roupas era comum entre os dois, pois ele usava uma camiseta azul com uma grande estampa de um vampiro da série de televisão *The Vampire Diaries*, e também calças jeans pretas.

Quanto às aparências físicas, Samir tinha um nariz

adunco e seus cabelos eram tão negros quanto os meus, mesmo já nascendo alguns fios brancos na cabeça do homem. Seus olhos eram verdes, assim como os de Jaqueline.

– Minha querida Jaqueline, há quanto não te vejo.  
– Samir dava tapinhas nas costas da sobrinha.

Era realmente muito estranho ver alguém tratando Jaqueline como uma pequena sobrinha. Eu ria internamente.

Quando os dois terminaram de se abraçar, Samir sentou-se novamente, Jaqueline acomodando-se ao lado dele. Foi só quando isso aconteceu que Samir ressaltou minha presença. Ele olhou para mim por alguns segundos e lançou um olhar questionador na direção da sobrinha.

– Esse é Augusto, um amigo meu. – disse ela em tom indiferente.

Senti-me excluído.

– Deixe-me ver, deixe-me ver... – o homem de cabelos negros parecia pesquisar informações em sua mente. – Augusto Walker? Filho de Jonatan Walker? – disse ele em voz de suspeita.

– Sim – eu respondi.

Samir colocou as mãos no queixo e fitou-me. O olhar me fez rememorar de quando Olívia e Jaqueline haviam me fitado da mesma forma. Como se procurassem a resposta para a dúvida de minha espécie em mim mesmo. Talvez o homem ali também soubesse sobre minha vida mais do que eu.

– Interessante... – seu tom era pensativo.

Antes que eu pudesse perguntar como Samir conhecia meu pai, Jaqueline cortou nossa conversa, iniciando outra com o tio.

Puxei uma cadeira da mesa ao lado e sentei nela, ficando do lado oposto onde estavam Jaqueline e seu tio.

– Tio, estamos aqui porque eu sei que você andou pesquisando sobre os híbridos de anjos com médiuns. Seres como o Augusto – disse a garota de cabelos castanhos calmamente.

Pesquisa sobre mim? Esse fato certamente acabava de me deixar ainda mais embaraçado. Minha tia, Olívia, uma das pessoas mais inteligentes que eu já conheci, fez a mesma coisa anos atrás e não descobriu nada sobre o assunto. Mas ainda havia a possibilidade de uma resposta, pois eu existia. Carecia de haver.

– Sim. Sim. – Samir parecia estar organizando suas ideias dentro de seu intelecto – Não descobri muitas informações.

O tio de Jaqueline continuava a me olhar pensativamente, e isso já estava me deixando desconfortável.

Virei-me um pouco na cadeira e resolvi me intrometer na conversa sobre mim.

– O que você descobriu, Sr. Samir? – falei um pouco formalmente. Ainda não sabia como ele gostava de ser tratado. – Gostaria muito que o senhor me contasse tudo.

Samir colocou as mãos sobre a mesa e tamborilou seus dedos, ainda decidindo por onde

começar a falar sobre sua pesquisa.

– Você sabe, garoto, que me deixou por muitas noites acordado? – ele não falou rudemente, era um tom de voz comum.

Sem saber ao certo o que responder, continuei em silêncio, esperando por suas próximas palavras.

– Vamos pelo começo. Você deve saber de algumas outras informações antes de conhecer os resultados dos meus estudos.

Assenti em sinal afirmativo.

– Anjos sempre existiram assim como os espíritos, eles são corpos celestes que habitam corpos de humanos comuns que nascem mortos – ele disse, meio questionador.

Refleti sobre o que ele dissera e assimilei os fatos. Minha mãe era um anjo que entrara no corpo de uma criança que nasceria morta. Uma informação a mais para eu guardar.

– Então, a irmã de verdade de Olívia nasceria morta se minha mãe não entrasse no corpo dela? – perguntei para a confirmação de meus pensamentos.

– Sim, isso. – Samir preparava-se para o principal.  
– Hum... Os anjos podem ter filhos com humanos normais, mesmo sendo raros os casos, mas nunca houve problemas quanto a isso. Porém, seu pai não era um humano normal. Creio que você já deve ter ouvido isso.

Não fora pela boca do meu pai que eu havia ouvido que ele era um médium, pois ele nunca me contara isso, mas sim Olívia.

– E o que isso significa? – perguntei.

Samir riu anormalmente. Sua gargalhada parecia ecoar por todo o bar, mas ninguém prestava muita atenção nela. Quando a crise de riso do homem de cabelos negros cessou, ele me fitou.

– Eu não sei – Samir ria de si mesmo, sua voz ainda estava em tom divertido.

Jaqueline olhava o tio atentamente. Pensei que ela sendo sobrinha de Samir, já devia estar acostumada com o excêntrico comportamento do tio, mas seu olhar negava essa minha afirmação.

O tio de Jacqueline parecia não saber de mais nada além do que já dissera a nós. Abaixei a cabeça por alguns segundos, perguntando-me internamente quando eu saberia o que eu realmente era.

– A alguma chance de eu ser um anjo? – levantei a cabeça e fitei Samir com olhos atentos.

Olívia já dissera certa vez que sentia uma aura em mim, e que talvez ela pudesse representar o fato de eu ser um anjo. Existia uma possibilidade, e eu me agarraria a ela.

– Sim, há – seu tom mudara completamente. Naquele momento ela tornou-se séria e firme.

– Há algum teste que possa fazer? Como eu posso ter certeza disso? – perguntei.

Samir mirou seus olhos alegres em minha direção, parecia que eu acabava de acender uma luz em sua mente tão confusa. Uma resposta para todos os estudos daquele homem.

– Uma bruxa... – ele murmurou baixo para si mesmo – Uma bruxa saberia fazer um teste em você.



Um sorriso nasceu dos lábios de Samir.

Eu olhei para Jaqueline, e percebi que ela não sorria como o tio.

– E onde encontramos uma bruxa? – perguntei.

Jaqueline revirou os olhos, seu semblante era como o de uma professora que explicara uma matéria a seu aluno, mas ele havia esquecido dois segundos depois. Sempre uma professora.

– Aqui, talvez – a voz dela soou indiferente.

– Como?

– Há varias bruxas aqui no bar, nesse exato momento – disse Samir.

Olhei ao redor. As pessoas que estavam no bar ainda conversavam e riam umas com as outras. O problema foi que só naquele segundo eu percebi o quanto o Bar da Morte era bem frequentado. Havia realmente muitas pessoas. Todavia, os rostos de mulheres que ali estavam não tinham nada que os diferenciasssem como bruxas.

– O senhor conhece alguma? – girei a cabeça novamente na direção de Samir.

– Sim, sim. É claro.

Antes que eu entendesse completamente a resposta de Samir, ele já se levantou e com passos lentos foi em direção ao balcão na outra extremidade do bar.

Levantei da cadeira onde eu estava e segui Samir, para onde quer que ele estivesse indo.

Jaqueline ainda continuava sentada. Olhei para ela com os olhos interrogativos.

– Eu não vou.

Parei de andar por um minuto.

– Como assim?

Foi Jaqueline que me trouxera no bar para procurar a resposta da questão sobre minha espécie, e quando estávamos tão perto disso, ela simplesmente não levantava da cadeira onde estava sentada.

– Eu odeio aquelas bruxas. – O olhar fulminante que Jaqueline lançou para as quatro garotas que se sentavam perto do balcão me assustou.

Mesmo a passos lentos, já dava para perceber que a direção na qual Samir estava indo era a da mesa onde elas estavam.

Assimilei os fatos mentalmente e finalmente entendi quase tudo. As quatro lindas meninas que eu vi quando cheguei ao bar eram bruxas e, por alguma causa, Jaqueline as odiava.

A menina de cabelos castanhos em minha frente parecia decidida a não levantar-se da cadeira. Seja lá qual fosse motivo para o ódio, ele devia ser fundamentado.

Eu não iria me ajoelhar e implorar para Jaqueline que ela fosse conversar com as bruxas, então virei o corpo e andei em passos longos pelas mesas cheias de gente, até alcançar Samir.

Nós já estávamos a quase um metro da mesa das bruxas quando uma delas nos viu e cochichou algo para as outras. No mesmo minuto, sabia que era algo relacionado a mim, pois todas giraram suas cabeças na minha direção. Cara, elas eram lindas.

Constrangido, parei ao lado de Samir quando

chegamos ainda mais próximo à mesa de madeira onde as quatro beldades sentavam-se. Suas cadeiras ficavam somente em um lado da mesa e uma sentava-se do lado da outra. Fitei cada uma das garotas e tive certeza que elas eram realmente incríveis.

As bruxas me olhavam atentamente em silêncio. Todas elas pareciam ter no máximo dezesseis anos. A do lado direito da mesa tinha cabelos castanho-claros soltos até os ombros e olhos escuros.

Ao seu lado, sentava-se uma garota com quase as mesmas características que a primeira, porém seus cabelos eram pretos.

A próxima tinha olhos azuis e de sua cabeça desciam longos fios loiros. Dentre todas as bruxas, aquela parecia a mais simpática.

A última, do lado esquerdo da mesa, tinha cabelos negros como a segunda, porém sua pele era a única morena, contrastando com a pele clara das outras, e seus olhos eram negros como uma noite sem lua, chegando à opacidade.

Nenhuma das bruxas parecia ser a líder do grupo, então não fitei nenhuma em particular ao começar a falar.

– Olá – minha voz era fraca diante delas. Quando a ouvi, fiquei envergonhado.

A bruxa do lado esquerdo me mirou com seus olhos negros e sorriu sinceramente.

– Olá – a voz que falava era doce. – O que nós podemos fazer por vocês, queridos?

Quando girei minha cabeça na direção de Samir, vi

que ele estava, assim como eu, enfeitado com a beleza das garotas. Dei uma cotovelada discreta nele, e então seus olhos pareceram encontrar o foco novamente.

Samir sacudiu a cabeça.

– Precisamos de ajuda – o som de sua garganta saía um pouco engasgado.

– Para qual de vocês? – quem falava não era mais a bruxa morena, mas a que estava do lado oposto ao seu. Seus cabelos castanhos sacudiam levemente enquanto ela falava.

– Eu – falei automaticamente.

– No que podemos ajudar? – disse a bruxa de cabelos pretos.

As perguntas vibravam como se já estivessem sido ensaiadas.

Samir então começou a explicar para elas o que acontecia comigo. A dúvida sobre minha espécie pelo fato do que meus pais eram. Um anjo e um médium. Conforme o tio de Jaqueline falava, a bruxa que ficara em silêncio até aquele momento olhava para a menina que as “odiava” na mesa onde eu estava há poucos minutos atrás, Jaqueline.

Segui o olhar da bruxa loira e vi uma Jaqueline emburricada, com os braços cruzados. Ela esperava por algo ansiosamente, até que um garçom vestindo uma camisa social branca e calça preta apareceu no meu campo visual e deixou um copo, com um líquido estranhamente amarelo, em cima de sua mesa.

Jaqueline não olhava nem por um segundo para a mesa das bruxas.

As pessoas perto de mim estavam em silêncio. Virei minha cabeça para a mesa das lindas garotas. Samir já havia terminado de contar minha história resumidamente.

A bruxa morena levantou-se e foi até mim. As outras observaram seus movimentos, juntamente comigo. Ela contornou a mesa andando e parou a poucos centímetros dos meus olhos. Suas mãos tocaram meus cabelos.

– O que você está fazendo? – perguntei envergonhado.

– Calma – respondeu ela rindo. – Nós vamos fazer um teste.

Lembrei-me de quando Samir havia dito que as bruxas eram as únicas que saberiam fazer um “teste de espécie” em mim.

– Eu vou tentar ver sua aura, o que médiuns nunca conseguiram fazer, tanto com espíritos, como com anjos – sua voz era tão calma que senti meus músculos relaxarem. O que ela dizia era verdade, os médiuns só eram capazes de sentir as auras, mas não vê-las.

– Ok – respondi.

Conforme a bruxa passava as mãos em minha face, meus órgãos formigavam, mas sabia que aquilo não era nenhuma possessão, era algo diferente. Deduzi como sendo magia. Não deixava der ser uma sensação boa.

– Qual o seu nome?

Lá estava eu novamente fazendo perguntas bobas em momentos inapropriados.

– Livia – seu riso era o mais agradável que eu já

ouvira.

Se todas as bruxas fossem como aquelas, elas poderiam ser realmente consideradas como deusas.

De repente, Lívía paralisou suas mãos em minha face. Seus músculos enrijeceram e ela, subitamente, gritou.

Sem pensar, recuei para trás, deixando suas mãos flutuantes no ar.

Lívía caiu de joelhos no chão.

A bruxa de cabelos castanhos levantou-se de sua cadeira e foi até Lívía. Ela abaixou-se no chão e ajudou sua semelhante a levantar-se.

Conforme Lívía retomava os sentidos, ela fitou a outra bruxa.

– Não consegui ver a aura dele, Helena. – murmurou Lívía, assustada, alto o suficiente para que eu ouvisse.

Instantaneamente me intrometi na conversa.

– O que aconteceu?

Helena e Lívía giraram as cabeças ao mesmo tempo, em minha direção.

Foi a bruxa morena que quebrou o silêncio.

– Eu não consegui ver sua aura – repetiu ela, com voz que parecia assustada. – Ela é extremamente intensa – mesmo ainda estranha, Lívía continuava a falar de maneira doce, até mesmo envergonhada.

– Há alguma outra maneira de saber? O que podemos fazer? – eu estava começando a ficar desesperado. Ninguém parecia ser capaz de sanar a dúvida sobre minha espécie. O que eu faria?

Helena parecia estar com medo de suas próximas palavras.

– Há outro tipo de teste, só que... ele já não é mais utilizado – sua voz era tão linda quando a de Lívía, e estava também amedrontada.

– Explique-me melhor – pedi.

As duas belas garotas foram andando lentamente em silêncio, e sentaram-se.

– Natália – disse Lívía –, explique melhor a ele. Estou exausta.

A bruxa olhou para mim.

– Quase nunca podemos não ver a aura de um ser sobrenatural, isso só acontece quando ela é realmente forte – suas palavras fluíam decididas. – O único teste disponível para sanar sua dúvida será a Sala dos Demônios.

Os pelos do meu braço arrepiaram-se quando eu ouvi o nome que Natália dissera.

Fiz minha próxima pergunta, mesmo temendo a resposta.

– É um lugar perigoso? – perguntei.

Todas as bruxas estavam atentas a mim.

– A Sala dos Demônios é um local extremamente poderoso. Pessoas já morreram lá. – disse Lívía.

Fiquei sem palavras por alguns segundos, e antes que eu fizesse outra pergunta, Natália me cortou.

– Não podemos dar mais informações agora, rapaz. – sua voz soava ainda decidida e um pouco fria. – Mais nada. Volte aqui no bar amanhã se ainda quiser fazer o teste.

Procurei abobalhadamente com os olhos uma porta que poderia dar entrada a uma suposta sala dos demônios.

Samir endireitou-se e girou o corpo na minha direção.

– Acho melhor irmos – ele me fitou e disse tão baixo que eu quase não pude ouvir. – Elas realmente não vão falar mais nada sobre a Sala dos Demônios.

Um sorriso vacilou nos lábios de Samir ao dizer o nome do local onde eu faria meu teste (ainda não sabia como), para descobrir de uma vez por todas qual era minha espécie. Estranhei aquele equivocando movimento de seus lábios, mesmo que o comportamento dele sendo sempre tão excêntrico, aquele sorriso pareceu a mim como inapropriado.

Quando eu e Samir nos viramos para sair, pude perceber de relance que a única bruxa que não dissera uma palavra, e que poucos minutos atrás olhava intensamente para Jaqueline, fitava o tio da garota com uma expressão de medo.



# Pânico no shopping

Jaqueline andava apressadamente pelo túnel que levava a saída do Bar da Morte. E eu a seguia em silêncio, andando no mesmo ritmo.

Nós havíamos saído do bar há poucos minutos, e mesmo assim eu repassara mentalmente minha conversa com as bruxas quase umas dez vezes.

Quando eu e Samir havíamos terminado de conversar com as bruxas, voltamos até a mesa onde Jaqueline estava. O tio dissera a ela que eu logo iria contar toda conversa com as bruxas. Porém, ela não me perguntava nada ainda, e eu na realidade ainda não havia assimilado todos os fatos.

Continuamos a caminha até a porta de saída daquele túnel escuro. Jaqueline puxou a tranca e nós saímos, para minha felicidade, no mundo normal.

Pessoas continuam a andar de um lado para o outro

na calçada em nossa frente. Dois jovens saindo de um portão, não existente a olhos comuns, parecia não chamar a atenção de toda aquela gente.

Jaqueline não parava nem por um minuto, e assim que saímos pelo portão, ela continuou a andar pela calçada, indo na direção onde havíamos deixado o carro estacionado.

Depois de quase uma quadra. A garota de olhos verdes virou-se para mim, a poucos metros do BMW preto.

– Suas roupas – ela colocou as mãos na cabeça. Sua expressão ainda era um pouco emburricada, como estivera desde que eu e Samir havíamos ido conversar com as bruxas. – Nós nos esquecemos de comprar.

Veridicamente, eu precisava comprar roupas. Minha casa estava interditada pela polícia, e eu não poderia voltar para lá tão cedo devido ao assassinato. Suspeitas policiais não eram necessárias em minha vida.

Recordei que passáramos bem perto da Gyr, que ficava ao lado da entrada para o Bar da Morte, mas com toda minha confusão mental, eu nem ao menos lembrara de parar lá.

Meu estômago doía de fome. Tive uma ideia.

– Vamos no shopping. – Não era uma pergunta.

Jaqueline me lançou um olhar interrogativo.

– Pode ser, então. Mas não podemos demorar, tenho algumas coisas para te contar.

Estranhei seu tom misterioso.

– Coisas?

– Bem... Meu tio me disse algumas coisas que

andam sendo comentadas no mundo espiritual. – A garota de cabelos castanhos virou-se e andou até o carro.

Também coloquei minhas pernas para funcionar e fui até a porta do motorista no BMW, abrindo-a rapidamente.

Entrando no carro, estiquei-me até alcançar o pino da trava da porta do acompanhante e a puxei com a mão. Logo eu precisaria de um sistema de travas elétricas. Ter que ficar esticando o corpo sempre era cansativo.

Jaqueline mal entrara no carro, e eu lancei-lhe um pedido.

– Explique-me melhor sobre esse mundo espiritual e o que anda sendo comentando por lá.

A garota me fitou com seus olhos verdes.

– Você não sabe sobre o mundo espiritual?

Fiz que não com um movimento da cabeça.

– Nossa! – exclamou ela surpresa. – Seu pai não te contava quase nada mesmo.

O que ela deixara de dizer, era que o fato de Jonatan não haver me contado quase nada sobre espíritos e anjos não era culpa minha.

Fulminei Jaqueline, mas ela não percebeu e continuou a falar.

– Assim como nós temos nosso próprio mundo. Os espíritos também têm o deles. Simples assim.

– Mas e os anjos?

– Alguns moram lá também, e tentam controlar a baderna que deve ser. Os demônios não aceitam isso, na

verdade, nunca aceitaram o comando dos anjos, e é por isso que eles vêm sempre fazer uma visitinha na terra. – E quando estão no nosso mundo, possuem e matam pessoas inocentes, nada relacionadas com o conflito deles. Seres negros versus seres celestiais. – Assim, alguns anjos vêm para cá também, para tentar levar de volta os espíritos. Mas a parte da conversa sobre como os anjos nascem meu tio já te explicou.

“Os espíritos reencarnados, na verdade entram nos corpos de seres humanos, assim como os anjos, mas para se esconder dos seres celestiais aqui na terra.”

Samir realmente me explicara sobre o fato dos anjos entrarem em crianças mortas ainda dentro do próprio útero da mãe. Embora eu não soubesse que o método também era utilizado por espíritos, tornando-os os espíritos reencarnados. Um método que na verdade funcionava, pois como eu já sabia, nem os próprios médiuns conseguiam encontrar um espírito reencarnado em um ser humano, já que eles não emitem aura.

– Jaqueline, mas por que os anjos não conseguem lembrar que são anjos? – Havia sido o caso da minha, que nunca soube o que era.

– Isso não acontece sempre, só com alguns. – Seu rosto era inexpressivo. – O que aconteceu com sua mãe... – disse ela, parecendo ouvir meus pensamentos – foi um acidente.

Assenti tristemente com a cabeça, e pude ver Jaqueline olhando para mim de relance.

Coloquei a chave do carro na ignição e dei partida no veículo.

A avenida estava ainda mais cheia de carros do que quando viéramos. Eles passavam em alta velocidade ao nosso lado, e na primeira brecha que encontrei, entrei no trânsito.

O sol já estava a pino, e as ruas amarelas embaçadas de calor.

Eu sabia onde ficava o melhor shopping da cidade, e isso me deixou feliz por não ter que precisar ouvir novamente os gritos de Jaqueline, uma péssima orientadora quanto a ruas e avenidas.

Olhando rapidamente para ela enquanto guiava o carro, intuí que ela ainda não terminara de me contar todos os fatos que sabia.

– Você não disse o que está sendo comentando no mundo espiritual. – De alguma forma, eu tinha o conhecimento de que aquele seria o ponto principal da conversa.

Seus olhos deixavam claro que ela não havia se esquecido de me contar o que eu pedia, mas ainda procurava a melhor forma de fazê-lo.

– Eles estão falando de você, Augusto. – sua voz refletiu pena. – Huire voltou para lá há algum tempo atrás e agora ele quer que outros espíritos unam-se a ele, para destruir você.

Eu não entendi nada.

– Calma – pedi, assustado. – Bem... O quê? – minha voz soou exasperada.

– Huire não estava lá até alguns dias atrás. Mas agora ele voltou. Augusto, ele quer por algum motivo destruir você. E para isso está pedindo ajuda a outros

espíritos.

Eu fitei Jaqueline com receio

Quase sentido naquele momento. Júlia Jorgin, a menina que morrera há poucos dias atrás havia sido possuída por Huire, mas quando ele a matara, sem outro corpo para onde ir, ele ficara vulnerável aqui na terra, assim ele voltou para o mundo espiritual, mesmo que antes disso ele houvesse matado Jonatan. Minha linha de raciocínio fazia sentido.

Contudo, Huire queria me matar também. Eu não conseguia entender qual era o motivo da perseguição da minha família pelo espírito maligno. O fato de minha mãe ter sido um anjo talvez contasse como um bônus, mas por que ele fizera questão em matar meu pai? E por que ele queria me matar agora?

Dias atrás, eu prometi para mim mesmo que iria me vingar de Huire pela morte de meus pais, e cheguei a ir a casa onde ele havia matado sua vítima antes de Jonatan, realmente procurando briga. Mesmo assim, como Olívia certa vez dissera, eu não era nada comparado ao Huire. Ele era forte, poderoso e maligno. Devia existir algum motivo em especial para Huire querer-me morto. Eu só não podia nem imaginar qual era.

Não perguntei mais nada para Jaqueline. Eu sabia que a garota estava tão perdida quanto eu.

Estávamos a algumas quadras do shopping quando um pensamento passou pela minha cabeça.

– Por que você me ajuda? – murmurei.

Jaqueline me escutou mesmo eu falando baixo.

– Você está falando de mim?

Girei a cabeça por alguns segundos em sua direção.

– Sim.

– Eu estou te ajudando por causa de Olívia – disse ela. Eu não a pressionei a continuar, mesmo assim ela o fez. – Eu devo um favor a sua tia. Ela me abriga em sua casa desde que eu tinha quatorze anos.

Eu fiquei tanto tempo sem ir à casa de Olívia após a morte de minha mãe, que até uma abrigada ela conseguira e eu não sabia.

– E seus pais? – não consegui me calar diante da curiosidade.

– Meu pai era um médium e minha mãe uma bruxa.

Aparentemente, eu não era o único no mundo filhos de dois pais sobrenaturais.

– Você brigou com eles ou algo assim?

– Não. – À medida que Jaqueline falava, sua voz ficava triste. – Eu era a filha mais velha deles. Porém, eu nasci sem dom algum. Meus pais ao perceberem isso enquanto eu crescia, começaram a me tratar mal. Eles chegaram a achar que eu não fosse filha deles.

Minha boca entreabria-se de surpresa com o que a garota de olhos verdes me dizia, entretanto, consegui controlar o movimento dos lábios.

Fiquei em silêncio, esperando Jaqueline ter iniciativa para continuar sua história.

– Quando minhas irmãs nasceram bruxas, foi o momento mais difícil para mim – sua voz aumentou um

tom, como se uma súbita raiva estivesse tomando conta de Jaqueline. – Elas eram as queridinhas de meus pais, e essa situação só piorava para mim, até que não aguentei mais e fugi.

– Quantas irmãs você teve? – perguntei.

– Quatro – disse ela secamente. – As quatro bruxas.

Dessa vez eu não pude controlar e fiquei boquiaberto.

Algumas informações se encaixaram em minha mente. Meu Deus... as bruxas que estavam no Bar da Morte eram irmãs de Jaqueline, que não deixava de ser linda como elas. Somente não fora especial ao nascer. Os pais dela deviam tê-la feito sofrer muito. No fundo dos olhos verdes de Jaqueline, uma imensa tristeza estava escondida.

– Mas você é uma exorcista Jaqueline, e os exorcistas são médiuns. Caso você não tivesse uma propriedade sobrenatural em si, não conseguiria ver a entrada para o Bar da Morte, como você mesma me explicou.

– Calma – disse ela. – Minha história não acaba assim. Quando sua tia me acolheu, não demorou até que eu descobrisse que ela era uma exorcista – sua voz, ainda um pouco seca, pronunciava as palavras. – Eu queria ser como ela, queria ajudá-la. Olívia me dissera então que talvez fosse possível eu me tornar uma médium. Mas só quem poderia me dar esse dom era, certamente, uma bruxa.

Nunca imaginei que a vida de Jaqueline fora tão



complicada e até mesmo lúgubre.

– Então, fui até uma de minhas irmãs – continuou ela –, a única que eu me simpatizava um pouco, Patrícia. – disse, dando ênfase nas últimas palavras.

A bruxa loira e de olhos azuis que fitava Jaqueline no bar. A mesma que durante minha conversa com suas irmãs não dissera nada. Aquela devia ser Patrícia.

– Então ela fez o que você pediu, – completei a história de Jaqueline. – e aqui está você hoje. Uma das melhores exorcistas que já conheci.

A garota de cabelos castanhos ao meu lado sorriu sem graça. Mesmo assim, fiquei feliz com seu ato.

– Mais alguma pergunta, Sr. Curiosidade? – Jaqueline riu verdadeiramente e eu ri também.

– Por enquanto não.

– Só não esqueça de virar na entrada do estacionamento do shopping.

A mudança de assunto me fez acordar. Por alguns minutos, eu dirigira sem nem mesmo prestar atenção nas ruas. A entrada com a placa indicando o estacionamento do local aonde íamos estava a poucos metros.

Girei o volante e entrei na rampa que descia em direção ao estacionamento do shopping.

Eu e Jaqueline comíamos velozmente, pois nossa fome intensificara-se ao chegar à praça de alimentação do shopping onde estávamos.

Mesas de plástico espalhavam-se ao nosso redor, lotadas de jovens, mulheres, homens e crianças.

A garota de cabelos castanhos sentada em uma cadeira ao meu lado comia tão rápido quanto eu, e o motivo não era por estarmos com pressa, mas sim com muita fome.

Quando chegamos ao shopping, nós não pensamos duas vezes e fomos direto para a praça de alimentação, no centro da enorme construção. Praticamente, todas as lanchonetes de fast-food só eram encontradas naquele local. Assim que sentamos em uma das diversas mesas que havia lá, logo fomos atendidos por uma simpática garçonete do Bob's e não demorou muito para que ela trouxesse o que pedimos. Jaqueline pediu um sanduíche que possuía mais legumes do que pão, e, eu um enorme Big Bob.

Enquanto comíamos, ficamos em silêncio. Aquela era a melhor hora para contar a Jaqueline toda minha conversa com as bruxas, e assim que nossos lanches acabaram, ela me fitou interrogativamente, como se esperasse o mesmo.

– O que minhas irmãs te disseram então? – ela perguntou, em seus olhos a curiosidade só faltava saltar.

Contei a Jaqueline toda conversa que eu e Samir, tio dela, tivéramos com as bruxas, irmãs dela. Quando eu comecei a falar sobre o estranho teste que Livia tentara fazer em mim, ela me fitou hostilmente, mas fingi não perceber nada e continuei. Finalmente terminando de contar toda a conversa, olhei para a garota e sua expressão estava indubitavelmente surpresa.

– Você vai entrar na Sala dos Demônios? – seus

lábios mexiam-se firmemente.

A boca de Jaqueline era linda. Deixei-me olhar por alguns segundos para ela, mas quando presumi que a garota esperava uma resposta minha, sacudi a cabeça e despertei-me dos devaneios.

– Sim – eu disse.

A expressão assustada de Jaqueline me lembrou do que as irmãs dela haviam me dito sobre a Sala dos Demônios.

Jaqueline colocou as mãos nas têmporas e pareceu pensar antes de pronunciar seus próximos termos.

– Isso não está certo. Pessoas morrem na Sala dos Demônios, Augusto. – existia um tom um pouco desesperado em sua voz. – Você deveria estar preparado antes de ir para lá. – disse ela, de maneira baixa.

Assenti tristemente com a cabeça.

– Mas não há outra maneira. Eu preciso saber qual é a minha espécie. Se o que o que sua irmã... – Jaqueline lançou um olhar fulminante com o que eu disse. Tossi forçadamente e consertei minhas palavras. – Se o que Livia disse for verdade, minha aura pode ser extremamente forte. E eu ainda nem sei o que isso significa.

Jaqueline abaixara sua cabeça e a balançava em sinal negativo.

– Mesmo assim, o resultado do teste que você passara na Sala dos Demônios talvez não compense o que você poderá sofrer.

– Como assim? – perguntei um pouco angustiado com o que ela me dissera.

– Augusto, o nome do local já diz tudo. Sala dos Demônios. – Jaqueline virou sua cabeça e fitou meus olhos reflexivamente. – Ela fica no mundo espiritual, e é realmente cheia de espíritos. O teste pode ser muito doloroso, caso você consiga sair ao menos vivo. Vou te explicar! – exclamou ela, empertingando-se na cadeira – Ele funciona da seguinte maneira: Quando um ser sobrenatural está no meio de muitos outros, como os demônios, suas propriedades mágicas ficam no ápice. Assim, quando você estiver lá, seu verdadeiro eu será revelado. – Suas sobrancelhas arqueavam-se. – Consegue entender isso?

As informações que Jonatan devia ter me passado desde que eu nascera sobre o mundo dos anjos e demônios já estavam quase explodindo minha cabeça. Mesmo assim, balancei a cabeça em sinal positivo, respondendo a pergunta de Jaqueline com outra.

– Se eu for um anjo, como será meu “eu”?

– Caso você seja realmente um anjo, eu não sei. Desculpe – disse ela, um pouco triste – Mas se você for um médium, seus extintos de sabedoria irão se manifestar. Algo assim.

Arrumei-me na cadeira, ficando mais confortável.

– Explique-me melhor – pedi.

– Eu nunca fui lá, então não sei muito bem como funciona. Mas já ouvi médiuns falando sobre a Sala dos Demônios. Alguns disseram que palavras de rituais de exorcismo começaram a fluir naturalmente em suas mentes, mesmo que eles nunca as tenham lido, nem ouvido.

Recordei as palavras de Helena, uma das irmãs bruxas de Jaqueline, e formulei minha próxima pergunta.

– Há quanto tempo essa sala não é mais utilizada?

– Alguns anos atrás. Quando as bruxas aceitaram usar seus poderes para fazer os testes – a voz de Jaqueline mudava quando ela dizia as palavras “bruxa”, deixando claro que não gostava dos seres. – Assim, as mortes não eram mais necessárias.

Assenti como forma de mostrar que eu entendera o que ela havia me dito.

Levantei da cadeira e Jaqueline fez o mesmo.

Já estávamos em pé quando ela recomeçou a falar.

– Quando você irá entrar na sala? – uma centelha de esperança parecia nascer em sua voz. – Talvez ainda de tempo para que eu e Olívia possamos preparar você um pouco. Lutar com demônios não é muito fácil.

– Bem... – fiquei constrangido de recusar a ajuda de Jaqueline, mas eu sabia que não haveria tempo. – Amanhã.

– Oh. – A centelha de esperança morreu com a mesma velocidade que havia aparecido. – Teremos que confiar em seus instintos então.

Nós andávamos sem parar pelos extensos corredores do shopping.

As minhas mãos e as da garota que andava a meu lado já começavam a doer devido às pesadas sacolas cheias de roupas que carregávamos.

Até agora, eu devia ter comprado no máximo dez

peças, entre camisetas e calças. Porém, Jaqueline entrava e saía de lojas automaticamente ao ver nas vitrines blusas das mais diversas cores. O pior era que ela comprava todas.

– Como você tem tanto dinheiro? – perguntei curioso.

Os exorcistas não costumam ganhar um salário fixo e gratificante em seus trabalhos, era mais como uma forma boa de usar a mediunidade que a maioria deles tinha.

Jaqueline me olhou de modo irritado.

– Meus pais ainda me mandam uma mesada. Mesmo eu não sendo a queridinha deles, e nem eles a mim – respondeu ela secamente.

Procurei outro assunto para substituir o anterior, antes que Jaqueline discutisse comigo. Eu não duvidava nada disso. Ela seria capaz de gritar palavrões pelo shopping.

– Temos que comprar mais roupas para mim.

Jaqueline olhou para suas mãos e depois para as minhas. Ainda andando voltou a falar.

– Já não compramos o suficiente? – disse ela indiferente.

– Não. Praticamente noventa por cento desse peso que estou carregando nas mãos são roupas suas – dei ênfase na última palavra.

Jaqueline voltou a olhar para frente.

– Vamos naquela loja ali então – ela levantou com dificuldade uma das mãos, que segurava uma sacola de papel verde, e indicou a entrada de uma grande loja de

roupas.

O lugar era imenso e havia roupas de todos os tamanhos e cores penduradas em cabides espalhados organizadamente em toda loja.

O cheiro de roupas novas já estava me enjoando. Eu só iria comprar mais algumas peças de roupas para mim e iria embora, com ou sem Jaqueline.

Parecendo ouvir meus pensamentos e fazer pirraça, a garota de olhos verdes começou a desviar-se de mim, começando a andar até a parte da loja onde estavam as roupas femininas.

– Onde você está indo?

Ela parecia nem ter escutado o que eu dissera. Seus olhos estavam fixos em uma imensa prateleira cheia de tecidos coloridos.

Espantei-me quando Jaqueline saiu de seu transe, de modo momentâneo, e olhou rapidamente para mim.

– Acho que vi um vestido perfeito.

Torci o nariz e continuei a andar em direção a sessão masculina, vendo a garota afastar-se cada vez mais de mim.

Repentinamente, trombei em uma montante de camisetas brancas que estavam em cima de uma bancada no centro da loja. Todas as peças de roupa caíram no chão e espalharam-se. Coloquei as sacolas de lado, e me ajoelhei para recolhê-las.

Quando toquei na primeira camiseta, uma mão branca pousou sobre a minha.

Olhei para a pessoa que estava em minha frente. Era uma mulher de cabelos castanho-escuros presos em

um coque. Ela vestia o uniforme padrão de vendedoras da loja.

– Pode deixar. Eu pego – sua voz era áspera.

– Eu ajudo. Sem problemas.

Arrependi-me no mesmo tempo de ter dito as últimas palavras, quando vi que a vendedora da loja me lançava um olhar bruto.

– Rapaz, esse é meu dever. Pelo menos não me incomode. – seu tom me assustou, era sombrio e calmo.

Levantei do chão e peguei as sacolas de roupas que eu e Jaqueline havíamos comprado em outras lojas.

Ao longo de minutos, fiquei pensando no comportamento agressivo que a mulher acabara de ter. Talvez ela só fosse uma má funcionária, mas que melhoraria com uma bela bronca do gerente.

Pus-me a andar novamente e segui até a sessão de camisetas masculinas.

Havia muitas, desde camisetas pretas e com estampas góticas, até as mais simples, que variavam entre malhas de cores claras, somente com pequenos bordados na região do peito direito.

Eu olhava as camisetas atentamente, procurando as que mais se assemelhavam ao meu gosto de vestuário.

As camisetas simples me chamaram a atenção, como sempre, já que eu nunca gostava de roupas coloridas e muito enfeitadas. Para mim, elas ficavam simplesmente ridículas.

Escolhi uma camiseta branca simples e passei levemente a mão sobre ela. Seu tecido era confortável, e olhando a etiqueta, vi que o número era o ideal para



mim. Peguei uma camiseta de cada cor daquele modelo. Ao total, foram cinco peças.

Minhas compras estavam encerradas.

Volvi meu corpo para trás e olhei ao redor, procurando por Jaqueline. As roupas continuavam intactas nos cabides onde estavam, mas eu não conseguia encontrar a garota. Foi quando percebi que as pessoas sumiram de toda loja. Na verdade, desde que entrara no recinto, não havia visto ninguém além das vendedoras. O que aquilo poderia significar?

Dei alguns passos com as camisetas nos meus braços. Perto de mim estavam três mulheres com o uniforme da loja. Eu fitei-as, uma por uma, e com surpresa, tomei consciência de que elas também olhavam atentamente para mim.

Comecei a andar apressadamente pela loja, mas quanto mais eu caminhava procurando pela saída, maior o lugar ficava.

Quando avistei a porta pela qual eu entrara, eu já estava praticamente correndo.

Senti uma mão segurar meu braço e olhei para trás.

A vendedora que fora ríspida comigo antes me empunhava, sua força descomunal para uma mulher magricela como ela.

Tentei desvencilhar meu braço de seu aperto, porém meu movimento só fez com que ela colocasse ainda mais força na mão que me segurava.

Repentinamente, a mulher começou a me puxar para trás, me afastando da saída. Eu ainda via pessoas andando lá fora no corredor do shopping, mas nenhuma

parecia notar o que acontecia comigo dentro da loja de roupas.

Conforme a vendedora me puxava, tentei fixar meus pés no chão. Isso não foi suficiente com a força incrível que ela tinha. Sentia meus pés deslizarem pelo piso liso de cerâmica.

Caí no chão, deixando as sacolas e as camisetas caírem junto comigo. Soltei as roupas. Seria uma cena ridícula para quem visse. Um jovem sendo arrastado no chão e ainda segurando suas sacolas. Isso certamente poderia soar como se eu fosse um ladrão. Eu não era, e, não compreendia a situação.

A mulher, vendo meu estado ao cair no piso, pegou a minha perna ainda mais forte do que meu braço, e começou a me arrastar. Eu tentava agarrar o piso, mas era impossível, pois ele era liso, o que também ajudava a mulher a me arrastar.

Rolei meu corpo no chão ainda sendo puxado, e olhei para ela. Ela andou mais alguns metros e parou, soltando minha perna.

Levantei imediatamente e olhei ao redor.

Onde estava Jaqueline quando eu mais precisava dela?

Não foi Jaqueline quem apareceu, ao invés dela, outras cinco vendedoras uniformizadas da loja vinham ao meu encontro.

Conforme as mulheres aproximam-se de mim, pude ver que no lugar onde deveria estar os olhos delas, não havia nada, somente um oco. A imagem me fez lembrar automaticamente quando eu encontrara meu pai

morto em cima da mesa, na cozinha da minha casa. E no mesmo momento, entendi quem estava controlando aquelas mulheres. Huire. De novo tentando me matar.

Meus músculos formigaram e eu perdi os sentidos, menos a visão. Eu estava sendo possuído fisicamente, uma sensação que eu já sentira antes na casa dos Jorgin.

Caí duro no chão, as vendedoras cada vez mais próximas de mim. A que havia me puxado até aquele lugar havia posicionado-se a mais ou menos um metro de mim. E em seu rosto, um sorriso estava estampado. Um sorriso cruel.

Eu não conseguia gritar, e por isso a única ação que tive foi piscar os olhos por causa da claridade vinda do teto.

As vendedoras posicionam-se ao meu redor. Deitado no chão, vi que elas formaram um círculo perfeito ao redor de mim.

Uma das mulheres saiu do círculo e foi até onde eu estava. Ela se ajoelhou ao meu lado e colocou o dedo indicador em minha testa. Senti sua pele gelada sobre a minha; sua unha apertava minha testa até que a pele não aguentou mais, e furou. Sangue começou a escorrer da minha fronte.

Meus olhos moviam-se de um lado para o outro, procurando desesperadamente por Jaqueline. Odiei o fato de ela ser uma compradora compulsiva.

– Augusto Walker, irmão sem rumo do meu senhor... – sua voz era falha. Quando a mulher disse suas últimas palavras, percebi que era possível meus olhos abrirem-se ainda mais de surpresa.

O que ela estava dizendo? Eu queria perguntar em voz alta, porém meus lábios não se abriam nem um milímetro, estavam congelados.

– Você deve morrer – disse a vendedora ajoelhada ao meu lado.

Todas as outras mulheres começaram a repetir o que ela dissera, se aproximando cada vez mais de mim. O lugar ficou cheio de vozes pronunciando “morrer” de maneira áspera e cruel.

As mulheres haviam esperado pela ordem da suposta líder para atacar, assim como os gatos que me atacaram no dia passado, na casa dos Jorgin.

Minha visão turvou, e nas imagens que eu ainda conseguia enxergar, manchas pretas surgiam.

Outras mulheres ajoelharam-se ao meu lado, e juntamente com a primeira abriram à boca. Os dentes das vendedoras não eram normais, ao invés disso eram pequenos pedaços pontudos de ossos que cresciam de suas gengivas.

Arrepiei-me com o súbito pressentimento que tive. As mulheres iriam me comer.

A primeira, que dera a ordem às demais, abaixou sua cabeça lentamente em minha direção. Seu dedo em minha testa doía, mesmo assim ela parecia não se importar nem um pouco com isso.

Fechei meus olhos para não ver o que iria acontecer quando seus dentes atingissem minha pele. Depois disso, tudo aconteceu muito rápido.

Senti o desaperto do dedo em minha testa. E mesmo sem ver, senti a vendedora levantar-se. Seu grito

foi o que fez meus olhos abrirem.

Do oco que eram seus olhos, uma luz branca saía, aparentemente causando muita dor a ela. Ela não parava de gritar nem por um minuto.

As outras vendedoras aos poucos também começaram a gritar. Eu ainda não podia ver todas, mas sabia que a luzes brancas também saíam de seus olhos.

Gritos ecoavam pela loja, até que as mulheres tornaram-se fumaça, do mesmo modo que os gatos que me atacaram no dia anterior.

Quando as vozes apavorantes cessaram, meu cérebro aliviou-se. Um líquido muito gelado parecia ter sido jogado sobre meu corpo, que voltava ao normal, meus músculos respondendo meus comandos.

À medida que eu sentia minhas pernas, eu tentava me levantar do chão, mas mesmo assim estava difícil por causa da cerâmica lisa.

Uma mão branca entrou no meu campo de visão, e puxando a minha me ajudou a levantar.

Eu esperava encontrar Jaqueline. Todavia, quem estava em minha frente naquele momento era sua irmã, a bruxa Patrícia.

Os olhos azuis da garota me observavam.

– Olá – disse ela. Mesmo que nunca eu houvesse escutado sua voz, ela me pareceu tão delicada quanto à das irmãs.

– Olá – respondi, um pouco sem graça. – Onde está sua irmã?

– Ela também foi atacada pelas vendedoras possuídas. Deve estar recobrando os sentidos nesse

exato momento. Vamos até lá. – Patrícia disse, virando-se e andando em direção à entrada da loja. Ela não se importada quando eu me referira a Jaqueline como sua irmã.

Acompanhei a linda loira.

Antes de chegarmos à porta de saída, vi Jaqueline sentada no chão e encostada em uma bancada cheia de roupas, as mãos na cabeça, como seu crânio doesse. Corri até ela e me agachei a seu lado.

– Você está bem? – minha voz era gentil, mesmo depois de ter quase morrido. Eu sabia que não fora culpa de Jaqueline ter sido atacada, do mesmo modo como também não fora minha também.

– Mais ou menos – disse ela calmamente. – Temos que ir para casa.

Antes que eu pudesse impedi-la, Jaqueline levantou-se do chão. Fiz o mesmo em seguida.

A garota de cabelos castanhos olhava para sua irmã, parada a poucos metros de onde estávamos.

– Patrícia, obrigada – disse ela demonstrando claramente que só agradecia por obrigação.

A irmã de Jaqueline havia nos salvo da morte e mesmo assim ela não agradecia devidamente. Quase senti raiva daquilo, mas não havia tempo, realmente tínhamos que ir embora daquele lugar.

As sacolas de roupas que eu deixara cair, quando fui arrastado pela vendedora possuída, estavam a poucos metros. Fui até lá e peguei-as, juntamente com as camisetas ainda sem pagar. Eu iria levá-las de qualquer forma, como brinde por quase ter sido assassinado pelas

funcionárias.

Patrícia e Jaqueline já estavam me esperando na saída, uma de cada lado e sem olharem-se. Andei apressadamente até elas, querendo sair o mais rápido possível da loja de roupas.

Sem olhar para trás, fomos embora.

# Meu irmão

– Como você nos salvou? – perguntei, não conseguindo controlar minha indiscrição.

Patrícia estava sentada no banco de trás do meu carro, que eu dirigia em baixa velocidade.

Olhando para trás rapidamente, percebi que ela fazia em seus cabelos longos e loiros uma trança frouxa, como que para passar o tempo.

Jaqueline, sentada ao meu lado, mostrava-se apática. Era perceptível que ela não se sentia bem dentro do mesmo carro onde estava sua irmã bruxa. Não era nada particular para com Patrícia, mas sim com a família inteira delas, pela qual, de certa forma, Jaqueline fora rejeitada.

Continuei olhando para frente. As ruas desertas e escuras com a noite que já caía sinalizavam que nós já estávamos próximos à casa da minha tia Olívia.



Depois de alguns segundos em silêncio, Patrícia deixou sua trança de lado e levantou sua cabeça.

– Eu sou uma bruxa, Augusto.

Bem... A resposta poderia ser considerada como válida.

– Mas você fez algum ritual? Alguma coisa parecida? – perguntei curioso.

– Não – ela riu sinceramente, sem ironia alguma em sua voz. – Nós bruxas não precisamos fazer isso. Os rituais são uma canalização de poder, e já que nós já temos o poder, não precisamos canalizá-los. Somente lançá-los basta.

Então além de lindas, as bruxas eram também extremamente poderosas?

Imaginei como seria casar com uma das irmãs de Jaqueline. Poderia ser qualquer uma, pois todas eram fantásticas. Sacudi minha cabeça. Caso eu não parasse de ter pensamentos como esse, logo eu estaria pedindo a mão de Patrícia em casamento, sem nem ao mesmo perceber.

Virei minha cabeça para Jaqueline, seu rosto estava vermelho. Mesmo sabendo que sua expressão poderia ser raiva, era necessário conferir se ela realmente não estava passando mal.

– Jaqueline, está tudo bem com você?

Ela me lançou um olhar interrogativo e depois virou rapidamente sua cabeça para trás, olhando para a irmã. Pelos olhos de Jaqueline, era nítido que a garota queria bater na que estava sentada no banco de trás. Se Patrícia era a irmã com quem Jaqueline mais se

simpatizava, eu não podia nem imaginar como a garota de cabelos castanhos tratava as outras três.

Voltei meu olhar para frente.

A casa de Olívia já estava próxima. Faltam apenas algumas quadras para que eu pudesse chegar a casa dela, e finalmente descansar do longo dia.

As compras que eu e Jaqueline fizéramos no shopping estavam todas no compartimento de malas atrás do carro. As sacolas, conforme os movimentos que o veículo fazia, chacoalhavam intensamente, sendo possível que nós dentro do carro ouvíssemos o barulho.

O machucado que a vendedora fizera em minha testa no shopping já estava parando de sangrar. Passei a mãe levemente nele. Um pouco de sangue já secara, formando uma pequena casca.

Olhei para o lado de fora do carro. A casa amarela onde a família Jorgin morrera estava repleta de folhas na calçada e na varanda. Algumas pessoas que passavam pela calçada olhavam para lá, como se tivessem medo da residência. O que só poucos sabiam, era que as pessoas realmente deviam ter medo daquela casa.

Chegando na frente da casa de Olívia, estacionei o carro. Jaqueline, antes de o veículo ter parado completamente, já estava abrindo a porta e descendo apressadamente.

Olhei para Patrícia, no banco de trás, e a bruxa sorriu tristemente para mim. A hostilidade com que a Jaqueline a tratava, de certa forma, a deixava mal. Porém, não seria eu a falar isso para minha amiga

exorcista.

– Você já conhece minha tia? – perguntei, abrindo a porta do carro e saltando para fora.

Patrícia arrastou-se pelo banco de trás e também abriu a porta, descendo elegantemente o do veículo e ficando do meu lado.

Ela me fitou.

– Já conheço Olívia desde muito tempo.

– Que legal. – disse eu educadamente. Patrícia era tão delicada, que falar coloquialmente com ela igualava-se a um crime.

A garota loira ao meu lado começou a andar, contornando o carro e seguindo pela calçada de pedras que levava até a varanda da casa verde de minha tia.

Eu olhei para a porta da casa e vi minha velha tia Olívia abrindo a porta. Jaqueline já estava na varanda e entrou rapidamente para a sala.

Fiquei parado alguns segundos em silêncio, e logo depois fui para dentro do lar também.

Ao passar pela porta de entrada, vi que mais uma pessoa, além das que eu já sabia, também estava sentada no sofá da sala de Olívia. Era Samir, tio de Jaqueline.

O homem parecia conversar baixo com sua sobrinha mais velha, sentada a seu lado.

Minha tia não estava mais no recinto.

Patrícia sentava-se sozinha em uma poltrona individual, do mesmo conjunto que os sofás. Seu assento não ficava perto de onde se encontravam o tio e a irmã, mas essa condição tinha o jeito de ser confortável a ela.

Dei mais alguns passos e sentei-me no lugar vago ao lado de Jaqueline.

Minha tia saiu pela porta que dava acesso a cozinha. Em suas mãos havia uma bandeja de inox, sobre a qual um bule de café com algumas xícaras estavam perfeitamente arrumados. Olívia foi até o centro da sala, onde ficava uma pequena mesa de madeira, e deixou a bandeja lá. Depois andou até uma poltrona que ficava ao lado de Patrícia, e sentou-se nela.

Eu passara todo o tempo pensando que Samir notara minha presença na sala, mas quando ele me fitou com os olhos surpresos, percebi que essa não era a realidade. Parecia que Samir ouvira alguém falar que eu estava morto, e minha presença não seria mais vista. Assimilei este seu estranho olhar ao comportamento excêntrico que o homem tinha. Ele não esperava me ver? Por quê?

Olívia quebrou o silêncio.

– Jovens, o que aconteceu com vocês?

– Jaqueline e Augusto foram atacados no shopping, enquanto compravam roupas – disse Patrícia. Jaqueline a fuzilou quando ouviu seu nome ser pronunciado pela bruxa.

Tentei continuar o assunto, antes que a jovem exorcista levantasse do sofá e atacasse sua irmã aos socos.

Contei tudo o que acontecera no shopping a Olívia e a Samir, oscilando meu olhar entre os dois. Assim que terminei, vi que minha tia fitava-me atentamente.

– Foi Huire, eu tenho certeza – disse eu.

– Augusto, é claro que o ataque foi a mando de Huire. Mas aquelas mulheres estavam possuídas, o que só um demônio consegue fazer, em apenas uma pessoa por vez – Jaqueline disse de maneira firme. – Você sabe o que isso significa, não é?

Assenti com a cabeça. Huire estava conseguindo alcançar seu objetivo de convencer outros espíritos a juntarem-se a ele. Com um único intuito: matar-me.

Uma questão martelava em minha mente. Eu ainda não descobrira o motivo para o ódio que Huire tinha pela minha família. Só sabia que a morte de todos os integrantes dela era de suma importância para ele. E o próximo a ser morto seria eu.

Minha tia virou sua cabeça para o teto. Seus olhos estavam sem um foco definido.

Senti que Olívia sabia alguma informação muito importante, mas estava indecisa sobre contá-la ou não. Esperei em silêncio, até que não aguentei mais.

– Existe alguma coisa que eu deveria saber? – minha voz firme chamou a atenção de todos no recinto, mas Olívia sabia que a pergunta fora direcionada a ela.

Vi que nos olhos da mulher sábia, uma lágrima saía. Praguejei-me por ter usado o excesso de firmeza na pergunta que eu fizera, mas era necessário para dar a certeza de que eu merecia uma resposta.

– Augusto – sua voz era falha –, eu senti falta de uma das fotos de sua mãe quando fui limpar o antigo quarto dela. Você sabe onde está essa foto?

A foto que ela se referia era sem dúvida a que eu guardara mais cedo no bolso da calça, antes de sair,

então coloquei a mão dentro do bolso e peguei-a.

O papel da foto estava um pouco suado, porém a imagem ainda era visível. Minha mãe grávida.

Olívia fitou-me mais alguns segundos antes de continuar a falar.

– Creio que você já deve ter lido o que está escrito atrás dela.

Fiz que sim com a cabeça.

Todos na sala estavam atentos na conversa entre eu e minha tia, com exceção de Patrícia, que estranhamente parecia prever qual o rumo que a conversa levaria.

– Você deve ter percebido que nela sua mãe está grávida. – A voz de Olívia ainda era exaurida. – Mas isso foi um ano depois do seu nascimento.

Olhei interrogativamente para a mulher velha e frágil que falava tristemente.

– O que isso significa? – perguntei.

– Você teria um irmão, Augusto.

Por um momento tive vontade de sorrir com a idéia de ter um irmão. Um amigo com quem eu poderia compartilhar toda a minha vida, e também a dúvida sobre qual espécie seríamos. Mas conforme Olívia dissera, eu teria um irmão.

– E o que aconteceu com ele? – perguntei com curiosidade.

– Primeiro, entenda uma análise da época. Seu pai, ao contrário de Ana, sabia sobre o fato de ela ser um anjo, pois como você já sabe, eu contei para ele. Consequentemente, ele também sabia sobre a dúvida que perdura até hoje sobre sua espécie.

Assenti, encorajando Olívia a continuar.

– Quando sua mãe ficou grávida de novo, Jonatan veio desesperado até mim. Nossas dúvidas sobre você ainda eram muito recentes. Nós tínhamos medo do que você poderia ser. Fato que perdura até hoje – minha tia falava como seu eu fosse um ser perigoso, fazendo com que eu me envergonhasse.

De relance, vislumbrei Jaqueline e Samir completamente atentos aos movimentos de minha tia, esperando ansiosamente pelas próximas palavras da mulher, assim como eu.

– O que aconteceu depois disso? – perguntei, querendo adiantar a conversa.

– Jonatan não queria outro filho. A dúvida que já tínhamos sobre você era tão intensa, que não poderíamos dobrá-la.

Abri a boca surpreso, a raiva brotando dentro de mim. Eu não sabia de quase nada sobre minha vida até dois dias atrás, e eu acabava de descobrir que meu pai não era tão diferente dos horríveis pais de Jaqueline.

– O que vocês fizeram com meu irmão? – Eu estava a poucos milímetros de gritar.

Minha tia abaixou a cabeça, constrangida.

Patrícia levantou-se de sua poltrona e foi até a de minha tia. Ela abaixou-se um pouco e disse algumas palavras curtas no ouvido direito de Olívia. Após isso, voltou para sua poltrona e cruzou as pernas, olhando para mim.

– Augusto – a voz de Patrícia estava tão doce como sempre –, não pressione sua tia, por favor.

Quando você terminar de ouvir esta história se arrependerá de ter feito isso.

Olhei novamente para Olívia, que lentamente voltava a levantar sua cabeça.

– Eu e seu pai, juntos, fizemos algo do qual me arrependo muito.

Eu temia pelas próximas palavras, que viriam de qualquer forma.

– Na época, eu preparei uma receita que aprendi. Era uma bebida de ervas venosas e fatais a um ser humano comum. Entreguei-a ao seu pai que a levou até sua mãe e sem que ela soubesse, a fez beber. – Olívia estava a ponto de chorar. – Como Ana era um anjo, ela não morreu com as ervas, mas seu filho... Sua mãe pensou que houvesse sido um aborto natural, mas eu e seu pai sempre soubéramos que a verdade era outra.

– Minha mãe... abortou? – a raiva estava perceptível em meu tom.

Minha tia assentiu e voltou a abaixar sua cabeça.

Todos na sala ficaram em silêncio.

Levantei-me do lugar no sofá onde eu estava sentado e olhei para o rosto de cada um que estava presente na sala.

– Todos já sabiam disso? – perguntei irritado.

– Eu não sabia – disse Jaqueline rapidamente. – Mesmo assim, acho melhor você sentar-se. Sua tia está muito nervosa.

– Eu também não sabia – Samir tinha uma voz assoviada.

Patrícia me fitava.



– Eu sim. – disse ela.

– Bem... Que bárbaro. – Sentia que ia explodir com todos que estavam ali, mesmo que alguns estivessem tão perdidos quanto eu.

A minha raiva não diminuía nem por um segundo. Eu queria que minha tia olha-se para mim e eu pudesse gritar com ela, descontando tudo o que ela e meu pai fizeram com Ana, minha mãe. Ao mesmo tempo, eu sabia que gritar não adiantaria nada meu irmão estava morto.

– Onde o corpo dele foi enterrado? – perguntei, sôfrego com as informações que me foram ocultadas por anos.

Olívia olhou para mim, levantando sua cabeça. Seus olhos estavam vermelhos e suas mãos em seu colo tremuladas.

– Eu ainda não terminei de contar tudo – disse ela com voz embargada. – Por favor – seu tom suplicava –, sente-se e me deixe terminar, por favor.

Por algum motivo, eu sentia que o pior ainda estava por vir, então me acomodei no lugar onde eu estivera antes.

Minha tia me olhou fixamente.

– Seu irmão não morreu.

O quê?

Deixei minha boca se abrir de surpresa novamente.

Olívia percebendo meu estado, continuou a falar antes que eu interferisse.

– O fato de ter-se usado uma bebida relativamente mágica provocou o que não esperávamos em sua mãe.

Ana abortou. Mas seu filho não nasceu humano, nem um anjo, disso eu tinha certeza. Tenho ainda mais certeza nos dias atuais. O seu irmão transformou-se em um demônio. –Sua voz perdeu o pouco que ainda tinha de firmeza no final da frase.

Ouvi Jaqueline respirar fundo. Seu tio Samir estava surpreso. Patrícia, no entanto, permanecia calada em sua poltrona.

As palavras que a vendedora possuída no shopping dissera começaram a martelar minha cabeça sem cessar. “Augusto Walker, irmão sem rumo do meu senhor”. Aquela frase tinha relação com o que Olívia dizia? Não era plausível...

– Seu irmão quis vingança pelo que fizemos a ele, e foi esse sentimento que o alimentou por anos e anos, o tornando tão forte que ele chegou a matar duas pessoas muito especiais da minha família.

Quando eu ainda estava na metade do meu quebra-cabeça mental, Jaqueline já parecia ter terminado o dela. A expressão da garota era de extremo assombro.

– Quem? – eu queria confirmar minhas suspeitas.

– Seu pai – Olívia estava realmente emocionada – e sua mãe, Ana, minha irmã.

Minha tia não aguentou mais e então começou a chorar de verdade. Sem nem ao menos tentar controlar seus sentimentos.

Patrícia levantou-se da poltrona onde estava e foi até ela, abraçando-a em um movimento doce e aconchegante.

Eu olhei para Jaqueline, mas sua expressão estava

paralisada. Tive completa certeza de que ela nunca soubera de nada do que minha tia contara.

Minha cabeça parecia que ia estilhaçar-se a qualquer momento. Imagens passavam em alta velocidade pela minha mente. Minha mãe, quando eu era pequeno; a rispidez de meu pai quanto a minha intromissão no mundo sobrenatural. Tudo o que ele fizera comigo fez sentido naquele momento. Jonatan realmente queria me proteger sempre, do meu próprio irmão vingativo. Huire, o mesmo espírito que agora unia forças no mundo espiritual para me matar.

Mas por que Huire não entrava naquela porta da casa de Olívia naquele exato momento, e então me matava?

Eu não tinha dúvidas que meu irmão era extremamente forte. E por isso, eu não conseguia imaginar a que se devia a demora dele em me encontrar e simplesmente dar um fim na minha existência, para sempre.

Sem condições de ouvir mais nada, levantei-me do sofá e fui andando a passos longos até o corredor que me levaria ao quarto. Eu realmente precisava descansar.

Ninguém se opôs a minha saída da sala.

Abri a porta com força.

Minhas mãos e minhas pernas ainda tremiam de raiva.

Eu acabara de descobrir a causa pela qual o espírito Huire perseguira minha família por anos, e agora me perseguia também. Querendo a morte de

todos. O demônio queria vingança, pelo fato de que ele não tivera escolha ao ser semidestruído.

Fechei a porta, sem trancá-la com chave e bati a mão na parede. Senti o interruptor da luz e apertei-o, deixando o quarto claro.

Andei até a cama, perfeitamente arrumada, no centro do quarto, o cômodo onde minha mãe, Ana, passara horas e horas quando ainda morava naquele lar verde.

Sem nem ao menos tirar os sapatos, me joguei na cama, com a cabeça virada para baixo. O colchão era macio, impedindo que meu nariz pudesse quebrar.

Meu dia fora longo, exaustivo. E o fim dele estava ainda pior.

Virei meu corpo pelo colchão e olhei para o teto. O forro era de madeira pintada com branco. A pintura, no entanto, parecia velha e desgastada. Talvez estivesse lá desde que minha mãe ainda morava na casa.

Em minha mente, imagens passavam de maneira rápida. Eu tentava lembrar dela grávida, assim como ela estava na foto em minha mão, mas nenhuma imagem vinha em minha cabeça.

Coloquei a mão na testa por alguns segundos.

Idéias incoerentes, ou talvez verdadeiras, não paravam de surgir em meus pensamentos. E por um minuto tentei imaginar o que se passava na mente de Huire.

Meu irmão indubitavelmente tinha motivos para querer vingança de Olívia e de Jonatan, as pessoas que causaram sua transformação em demônio, devido ao

aborto que eles induziram minha mãe a sofrer. Mas eu, e principalmente minha doce mãe não tínhamos nenhuma ligação com o que acontecera a ele. Não havia coerência em nos matar por vingança. Talvez eu devesse conversar com meu irmão um dia, se possível.

Sentia-me péssimo. Minha vida era um papel, e esse fora rasgado em muitos pedaços. O problema era que só depois de dezoito anos de nascimento, eu conseguira resgatar alguns desses pedaços, mesmo sabendo que muitos ainda estavam perdidos e ocultos.

Ainda com milhões de pensamentos fervendo em minha cabeça, escutei alguém batendo na porta do quarto onde eu estava.

Meu primeiro pensamento foi que a pessoa que batia na porta devia ser minha tia. Contudo, naquele momento eu não queria conversar com ela ainda. As informações que ela me passara ainda eram muito recentes, fazendo com que a raiva que eu sentia por todos, e de certa forma, por Huire, também estivesse ainda no ápice.

Continuei deitado na cama, esperando que Olívia cansasse e finalmente fosse para outro lugar. Mas o som de uma mão martelando na madeira não se interrompia.

Olhei para a porta e vi que a maçaneta estava girando. Eu não a trancara, e me arrependi daquilo momentaneamente. Percebendo que minha tia entraria de qualquer forma do cômodo onde eu estava, virei meu corpo, deixando minha cabeça voltada para o lado oposto ao da entrada do quarto.

Ouvi o som de madeira sendo arrastada pelo chão e

passos entrando no recinto. Eram sons firmes, ao contrário dos passos lentos que Olívia possuía.

– Vai me expulsar mesmo? – a voz soou com as mesmas características dos passos, e então eu soube quem estava tentando falar comigo: Jaqueline.

Arrumei-me na cama, levantado meu tronco e encostando minhas costas na cabeceira.

Sentado em cima do colchão macio, olhei para Jaqueline.

– Me desculpe. Não sabia que era você.

Ela andou até bem perto da cama e sentou-se no final do colchão, deixando bem visível o quanto ainda estávamos distantes um do outro.

– Augusto, eu sinto muito. – Sua voz não era autoritária e nem fraca, era somente sua voz que eu sempre gostara internamente.

Fiquei quieto por alguns segundos.

– Pelo menos você já sabe agora porque Huire quer tanto te ver morto – disse a garota.

Na verdade, eu não entendia muito bem os motivos do demônio querer me matar, já que eu não tinha ligação com sua semi-destruição. Mas, realmente, eu sabia o motivo pelo qual ele queria matar minha família, toda ela.

Uma dúvida surgiu em minha mente.

– Por que ele não matou Olívia até hoje?

Jaqueline me fitou surpresa por alguns instantes, mas meu tom de voz não soara cruel, como se eu desejasse a morte para minha tia. Eu não queria mais um integrante da minha família morto, mesmo sendo

Olívia, que juntamente com meu pai, escondera diversos segredos de mim por anos.

– Ele já tentou – disse a menina, me fitando com seus olhos verdes. – É por isso que sua tia não trabalha mais como antes. Lá fora ela está vulnerável a Huire, e como sua intenção não é morrer violentamente, ela prefere ficar nessa casa.

– E essa casa impediria Huire de entrar? – perguntei um tanto curioso.

Jaqueline pigarreou, decidindo suas próximas palavras.

– Minhas irmãs – ela pigarreou baixo de novo, arrependo-se de haver usado sem querer o grau de parentesco dela com as bruxas. – fizeram alguns encantamentos na casa. Somente aqui Olívia está segura.

Recordei o dia anterior, quando minha tia fora perto à casa dos Jorgin, para me impedir de entrar naquele lugar e morrer pelas mãos de meu irmão.

– Jaqueline, nós não podemos ter muita certeza se Huire está realmente no mundo espiritual. Ontem ele me atacou na casa dos Jorgin.

– Eu creio que devia ter sido uma visita rápida na casa de sua última vítima, o que acabou coincidindo com a sua visita – a garota me advertiu com seu olhar ao dizer a penúltima palavra. – Mas Huire não queria te matar ontem. Tenho quase certeza que ele só estava mostrando do que era capaz, para rir de sua cara.

Abaixei a cabeça.

Jaqueline me enviou um olhar interrogativo.

– Nunca se deixe enganar. Huire não é mais seu irmão, Augusto. A única coisa que ele quer de você agora é a sua morte.

– Por que ele não me matou ontem então?

– Eu já disse. Eu acho que ele vai te testar até o último segundo. Zombar da sua cara. Mostrar o quanto ele é forte. Mas nunca se engane. Huire só quer a sua morte.

Fiquei em silêncio. Há alguns minutos atrás eu tivera e esperança de um dia conversar com meu irmão e explicar-lhe tudo o que também me acontecera. Entretanto, pelo modo como Jaqueline falava, esse acontecimento tornava-se cada vez mais improvável.

Eu realmente sentia que Huire queria me matar, mas a justificativa por ele ainda esperar não tinha muita coesão. Devia ter algo a mais. Nós todos estávamos esquecendo algo importante, forcei minha mente, mas não consegui lembrar de nada.

Resolvi mudar um pouco de assunto em minha conversa com Jaqueline.

– Por que será que ocorreu essa tal transformação do meu irmão em demônio?

A expressão de Jaqueline tornara-se neutra.

– O que Olívia e seu pai fizeram, foi algo completamente errado em sua mãe. Os anjos são seres celestes, eles provêm de uma força mágica oposta a dos seres negros. Essa mesma força da qual eles são formados faz com eles sejam imortais, na verdade, quase imortais, dependendo de como seus corpos terrenos morrem.



Fitei Jaqueline, imóvel.

– O quê?

Ela parecia não entender o motivo da minha pergunta, e ficou em silêncio.

– Minha mãe ainda está viva? – minha voz estava começando a ficar eufórica.

– Não, Augusto. Sua mãe não morreu de forma natural – Jaqueline parecia constrangida de interromper meu momento de alegria. Ela desviou seu olhar de mim. – Ela foi destruída por um demônio, seu irmão.

– Ele não é meu irmão – agora quem dizia aquelas palavras era eu, de maneira firme e decidida.

Jaqueline concordou.

Minha cabeça doía, como se agulha pequena estivesse sendo introduzida vagorosamente. Eu sabia que não demoraria muito até que a dor se intensificasse.

Meus olhos estavam cansados. Eu havia perdido a noção de que horas eram.

– Que horas são, hein? – perguntei segurando um bocejo.

A garota de olhos verdes volveu seu olhar em minha direção, e com um sorriso sem graça, pegou um celular que parecia estar no bolso direito de sua calça.

– Nossa! – ela exclamou. – Já são quase dez horas da noite.

Jaqueline levantou-se de onde estava sentada no colchão e esticou o braço para cima, alongando-se.

– Eu vou tomar banho agora. Depois você vai?

– Sim.

A menina soltou seus cabelos castanhos, presos

desde o começo do dia. O fato de eles terem ficados amarrados muito tempo não estragara nem um pouco sua beleza.

Jaqueline foi caminhando em direção à porta que dava acesso ao corredor principal da casa de Olívia. Quando ela estava a poucos centímetros da maçaneta, a porta abriu-se subitamente. Vimos que quem estava do outro lado do portal era sua irmã.

Patrícia segurava diversas sacolas de papel e de plástico em suas mãos. Os objetos pareciam pesados, mas não a incomodavam nem um pouco.

Jaqueline olhou para sua irmã. Uma tensão nasceu visivelmente nos músculos de seu corpo.

Depois de alguns segundos parada, ela continuou andando em direção a saída do quarto, e quando passou pelo portal, quase trombou com a bruxa ali.

Patrícia sorriu tristemente para mim.

– Entre – disse eu, tentando desfazer o clima tenso que pairava no ambiente.

A bruxa entrou no quarto, andando até o lado da minha cama, onde deixou as sacolas que trouxera.

– São as compras do shopping – falava ela numa voz doce, como sempre.

– Ah! Obrigado – respondi.

Patrícia terminou de colocar as sacolas no chão e aproximou-se um pouco mais de mim.

– Que horas podemos sair amanhã cedo?

Putz! Eu havia esquecido completamente do meu compromisso. Coloquei a mão na fronte tentando encontrar as palavras para responder a pergunta.

– Não sei. Tanto faz para mim. Somente me acorde, tudo bem?

Patrícia assentiu. Não parecia haver problemas para ela em vir me acordar no dia seguinte.

Eu havia marcado com as bruxas de estar no Bar da Morte no outro dia, para que elas me pudessem levar até a Sala dos Demônios, o lugar onde eu iria fazer meu teste.

– Patrícia, vocês não querem tentar fazer meu teste? Vocês bruxas? – perguntei com a voz ainda um pouco falha. – Pelo o que ouvi, o sistema é complicado nessa tal Sala dos Demônios.

– Minha irmã, Livia, já tentou, como você sabe. E se ela não conseguiu, é certeza que nenhuma de nós conseguirá – Patrícia demonstrava profundo respeito pela irmã.

Pensei por alguns segundos, antes de formular minha próxima questão.

– Mas... se a sala fica no mundo espiritual, e Huire está lá, como podemos ter certeza de que ele não irá me atacar?

A jovem bruxa loira parecia ter a resposta decorada.

– Ele nunca poderá saber a que horas nós vamos. Ele é um demônio, mas não um adivinho. Aliás, o mundo espiritual é enorme.

– Confiar somente no fato que Huire não sabe a que horas eu vou estar na sala não me parece muito certo.

– Augusto, não sei se você já sabe, mas eu vou

com você. – Ela sorriu sem graça.

Naquele momento eu não poderia inventar mais nenhuma desculpa. Eu sabia que Patrícia era jovem, mas ela sempre me parecera extremamente forte, assim como fora no ataque de vendedoras possuídas no shopping.

Encolhi-me um pouco na cama, ficando em silêncio.

A garota loira já caminhava para sair do quarto quando a chamei de novo.

– Patrícia, quantos demônios existem mais ou menos nessa sala?

A bruxa tinha a expressão pensativa.

– Aproximadamente dois mil.

Entreabri a boca, surpreso.

– Mas, como eu já disse – continuou ela –, eu vou estar com você, então não se preocupe. – seu tom decidido realmente me despreocupou.

Despedi-me de Patrícia, e ela saiu.

Continuei com olhos abertos e a luz acesa, pensando no próximo dia.

# Floresta em chamas

Eu me remexia na cama devido ao calor que a nova manhã trazia consigo.

Passei as mãos sobre os lençóis do colchão, úmidos de suor.

Meu sono não foi péssimo, já que eu dormira desde o momento em que saí do banho até aquele momento.

Sabendo que eu não conseguiria dormir mais, sentei-me na cama e alonguei meus braços.

Uma janela de ferro com vidraças transparentes ficava na parede oposta a da porta de entrada do antigo quarto da minha mãe, onde eu estava.

Levantei-me da cama com um salto, e andei alguns passos até alcançar a janela que estava fechada. Ergui uma mão até alcançar a trava e a puxei. Abri uma das folhas e admirei a paisagem do lado de fora da casa de

Olívia.

A visão que eu tinha, do onde lugar onde eu estava, era a da rua em frente à casa verde, a alguns metros. Nenhum carro passou enquanto eu olhava desatentamente.

O lar amarelo onde os Jorgin moraram antes de morrer ainda continuava praticamente intacto, com as faixas de interdição todas inteiras. Fitei a casa por alguns segundos, pensando em tudo o que me acontecera no dia passado.

Batidas na porta soaram pelo quarto, interrompendo meus devaneios.

Olhei para trás, ainda pensando em quem estaria querendo falar comigo, quando vi que a pessoa que batera na porta já havia entrado.

Patrícia tinha um sorriso delicado e tímido.

– Bom dia – disse ela com voz baixa e afetuosa.

A garota loira vestia um vestido roxo claro que lhe descia até os joelhos. Seus cabelos estavam presos em um rabo-de-cavalo firme e alto, o que fazia com que bruxa ficasse ainda mais séria. Só naquele momento lembrei do porquê de ela estar vindo naquele quarto.

– Bom dia – respondi, abrindo um sorriso desanimado. – Bem... Não foi preciso você me acordar.

Patrícia deu uma risada rápida e baixa, ainda que sincera

– Na verdade, eu ouvi você andando pelo quarto e vim falar para você não demorar muito enquanto se arruma.

Eu assenti, já começando a andar em direção as

sacolas de compras, que eu e Jaqueline fizéramos no shopping no dia anterior.

Revirei um pouco as peças de roupa até que encontrei uma das camisetas que eu havia pegado sem pagar. Escolhi uma de cor azul-escuro.

As calças eram praticamente todas iguais, então peguei uma jeans sem prestar muita atenção em qual era.

A jovem bruxa continuou a me olhar por alguns minutos em silêncio, até que se virou com um pequeno sorriso e foi em direção até a porta de saída do quarto.

– Patrícia, – chamei a garota antes que ela saísse do quarto –, só iremos nós para a Sala dos Demônios?

Mesmo que eu soubesse que quanto mais ajuda estivesse lá, mais chances eu teria de sair vivo, eu não me sentiria muito bem se muita gente fosse. Não queria que as pessoas pensassem que eu era tão fraco, quando na verdade eu tinha quase certeza que era.

– Sim. – Ela me fitou, os olhos gentis. – Eu acho que posso dar conta de ter manter seguro enquanto... o teste acontece.

Confirmei.

Subitamente, uma pergunta brotou em minha mente.

– Esses demônios estão presos nessa tal sala? – minha voz saiu um pouco falha.

Sempre houve uma lei natural na terra: nunca prenda uma fera, porque assim ela só se tornara ainda mais cruel.

– Augusto, sempre existiram pessoas que queriam

saber se pertenciam ao mundo sobrenatural. Precisava-se um de um teste para isso. – A voz de Patrícia era lenta e compassada. – A Sala dos Demônios foi a única solução pensada na época.

Eu esperava ansiosamente pela resposta da minha pergunta. A jovem bruxa pareceu perceber que na verdade ela não respondera o que eu questionara.

– Sim – disse ela rapidamente. – Os demônios estão presos naquela sala. Mesmo depois que o teste lá foi desativado, os espíritos não poderiam ser retirados.

– Por quê? – perguntei, levantando as sobrancelhas.

– Os exorcistas e seus rituais – disse rindo a jovem bruxa. – É por isso que eu tenho que ir com você. Aqueles demônios estão completamente irados depois de tanto tempo confinados. Eu tenho que te proteger enquanto você descobrir o que é.

Jaqueline, minha amiga exorcista, já havia me falado um pouco sobre aquilo. Na Sala dos Demônios minha magia interior, por assim dizer, seria revelada. Todavia, eu não sabia o que aquilo poderia significar.

Patrícia saiu do quarto, fechando a porta e me deixando sozinho olhando para uma foto caída em cima da cama. A imagem mostrava minha mãe, grávida do meu irmão, que hoje era Huire.

Peguei a foto em minhas mãos e depois de alguns segundos fitando-a, fui até o guarda-roupa branco perto de mim.

Abri uma porta branca e vi as antigas roupas de Jonatan dobradas. Coloquei a foto sobre elas, e fechei a



porta do móvel, selando, por enquanto, tudo o que estivesse lá dentro.

Terminei de colocar minha roupa ainda no banheiro. As cerâmicas do cômodo estavam todas molhadas da água que eu esparramara tomando banho.

A calça e camiseta azul-escura serviram perfeitamente em mim, e até me faziam sentir confortável. Algo que seria bom nas próximas ações do dia.

Terminei de enxugar o meu rosto com a toalha que estava pronta para meu uso quando eu ainda havia chegado ao banheiro. Olívia, desde que eu estava em sua casa, me travava como o mais novo integrante em uma república de estudantes.

Andei pelo chão molhado até alcançar os três pequenos armários que existiam colados à parede do banheiro. Abri a porta do principal, o do meio, e vi que dentro dela estavam quase cinco novas escovas de dentes que, sem dúvida, deveriam ter sido deixadas ali por minha tia. Escolhi uma escova verde e peguei-a com uma das minhas mãos, enquanto a outra alcançava o creme dental em cima da pia.

Logo depois, pus-me a sair descalço do banheiro. Do lado de fora da porta, meu par de tênis, que deveria estar sujo pelo uso no dia anterior, me esperava estranhamente limpo, e ainda com duas meias brancas dentro.

Olívia estava realmente sendo hospitaleira comigo, e mesmo assim eu a condenara em minha mente na

noite do dia anterior, por erros que ela cometera no passado. Erros antigos, mas que não deixavam de serem erros. Decidi naquele momento que não iria tentar brigar com Olívia. O assunto de como Huire se tornara um demônio devia ser esquecido. O certo a se fazer era olhar somente para o futuro e planejar em como eu iria fugir daquele demônio maligno que era meu irmão.

Eu não ouvia barulho ou voz alguma, e então deduzi que todos estivessem dormindo ainda. Talvez, somente eu e Patrícia tivéramos acordado cedo.

Passei pela sala e não havia ninguém lá. A televisão estava desligada e a falta de som ainda predominava por todos os lugares.

Eu já estava a poucos metros da cozinha quando ouvi a primeira voz no dia, fora a de Patrícia.

– Querida, você não quer mais café? – a voz arrastava-se, logo deduzi que fosse de minha tia.

– Não. Não. Estou bem – era Jaqueline quem respondia em tom usual.

Assim que entrei na cozinha me impressionei com o fato de que ali havia quatro pessoas, praticamente mudas e quase todas sentadas nas cadeiras ao redor da mesa.

Eu olhei para cada rosto que me fitou quando eu entrei no recinto.

Samir estava com uma camisa xadrez e calças pretas que não lhe caíam muito bem. Jaqueline usava uma blusa amarela folgada e calças brancas. Olívia estava em pé perto da pia da cozinha, e a única coisa que pude perceber era que seu cabelo branco estava

preso em um coque firme, e a roupa que ela usava era um vestido rosa claro que descia até a metade de suas canelas.

Jaqueline e Samir sentavam-se um do lado do outro em um lado da mesa, enquanto Patrícia estava sozinha em sua cadeira no lado oposto ao deles.

Sentei-me em uma cadeira vaga ao lado da jovem bruxa. Ela olhou para mim fixamente.

– Você realmente foi rápido – disse ela docemente.

Eu ri rapidamente, até que percebi que Jaqueline me fuzilava com os olhos do outro lado da mesa.

Sem graça, endireitei-me na cadeira.

Olívia girou seu corpo e andou lentamente até a mesa onde nós todos estamos. Ela colocou no centro uma travessa cheia de biscoitos e um bule que cheirava deliciosamente o cheiro de café fresco.

Quando olhei para o rosto de minha tia, quase levantei da cadeira de susto. Seus olhos estavam completamente vermelhos, como o de uma pessoa que não dormira nada a noite, pois havia passado todo o tempo chorando. E fora isso que Olívia havia feito. Senti dó da senhora um tanto idosa. Mas preferi continuar em silêncio.

Estiquei minha mão direita até alcançar um biscoito na travessa que estava no centro da mesa.

Olívia voltou andando para pia, sem olhar por momento algum para mim, o que me fez sentir estranho.

Samir empinou seu nariz adunco em minha direção.

– Está preparado? – sua voz soou seca.

– Nunca sei – respondi no mesmo tom.

Às vezes eu realmente não gostava como o tio de Jaqueline se comportava.

Todos na mesa estavam em silêncio. Porém, o som de um celular tocando pareceu chamar a atenção de todos.

Olhei para a bruxa sentada ao meu lado. Em suas mãos, um celular quase explodia pelo som que estava emitindo.

Patrícia apertou um botão do celular e o levou até a orelha. Seu rosto pareceu contrair-se um pouco enquanto ela escutava a voz do outro lado. Assim que ela desligou a chamada, virou sua cabeça em minha direção.

– Quem me ligou foi Livia – disse ela. – Ela já nos espera no bar.

Assenti com a cabeça e comi mais dois biscoitos rapidamente.

Quando Patrícia levantou da cadeira depois de alguns segundos, eu fiz o mesmo.

A garota andava rapidamente até a porta de saída, sem nem ao mesmo despedir-se de ninguém. Eu, no entanto, queria dizer um tchau para minha tia antes de ir.

– Olívia – pigarreei, chamando sua atenção. – Eu já tenho que ir.

Minha tia, que ainda parecia fazer alguma ação na pia, me olhou com seus olhos vermelhos e sorriu sem graça.

– Tudo bem. Boa sorte – sua voz foi tão triste que

eu queria ir naquele momento abraçá-la, mas sabia que não havia tempo para delongas.

Conforme eu me dirigia para sair, percebi que outra pessoa me seguia. Virei minha cabeça rapidamente para trás e vi Jaqueline.

– Você vai também?

Eu já estava abrindo a porta da sala para sair em direção à varanda.

– É claro – sua voz foi firme.

Ao passar pelo portal, deixei a porta aberta para Jaqueline passar.

O BMW preto, que eu já poderia chamar de meu, ficara estacionado na rua. Patrícia já se encontrava ao lado da porta do banco de trás.

Andei em passos longos até chegar ao veículo e abri a porta do motorista com a chave que estivera guardada em meu bolso desde mais cedo.

Assim que entrei, abri as portas para que Jaqueline, que também já esperava impacientemente do lado de fora e Patrícia entrarem. Minha amiga exorcista sentou no banco ao meu lado, como sempre, e sua irmã acomodou-se no banco traseiro, sem conversarem entre si.

Na avenida principal da cidade ainda não havia muitas pessoas. O tráfico de carros também ainda era ameno, o que facilitou em achar um lugar perto da entrada do Bar da Morte para eu estacionar o BMW.

Assim que parei o carro, Patrícia não tardou a pular para fora, da mesma maneira com que Jaqueline fez. As

duas pareciam ter ações parecidas, mesmo que não percebessem.

Nós três seguimos pela calçada, praticamente vazia, até o portão roxo que dava entrada ao túnel que nos levaria ao bar. Ao contrário do dia anterior, meus olhos não demoraram em achar as grades de ferro.

Jaqueline colocou as mãos por entre as grades e abriu a tranca que mantinha o portão fechado. Quando ele abriu-se para dentro, esperei as duas garotas passarem e segui atrás delas.

Fechei a porta. – como o portão era visto pelo lado de dentro do túnel e percebi que as meninas não haviam parado para me esperar. Então andei apressadamente pelo túnel até que eu consegui alcançá-las.

Andamos por longos metros até que chegamos na segunda porta de madeira, que daria entrada ao Bar da Morte. Patrícia bateu a mão fechada na madeira três vezes, e depois de alguns segundos, Natália, uma de suas irmãs, abriu-a. A garota vestia short curto e uma blusa verde simples.

Jaqueline passou pela bruxa de cabelos negros parada no portal sem cumprimentá-la. Algo que não foi estranho para mim. Natália sorriu delicadamente para mim e Patrícia, e nós retribuímos o gesto.

A bruxa loira ao meu lado entrou no bar e a acompanhei.

O lugar estava completamente vazio – com exceção das quatro bruxas, eu e Jacqueline –, diferente do dia anterior; quando todas aquelas mesas estavam quase cobertas de pessoas de todos os tipos, alegres e

animadas.

Lívia e sua irmã Helena estavam sentadas na mesma mesa perto do bar. À medida que eu me aproximava delas, a morena sorriu para mim e sua irmã levantou a mão em um aceno. Ambas estavam vestidas assim como a irmã, com shorts curtos jeans, mas, Lívia usava uma blusa preta um tanto formal e Helena uma regata vermelha.

Olhei ao redor procurando por Jaqueline, que não se encontrava em meu campo visual. Vi que ela estava encostada no grande balcão de madeira, e seu semblante era inexpressivo. Mesmo assim, eu sabia que aquele momento devia estar sendo desconfortável para ela.

– Augusto – me chamou Lívia –, você deve saber de algumas informações antes de fazer sua pequena viagem com Patrícia.

Jaqueline mexeu-se bruscamente no lugar onde estava.

– Com licença – disse ela séria. – Eu também vou.

– Jaqueline – disse Helena –, creio que não seja seguro...

– Eu já disse que vou. – Jaqueline não falava com Helena em particular, mas sim com todos nós.

Desconfortável, a bruxa de cabelos castanhos ficou em silêncio.

Eu também não me sentia muito bem com o fato da jovem exorcista ter resolvido que iria também para a Sala dos Demônios, mas sabia que não adiantaria em nada tentar convencê-la do contrário.

– Então... – continuou Lívia. Se ela ficara irritada

quando foi interrompida por sua irmã exorcista, não parecia demonstrar. – Quando você estiver lá, Augusto, não se esqueça do que tem que fazer em nenhum minuto.

– E o que exatamente eu tenho que fazer? – perguntei.

– Quase nada. Apenas fique parado – disse a bruxa morena firmemente. – O importante é que você não tente interromper nada o que sentir lá. Patrícia te protegerá de todos os demônios que forem te atacar. E não se preocupe, pois os poderes dela estarão intensificados quando ela estiver lá. – Lívia virou seu rosto na direção da irmã loira e lançou-lhe um belo sorriso. – Tudo dará certo.

– Tudo certo? – eu olhei para o rosto de cada uma das bruxas no recinto. – Por onde é a entrada para o mundo espiritual? – eu esperara por aquela pergunta por muito tempo.

Lívia riu sinceramente.

– Não há entrada fixa. Nós criaremos uma entrada – ela se referia a si mesma e as irmãs.

– Como? – franzi as sobrancelhas.

Lívia e Helena levantaram dos lugares onde estavam sentadas e foram até perto de onde eu permanecia. Natália juntou-se as irmãs.

– Nós três – disse Natália, falando pelo coletivo que se encontrava em minha frente – formaremos um círculo. Dentro dessa roda ficará você, Jaqueline e Patrícia. O resto somos nós – ela falava novamente referindo-se as irmãs – que cuidaremos.



Fiz que sim coma cabeça.

Tudo começou normalmente. Patrícia que estava ao meu lado não precisou se mover, e Jaqueline que estivera no balcão veio até o lugar onde nós estávamos. A jovem garota de cabelos castanhos me fitou com olhos assustados.

– Vocês precisam pegar um na mão do outro e formar um círculo – disse Helena.

Peguei na mão direita de Patrícia e na esquerda de Jaqueline. As duas irmãs também teriam que juntar os membros. Para a bruxa, parecia não haver problemas, mas para a exorcista, sim. Percebendo a tensão, lancei para Jaqueline um olhar de vamos-logo-com-isso e ela, relutante, segurou a mão da irmã. Assim, nós três formamos um círculo perfeito.

Quando eu olhei para o lado, Natália já estava um pouco atrás de mim e sua mão segurava a de Helena, que segurava a de Lívia, que voltava a pegar na mão da primeira. Elas também formaram um círculo ao redor do nosso, deixando-nos um pouco apertados e desconfortáveis. Meu corpo encostava-se ao de Jaqueline, me deixando momentaneamente sem graça.

– Só fiquem em silêncio agora – falou Lívia, com certa autoridade.

Nós três do círculo interno fizemos sinal com a cabeça de que as bruxas poderiam continuar, e foi então que meu estômago embrulhou quando realmente me dei conta de para onde estávamos indo.

Helena, Lívia e Natália começaram a recitar palavras antigas em coro. As sílabas, ao mesmo em que

soavam calmas, tinham o aspecto autoritário e firme.

O mal estar em meu estômago aumentava conforme as bruxas declamavam o que parecia ser um ritual.

Olhei rapidamente para Jaqueline. Sua cabeça estava baixa e seus olhos fechados. Patrícia estava exatamente com a mesma posição da irmã ao meu lado.

Assustado, tentei olhar para trás. As bruxas não estavam mais atrás de mim, no lugar delas, formas estranhas começaram a aparecer.

Eu segurei ainda mais firme as mãos das meninas ao meu lado. Meu cérebro trabalhava furiosamente, tentando assimilar tudo o que estava acontecendo.

Girei minha cabeça para frente. Atrás de Patrícia, uma paisagem se estendia por longos metros. As estranhas formas que eu vira atrás de mim estavam também atrás dela. Apertei meus olhos e pude ver que, na verdade, as formas eram troncos de árvores carbonizados. O quê?

Nós estamos chegando ao mundo espiritual. Respirei fundo, sentindo um bafo quente adentrar minhas narinas.

As vozes das bruxas perderam volume, até que estivessem tão baixas que era quase impossível ouvi-las.

Meu estômago doía mais do que nunca. Curvei-me para frente com a consternação que só crescia dentro de mim. No entanto, senti a mão macia de Patrícia me puxar para trás de novo.

Um vento forte passou por entre nós, como quando uma tempestade está se aproximando. Os pelos da

minha nuca eriçarem-se com a aflição que o vento parecia trazer consigo.

De repente, tudo parou. Minha visão escureceu-se e eu não pude mais sentir as mãos das garotas encostadas nas minhas. Fechei os olhos. E foi então que meu corpo caiu em algo sólido.

Continuei com os olhos cerrados por alguns segundos, até que não pude mais aguentar a curiosidade e abri-os.

Meu corpo estava virado e abaixo de mim havia terra, que entrou um pouco em minha boca devido à queda. Levantei, me apoiando nos braços, e vislumbrei os arredores.

A imagem que meus olhos viam me fez querer gritar de medo, mas eu previa que ninguém iria me ouvir.

Árvores queimadas espalhavam-se por todos os lados, como uma floresta desmatada, carbonizada. A terra que até poucos minutos atrás eu estivera deitado era tão negra que fazia minha visão doer um pouco.

Eu queria sair daquele lugar. Eu queria ir embora. Nunca em toda a minha vida eu queria tanto ter meus pais perto de mim, me protegendo de qualquer coisa que pudesse aparecer por entre aquelas árvores escuras

As plantas, mesmo não tendo copa, eram enormes e partes de seus troncos ainda queimavam, assim como o céu acima delas. Não existiam nuvens, deixando tudo amarelo e laranja. O Sol parecia ser a única estrela e seus raios eram tão fortes e intensos que eu tive a sensação de que o céu pegava fogo. Talvez estivesse.

Minha visão embaçou e olhei para meus braços. A minha pele que sempre fora tão branca estava vermelha, sendo castigada pelo calor cruel que ali fazia.

Meus olhos ardiam e a pele de minha boca rachara. Gotas de sangue escorriam dos meus lábios.

Um grito enroscado em minha garganta já estava quase saindo quando uma mão postou-se sobre minha boca.

– Sou eu. Fique quieto. – A voz de Jaqueline foi como um tranquilizante para mim.

Girei meu corpo e olhei para a garota. Atrás dela, a floresta em chamas se estendia por metros e metros, até que a perdi de vista.

– Onde estamos? – meus lábios doíam quando eu falava.

Jaqueline estava cansada e ofegante, como se tivesse corrido por muito tempo até me encontrar.

– No mundo espiritual – disse ela de forma quase inaudível.

– Nós não devíamos ter ido direto para a Sala dos Demônios?

– Eu não sei. – Jaqueline revirou os olhos. Era incrível que mesmo em um lugar onde o caos reinava, a garota ainda continuava com seus mesmos hábitos. – Nunca estive aqui também.

O som de passos começou a ecoar atrás de mim. Em um primeiro momento, tive medo de olhar para trás e ver algo totalmente assustador, mais quando Jaqueline revirou os olhos de novo, eu soube exatamente quem estava se aproximando.

Patrícia vinha andando em minha direção com passos lentos e compassados.

– Patrícia! – exclamei feliz. Ver a bruxa me fizera ficar ainda mais calmo, se é que isso fosse possível no lugar onde estávamos.

A menina loira me repreendeu com os olhos rapidamente.

– Não fale alto – sua voz estava diferente. Indubitavelmente séria.

Abaixei minha cabeça, sem graça.

Quando Patrícia já estava apenas a poucos centímetros de mim e de Jaqueline, ela continuou a falar.

– Algo deu errado – seu tom era preocupado. – Nós não devíamos estar aqui. A Sala dos Demônios é isolada do mundo espiritual. É realmente uma sala. Nós devíamos ter ido para lá – a jovem bruxa olhava assustada para os lados, a procura de alguma ameaça.

– Onde estamos?

– Na Floresta dos Condenados – disse ela de forma baixa.

Senti Jaqueline congelar seus músculos. A exorcista ficou incrivelmente tensa.

– O quê? – perguntou ela com medo, para si mesma.

– Por que viemos parar aqui? – minha voz soou falha.

– Eu não sei – disse Patrícia, confusa.

A garota virou-se e começou a andar, adentrando na mata chamejante.

Lancei um olhar questionador na direção de Jaqueline, mas ela já seguia a irmã.

O vestido roxo de Patrícia era o contraste perfeito para o cenário que víamos. A beleza versus a destruição.

Coloquei minhas pernas para funcionar também, e andei em passos lentos atrás de Jaqueline.

– O que vamos fazer agora? – perguntei.

Foi Patrícia quem respondeu, caminhando.

– Temos que ir embora, antes que... – Sua voz era angustiada. – Antes que alguém nos encontre.

Meus pés congelaram momentaneamente, entendendo o que Patrícia queria dizer com alguém. Nós, por algum motivo, não estamos na Sala dos Demônios, aonde eu só iria para fazer meu teste e pronto. Nós estávamos no lado de fora, no próprio mundo espiritual, correndo todos e quaisquer riscos que ali existiam. Inclusive o perigo iminente de Huire me encontrar.

Pus-me a caminhar de novo, voltando a seguir as meninas que andavam em minha frente.

– Alguma de vocês duas sabe por onde podemos ir embora? – questionei com esperança na voz.

– Não – respondeu Jaqueline. – Eu não sei.

– A única saída é pela Sala dos Demônios – disse Patrícia.

Assenti e fiquei em silêncio.

Nós teríamos que encontrar a maldita sala para irmos embora, porém a Floresta dos Condenados não parecia ter fim quando se olhava para frente.

# Um funil

Eu nunca caminhei tanto em minha vida. E Patrícia não parava de mover suas pernas nem por um milésimo de segundo.

Nós ainda estávamos na Floresta dos Condenados. As árvores se desdobravam por uma infinita planície, parecendo todas incrivelmente iguais. Troncos queimados ou ainda com chamas no interior.

O calor era intenso. Eu nunca estive em um deserto, mas pensei que talvez fosse aquela sensação térmica que as pessoas sentiriam lá. Um ar abafado e quente, sem nenhum sinal de vento.

Poucos metros a diante, Jaqueline acompanhava sua irmã em silêncio. Os cabelos castanhos da garota estavam suados, igualmente as roupas de todos.

Meus pés ardiam de calor dentro dos tênis que eu usava. Contudo, eu sabia que aquele calor vinha em sua

grande parte do solo. Ficar descalço não adiantaria para aliviá-lo, pois certamente o chão deveria estar quase em temperatura de ebulição, se é que isso fosse possível.

Passei as mãos sobre meus olhos. Eles doíam com a intensidade da luz do sol que descia do céu estranhamente laranja.

– Acho que eu preciso de água – falei.

Jaqueline me fitou.

– Não temos. – Seus olhos estavam cansados e tristonhos. – Reze para sairmos vivos daqui.

Mesmo com o pedido da garota, eu não rezei, porque, na verdade, eu não sabia para quem rezar. Para meu pai? O assassino do meu irmão? Para minha mãe? Eu sabia que minha mãe não existia mais em lugar algum, porque ela fora destruída por Huire, meu irmão.

Patrícia não olhava para trás. Desde que todos nós chegáramos ao mundo espiritual, a jovem bruxa permanecia séria e firme, mas seu medo era visível sobre seus movimentos calculados.

Nós precisávamos encontrar a Sala dos Demônios para podermos ir embora do mundo espiritual, pois somente lá havia uma saída. Mesmo assim, eu não sabia como devia ser a entrada para a sala. Talvez já tivéssemos passado do lugar correto.

Com passos rápidos, passei na frente Jaqueline. Meus pés abrasavam cada vez mais com os movimentos repentinos. Quando eu já estava a poucos centímetros de Patrícia, cutuquei-a com minha mão em suas costas. A garota virou-se com um olhar assustado para minha direção.



– Sou eu – falei, percebendo o súbito medo da bruxa. – Eu só quero saber o que devemos procurar. Uma porta? Um portão?

Patrícia não parava de andar, mesmo com o olhar voltado para mim.

– Uma caverna. Uma caverna de pedras.

Eu não me lembrava de ter passado por nenhuma caverna de pedras, então assenti e continuei a caminhar em seu encalço.

A floresta ainda não parecia ter fim. As cores eram somente o amarelo, o preto e o laranja. Será que aquela merda não era infinita? Eu sentia um certo desespero brotar em meu interior, mas não era a ocasião adequada para tal sentimento.

Uma tosse alta me despertou dos meus pensamentos.

Olhei para trás com um olhar recriminador para Jaqueline, mas quando vi o seu estado, paralisei imediatamente.

A jovem exorcista estava com seu corpo curvado para frente. Seu rosto pingava gotas de suor que evaporavam antes de cair no chão. Sua mão estava sobre sua boca e sangue escorria dela.

Virei minha cabeça rapidamente de volta para a direção de Patrícia. Ela não notava o que acontecia e continuava andando.

– Patrícia! – gritei, chamando-a.

A menina virou sua cabeça rapidamente para trás, fazendo seus cabelos loiros se jogarem para trás. Seu olhar, primeiramente, era voltado para mim, mas assim

que bruxa viu o que acontecia com sua irmã, sua expressão terrorizou-se absolutamente.

Patrícia retrocedeu, correndo até sua irmã.

Jaqueline já parecia quase estar desmaiando quando as mãos brancas de sua irmã a seguraram firmemente.

– Ajude-me! – exclamou a bruxa.

Eu não percebera que meus músculos ainda estavam. Mentalmente, ordenei as minhas pernas que andassem e elas obedeceram.

Espantado, corri até onde estava Patrícia e Jaqueline.

A exorcista de cabelos castanhos continuava, quase inerte. O corpo de Jaqueline só não caía no chão porque Patrícia segurava-a pela barriga.

Abaixei-me rapidamente e segurei Jaqueline, colocando-a em meus ombros. Ao contrário do que eu pensava, ela não estava desacordada.

– Calma – disse ela com voz fraca. – Eu estou bem.

Sua cabeça e suas mãos pendiam atrás de mim.

– Eu te carrego. – falei.

– O quê? – mesmo não estando bem, eu sabia que Jaqueline nunca iria trair seu orgulho. – Me coloque no chão!

Antes que eu pudesse começar a brigar com a exorcista, ela começou a balançar rapidamente suas pernas em minha frente. Seus movimentos faziam meu ombro doer, até que não pude aguentá-la mais e a pus no chão.

Patrícia permanecia imóvel e olhava fixamente para a irmã.

– Jaqueline – disse ela, calma. – Você está bem?

A garota de cabelos castanhos bateu as mãos em suas roupas, como se estivesse limpando-se.

–Eu estou ótima – falou ela, como quem não queria que o assunto se prolongasse.

Dos lábios secos de Jaqueline as gotas de sangue ainda ameaçam sair.

– O que aconteceu com você?

– Foi apenas um mal-estar – disse ela sinceramente. – Mas já estou me sentindo melhor.

– Você realmente não quer que eu a carregue? Não tem problema nenhum para mim – falei da forma mais indiferente que consegui, para não demonstrar qual era minha verídica preocupação com a exorcista.

Jaqueline revirou seus olhos assim que terminou de ouvir minhas palavras, mas antes que pudesse respondê-las grossamente, passos ecoaram pela Floresta dos Condenados. E o som vinha em nossa direção.

Patrícia automaticamente fixou seus olhos em mim. O medo estava estampado em suas pupilas azuis, e seu corpo paralisara.

Olhei para todos os lados, mas eu não conseguia distinguir de onde vinham os passos.

A menina loira a meu lado pareceu despertar e um tremor passou por todo o seu corpo.

Antes que suas palavras saíssem de sua boca, ela já corria rapidamente na direção oposta a que estávamos indo antes.

– Vamos! – ela gritou.

Olhei para Jaqueline com olhos amedrontados, e parti.

Eu corria desesperadamente atrás de Patrícia. As árvores em chamas passavam por mim como simples borrões de preto. Olhei para trás e vi que minha amiga exorcista corria tão rápido quanto eu, seu rosto. Eu torcia para que ela não passasse mal novamente, pois não tínhamos tempo para isso.

A menina loira parou subitamente em minha frente.

Mesmo que estivéssemos correndo até poucos segundos atrás, os sons de passos ainda ecoavam por todos os lados, como se estivesse cada vez mais próximos de nós.

– Devem ser demônios. – A voz da bruxa era ofegante. – Talvez eu tenha que enfrentá-los.

Fitei o rosto de Patrícia. Seus olhos azuis eram determinados e fixos em mim.

– Procurem a Sala dos Demônios e vão embora antes que os espíritos de lá ataquem vocês.

Eu sabia que a garota loira em minha frente referia-se a mim e a sua irmã, que acabava de nós alcançar correndo.

Assim que Jaqueline se postou ao meu lado, ela arqueou seu tronco, colocando suas mãos em seus joelhos. A garota branca olhou para mim com o rosto cansado e manchado com marcas vermelhas.

– Eu não estou nada bem.

Nunca me senti tão mal em toda minha vida. Eu

via que minha amiga exorcista realmente não estava bem, mas eu sabia que não podia fazer nada por ela. Jaqueline, aguenta firme, por favor.

Por toda minha vida, eu nunca fui muito de me arrepender por meus atos e escolhas, entretanto, naquele momento, quando eu via Jaqueline passando mal em minha frente, arrependi-me amargamente por ter escolhido ir ao mundo espiritual para simplesmente fazer um maldito teste.

– Augusto – me chamou Patrícia. Os olhos da menina estavam fixos na irmã. – Nós não podemos deixá-la.

Os sons de passos ficavam cada vez mais próximos.

Arrepiei-me assim que vi uma forma negra andando a uns dez metros atrás de Patrícia, na direção onde estava o nosso grupo.

Levantei o braço com o dedo indicador esticado e apontei-o.

Jaqueline, ainda curvada, virou seu rosto na direção do ser, seu semblante assustado. Patrícia virou seu corpo por completo e quando ela enxergou a forma negra, suas mãos começaram a tremer.

– Olá – disse o ser que se aproximava cada vez mais. Conforme ele chegava, pude ver que era um homem aparentemente comum. Ele seguia rindo debochadamente em nossa direção.

Jaqueline usou um pouco de sua força que ainda lhe restava e levantou-se, ficando ereta ao meu lado.

O homem já estava a quase cinco metros quando

pude ver seus traços físicos. Seu corpo era alto e esguio. Os cabelos eram curtos e loiros, dando-lhe um ar sério, o que era contribuído com seus grandes olhos azuis. Ele vestia um short vermelho de algodão e uma camiseta preta.

– Tiarles – sibilou Jaqueline ao meu lado, demonstrando conhecer o homem que chegava próximo a nós.

– Patrícia e Jaqueline, que prazer reencontrá-las – disse Tiarles com voz grossa e rouca.

Fitei os olhos do homem que já estava a apenas poucos metros de nós. Eram tão vermelhos que parecia existir fogo dentro de suas pupilas. Eu temia o que a presença de Tiarles representava para mim e minhas companheiras de viagem.

– O que ele é? – questionei Jaqueline.

Tiarles parou de andar bem próximo do nosso grupo. Em sua pele branca não havia marcas vermelhas do Sol como na minha.

Embora eu tendo perguntado para Jaqueline sobre o homem em nossa frente, foi ele mesmo quem respondeu.

– Eu sou um espírito, garoto. – disse ele com um sorriso estampado em seu rosto. – Tenho uma missão.

Vendo que falava olhando para mim, senti a obrigação de responder.

– Ninguém aqui está interessado no que você está fazendo – eu disse asperamente.

Tiarles soltou uma gargalhada profunda e alta.

– Acho que você deveria estar – disse ele,

recompondo-se.

– Posso saber por quê?

– Minha missão é levar você para meu senhor.

– Seu senhor? Seu desgraçado – Jaqueline gritou. – Eu já deveria saber que sua fraqueza não o deixaria longe de Huire.

O nome do meu irmão fez sinos tocarem em meu intelecto, e então entendi o que ocorria. Tiarles estava ali para, realmente, me levar para ao seu senhor. Huire.

Olhei espantando para o homem loiro, o sorriso de escárnio em sua face.

– E você vai fazer o quê, queridinha? Matar-me? – perguntou ele ironicamente. – Esqueceu que você já tentou fazer isso?

Eu não conseguia proferir mais nada. Meus únicos pensamentos eram em como era possível o que eu sabia estar prestes acontecer. Huire deveria ser muito poderoso, caso isso não fosse verdade, Tiarles, o demônio convencido, não estaria fazendo serviços para ele.

Senti a mão de Jaqueline cutucar minhas costas e lobriguei seu rosto. Sua expressão era tranquila. Como seria possível ela ter calma em um momento como aquele?

Ainda olhando para o aspecto da exorcista, vi que seus olhos estavam direcionados em algo.

Conduzi minha visão na direção que Jaqueline parecia querer me indicar e vi que em nosso lado, a uns cem metros, uma grande montante de pedras grandes erguia-se em direção ao céu laranja.

Fixei meus olhos no monte e distingui que um grande buraco negro introduzia-se nele. A entrada fazia com que as pedras formassem uma caverna. Mesmo longe, eu sabia que aquela era a entrada para a Sala dos Demônios, pela qual nós procuráramos por horas. Deus, nós necessitávamos chegar lá.

Abaixei minha cabeça e levantei-a de novo lentamente, fazendo um sinal de sim em câmera lenta. Jaqueline compreendeu que eu havia entendido seu recado silencioso.

Enquanto a jovem exorcista estivera me mostrando o que havia encontrado, quem estava enrolando Tiarles era sua irmã.

Patrícia estava no meio de uma discussão com o homem de olhos vermelhos quando eu prestei atenção na conversa.

– Eu não tenho medo de você – disse Tiarles. Mesmo com a afirmação, sua voz soou trêmula. Surpreso, entendi que a bruxa loira estivera ameaçando o espírito.

– Tiarles, eu posso te destruir para sempre. Você sabe disso... não é? – Patrícia provocou.

– Huire me deu mais força do que eu tinha antes – o demônio sorriu para a bruxa. – Eu não tenho motivos para ter medo de você.

A bruxa, ainda fitando Tiarles, colocou sua mão atrás de seu corpo. Olhei para ela e vi que ela fazia um movimento estranho. Os dedos contraíam-se e se soltavam. Prestei atenção por alguns segundos até que entendi o que Patrícia queria mostrar para mim e para



sua irmã. Era um sinal para nós fugirmos.

Virei meu rosto para Jaqueline, que me olhou desconfiada e assentiu lentamente.

Antes que Tiarles pudesse perceber, a garota de cabelos castanhos ao meu lado começou a correr desesperadamente na direção da caverna de pedras. Eu, sem pensar muito, segui atrás dela na mesma velocidade.

Ouvi o demônio gritando, e volvi rapidamente minha cabeça para vê-lo. Patrícia tinha as mãos levantadas para o céu e sobre elas havia uma fumaça extremamente azul. A bruxa estava atacando Tiarles, antes que ele pudesse nos atacar.

O homem caiu no chão e se debateu violentamente. Os gritos ecoavam pela Floresta dos Condenados.

Sem muito tempo, continuei correndo em direção ao monte de pedras que já estava a apenas uns trinta metros de mim.

Jaqueline seguia na frente, seus passos rápidos pareciam incessantes.

Ouvi outros passos atrás de mim, e vi que Patrícia também já estava correndo ao meu encalço. Assustei-me pensando em como ela devia ter me alcançado tão rápido.

Tiarles já parecia estar se levantando, e mesmo ele já estando a muitos metros de nós, eu sabia que ainda poderia nos alcançar.

Minhas pernas doíam, vítimas das minhas últimas horas de caminhada. A dor ia desde meus pés até minhas coxas, mas eu não poderia parar. Não enquanto

todos não estivessem na Sala dos Demônios.

O monte de pedras ficava maior conforme nós nos aproximávamos dele. A entrada ficava rente ao chão, mas as pedras subiam em um encaixe perfeito por metros.

Como Jaqueline corria na minha frente, vi quando ela tropeçou e caiu no chão.

Assustado, corri rapidamente até onde a exorcista estava. À medida que ela tentava levantar-se com os braços fracos, mirei seu rosto coberto de terra e sangue.

Ajoelhei-me ao seu lado.

A entrada da caverna estava a apenas alguns metros de nós.

– O que aconteceu? – perguntei, exasperado.

Antes que Jaqueline respondesse, sua irmã já estava ao meu lado.

– Vamos ajudá-la a levantar.

Coloquei meus braços por debaixo de Jaqueline e tentei erguê-la. A exorcista tonteava e seus membros arrastavam-se pelo chão, procurando por um lugar para apoiá-la.

– Jaqueline? – chamei-a.

A garota deu um gemido como resposta. Coloquei-a nos meus ombros, da mesma forma que havia colocado momentos antes. Porém, dessa vez, ela não pareceu reclamar.

Assim que terminei de colocar minha amiga nos ombros, procurei por Patrícia, mas ela não estava no mesmo lugar. Mais a frente, ela se encontrava imóvel com os olhos fixos no lugar onde Tiarles ainda deveria

estar caído. Segui a direção em que ela fitava e vi que o corpo do demônio não estava mais lá.

– Cadê ele? – perguntei.

Patrícia virou seu rosto para mim. Seus olhos arregalaram com visível espanto.

Girei-me para trás. Tiarles estava a apenas alguns passos de mim.

– Vamos, garoto – ele disse com voz furiosa. – Onde está seu espírito de compreensão? Se você resistir muito, vou matar suas duas amigas.

Fitei desesperadamente Patrícia, que tinha os olhos fincados no demônio.

– Cala sua boca! – gritou ela. – Ninguém matará a minha irmã!

A bruxa loira tremia de raiva, sua boca roxa. Com certo receio, dei passos para trás, com Jaqueline ainda pesando em meus ombros.

À medida que eu andava, eu via que estava deixando o caminho livre para Patrícia atacar Tiarles, e que antes eu estivera no meio de uma linha reta que ia da garota até o homem.

Tiarles olhou para Patrícia e ergueu sua cabeça. Ele riu diabolicamente, o que fez meus pelos eriçarem.

A menina de olhos azuis mirou o demônio e ergueu suas mãos. De suas palmas, uma estranha luz branca nasceu.

Eu ainda não parara de andar para trás. Tiarles não percebia que lentamente eu me distanciava dele, pois sua atenção estava toda voltada para a bruxa.

Patrícia mexeu suas mãos. A luz branca expandia-

se gigantemente. A forte visão da magia me doía os olhos.

A bruxa lançaria todo o seu poder sobre o demônio, presumi, e virei meu rosto para trás. Seria algo completamente destruidor, eu podia sentir isso.

Eu não havia nota que conforme eu andava, o monte de pedras ficara mais próximo de mim. Ele já estava no máximo a dois metros de distância. O buraco, que devia ser a entrada, era absolutamente negro e parecia adentrar infinitamente por entre as pedras.

Olhei para Tiarles. Em seu rosto estava um sorriso estampado.

– Bruxinha – disse ele ironicamente –, eu te avisei que Huire me deu alguns poderes a mais... Não é mesmo?

A fumaça branca nas mãos de Patrícia se alargava mais e mais.

– Pois então não reclame – terminou de dizer o demônio.

Meus olhos fecharam-se um pouco. Eu tentava ver o que Tiarles ia fazer, mas não conseguia enxergar o corpo do homem novamente, até que descobri o porquê. O demônio não estava mais no mesmo lugar, ele havia simplesmente sumido.

Patrícia olhou em minha direção e sorriu. Tiarles havia aparentemente fugido. Sorri para ela também. Mas quando vi que uma fumaça negra voava em uma velocidade incrível ao redor da jovem bruxa, meu sorriso desfez-se instantaneamente.

Tiarles havia tornado-se outro ser. Outra forma. A

fumaça escura que se expandia, contornando Patrícia, era ele.

A fumaça ficou ainda mais veloz e a se aproximou mais de Patrícia, que logo viu a ameaça. Seu rosto ficou completamente apavorado. O que já era uma bola de magia em suas mãos estava cada vez maior, quase do tamanho de uma árvore.

Quando Tiarles, na forma de fumaça, atacou Patrícia subitamente, ela gritou estrondosamente.

Os cabelos loiros da garota se moviam sem rumo pelo ar. A fumaça entrava nela e saía do lado oposto, causando-lhe muita dor.

Quando Patrícia estourou seu poder sobre Tiarles e sobre ela, eu só ouvi uma única palavra que ecoou por toda a Floresta em chamas.

– VÁ AGORA! – gritou ela.

Um som extremamente alto ribombou por todo o lugar. Fogo nasceu da terra onde Patrícia estava e subiu até o céu em uma incrível haste chamejante.

Meus olhos doíam toda vez que eu passava-os pela floresta, procurando pela irmã de Jaqueline, que continuava inerte m meus ombros.

Eu não via Patrícia por lugar algum, tudo era fogo unido às árvores já carbonizadas.

Girei meu corpo na direção da caverna a pouca distância de mim. E desesperadamente, segui as últimas palavras da jovem bruxa e corri até o buraco entre as pedras. Assim que dei meu primeiro passo para dentro do que parecia ser um longo túnel escuro, meu corpo caiu para baixo de forma violenta. Não aguentando mais

o peso de Jaqueline, soltei-a, deixando que a gravidade a levasse comigo, para seja lá qual for o lugar no qual iríamos cair.

Ao meu redor, tudo era escuridão.

Meus pés ainda não conseguiam tocar chão algum, pois meu corpo continuava a cair em um vão negro e profundo.

Eu tentava segurar as paredes do túnel vertical pelo qual que caía, mas parecia impossível. Quando eu pegava em algum lugar só sentia que era terra e que minhas mãos iriam se machucar se eu continuasse a tentar me segurar. Então, continuei caindo cada vez mais fundo naquele buraco estreito.

Olhei para baixo e vi uma luz pequena bem abaixo dos meus pés. Conforme meu corpo se aproximava da luz, ela ficava cada vez maior, até que além dela, imagens formavam-se.

Quando a pequena luz já estava praticamente me engolindo, eu deixei que meu corpo fosse levado ainda mais para baixo e continuei a olhar para frente.

De repente, o túnel vertical não existia mais, embora eu continuasse caindo. Olhei para baixo e vi que uma casa enorme estava lá. Eu conseguia ver os muros de pedras que a ladeavam e subiam suas laterais, porém, eles não tinham fim. Virei minha cabeça para cima. Na verdade, o túnel pelo qual eu estivera caindo por tanto tempo era o afunilamento dos muros do quintal daquela casa.

Aproximava-me cada vez mais da residência que

havia abaixo de mim. O teto era feito de telhas de barro e ao lado da casa, ainda no quintal, existia uma grande piscina, onde eu ia cair.

Fechei meus olhos, já me preparando para ser espatifado quando minha queda parou. Eu não caía mais, mas, meus pés também não conseguiam sentir o chão abaixo deles.

Abri os olhos. Eu estava flutuando um pouco acima da água da piscina. Olhei para o fundo dela e vi que ela não era profunda, sendo apenas quase uma poça de água. Se eu houvesse caído ali, eu já estaria morto.

Balancei meus pés, tentando andar para frente, mas eles davam apenas passos em vão, pois eu não saía do lugar de onde eu levitava.

Algo caiu sobre minhas costas e deixei meu corpo tombar sobre no que seria um chão invisível antes da água da piscina. Olhei para meu lado e vi o corpo de Jaqueline, que também pairava como o meu.

Levantei-me do chão invisível e peguei-a com meus braços.

Parecia que nós estávamos presos em uma bolha de ar que nunca chegaria ao chão e nem explodiria, resistindo.

Do lado da piscina, uma casa de pedras estendia-se pelo quintal. A porta era de vidro e madeira. Algumas cadeiras de praia estavam espalhadas pela varanda enorme entre a área da piscina e a porta.

Procurei por alguém. A porta da casa estava fechada. Talvez não houvesse realmente ninguém por ali, só eu e Jaqueline, ainda flutuando sobre a enorme

piscina de águas azuis.

Virei meu corpo. Do outro lado da piscina, um gramado verde estendia-se até as proximidades do muro que subia para formar o túnel vertical. Não existia nada além da grama e uma menina loira.

Subitamente, assimilei o que eu estava vendo. Uma garota realmente existia ali. Ela permanecia imóvel, olhando fixamente para a direção da bolha invisível, onde eu estava sobre a piscina.

Suas mãos se moveram como se puxassem uma corda que não existia. Conforme ela puxava-a, a bolha onde eu e Jaqueline estávamos se aproximou da extremidade da piscina.

Quando já estávamos fora do perímetro da água, olhei para baixo e vi que um chão de enormes pedras achatadas ladeava as águas.

Fitei a menina loira que já estava bem próxima da bolha. Ela abaixou uma das mãos e cerrou os dedos na outra. No instante em que seu movimento cessou, a bolha flutuante explodiu e eu caí no chão, com Jaqueline tombando sobre mim.

Passei minhas mãos no chão e tirei minha amiga desmaiada de cima de mim. Coloquei-a ao meu lado, deitada no chão, e levantei. Minhas pernas doíam um pouco, mas eu consegui flexioná-las, até que fiquei em pé e olhei para garota de olhos castanhos que estava em minha frente. Mesmo sem conhecê-la, eu estranhamente sabia quem ela era. Júlia Jorgin, a menina que Huire supostamente matara.



# Júlia

– Quem é você? – perguntou a menina loira.

Dei alguns passos em sua direção.

Jaqueline permanecia imóvel no piso ao lado da piscina.

– Sou Augusto – falei normalmente. – Você é a Júlia? – questionei, curioso.

A garota assentiu com um movimento de cabeça.

Mesmo vendo a menina e já sabendo quem ela era, sua confirmação me deixou surpreso. Como seria possível ela estar ali na minha frente? Por que ela estava naquela casa? Afinal, o que era aquela casa?

Minha cabeça doía.

Júlia passou por mim e foi até Jaqueline. Ela ajoelhou-se ao lado do corpo da exorcista e pôs uma de suas mãos sobre a face da garota.

A menina loira vestia um short jeans preto e uma

blusa azul claro. Seus sapatos pareciam ser caros, o que não combinava com o ambiente em que estávamos.

– Ela está mal – disse Júlia, virando seu rosto em minha direção.

– Hã? – eu não conseguia entender o que ela fazia com sua mão sobre minha amiga, e como através daquilo ela poderia saber se Jaqueline estava bem ou mal.

– Ela está mal... Augusto. – Júlia pareceu, por um momento, não lembrar-se do meu nome.

Eu podia ver que Jaqueline não estava nada bem, tanto é que desde que nós chegáramos a aquela estanha casa, ela não se movera nem por um segundo.

– O que podemos fazer? – perguntei, continuando minha conversa com Júlia.

– Você? Não muito – ela respondeu sua própria pergunta secamente. – Eu vou tentar curá-la.

Os parafusos do meu cérebro tentavam assimilar o que acontecia, mas eu ainda não entendia nada.

– Como assim? – perguntei, franzindo as sobrancelhas.

– Você realmente não sabe quem eu sou? – ela fitou-me com seus profundos olhos castanhos.

– Você é a garota que Huire, meu irmão, matou – respondi.

Júlia abriu um sorriso torto em seu rosto.

– É você. – Seus lábios se abriram de surpresa.

– Eu o quê?

A menina loira levantou-se de onde estava e deu alguns passos em minha direção, chegando perto de

mim. Ela era uns trinta centímetros mais baixa do que eu, seus cabelos não muito loiros, sendo que as raízes já nasciam com a cor de um belo castanho-claro.

Júlia esticou seu braço na direção do meu rosto e seus dedos macios e brancos tocaram minha bochecha. Constrangi-me com seu toque, mas ela parecia não notar isso.

– Seu irmão não me matou. Ele apenas me mandou de volta para o mundo espiritual – disse ela com voz calma.

– Por quê?

– Eu sou um anjo, Augusto.

Algumas peças começaram a se encaixar no meu quebra-cabeça mental. Olhei para Júlia, boquiaberto de surpresa.

Vendo meu estado, a garota riu baixo, porém alegre. Quando ela ria, linhas se formavam em torno de seus olhos, os quais pareciam cansados.

Eu fiquei em silêncio por alguns segundos, sem saber o que responder para Júlia.

– Eu posso tentar curar sua amiga – disse ela, ainda sorrindo.

– Como isso é possível?

– No mundo espiritual os poderes dos anjos ficam mais intensos, principalmente nesta casa. – disse Júlia dando uma rápida olhadela para o lado, como se conferisse que a casa do outro lado da piscina ainda estava intacta.

– Por favor, se você puder, cure Jaqueline – pedi.

A garota virou-se e voltou a andar na direção de

Jaqueline. Quando ela chegou perto do corpo da garota seus olhos fixaram-se nela e suas mãos se levantaram.

– Acho melhor você não olhar – disse Júlia.

– Tudo bem – falei, já me virando.

Desde o momento em que eu vira Patrícia lutando com poderes contra Tiarles há algum tempo atrás, eu tinha certeza que não queria mais ver aquilo. Meus olhos ainda doíam só de lembrar da haste de fogo que surgiu quando a bruxa pareceu se fundir com o demônio.

Abaixei minha cabeça, contemplando o outro lado do gramado, que terminava no muro de pedras. As folhas no chão eram verde-claras, e delas parecia haver uma luz própria emitida. A cor era tão viva e chamativa que quase não era possível perceber que abaixo do verde estava uma terra completamente negra, assim como a da Floresta dos Condenados. Aquilo indicava que eu ainda continuava no mundo espiritual.

Fiquei somente a fitar a grama por alguns segundos.

Mesmo sem ver Júlia, eu ouvia suas palavras serem pronunciadas. A garota fazia um ritual. Era tanta a perfeição da sonoridade de sua voz, que qualquer pessoa poderia pensar que o ser celestial atrás de mim estava apenas lendo um texto antigo ou decorado.

Uma luz passou por mim e seguiu até os muros de pedras. Minha sombra surgiu no gramado verde. A pele do meu braço formigava. Eu sentia o poder de Júlia mesmo ela longe de mim. Ela devia estar completando seu feitiço em Jaqueline, pois assim que a luz apagou-

se, eu ouvi o som da voz de minha amiga.

– Hã? – disse Jaqueline.

Olhei para seu rosto cansado e abatido.

– Até que enfim! – exclamei. – Que susto você me deu, garota.

Andei até estar bem perto da jovem exorcista. Ela já levantava-se do chão de pedras, ficando sentada.

– O que aconteceu? – as órbitas dos olhos de Jaqueline estavam perdidas..

Agachei-me ao seu lado e coloquei um braço por debaixo do seu. Levantei suavemente, trazendo Jaqueline junto comigo. A garota tinha ares de assustada, o que não a fez brigar comigo por ajudá-la daquela forma.

Consegui deixar minha amiga completamente em pé e estabilizada sobre o chão, percebendo que Júlia não estava mais próxima a nós.

Procurei ao redor, e vi a garota de cabelos loiros parada do outro lado da piscina, bem perto da porta de entrada da casa de pedras.

Lembrei da pergunta que Jaqueline me fizera, mas eu não poderia responder tudo naquele momento. Principalmente sobre o fato do ocorrido com sua irmã.

– Você precisa de ajuda para andar? – perguntei.

– Não – respondeu Jaqueline, sacudindo suas pernas igual a garota que tentava ativar seus membros depois de longo período em que não foram usados. – Só quero saber onde estamos.

Infelizmente, eu não sabia responder a pergunta da menina que continuava a me fitar com seus olhos

verdes.

– Eu não sei – disse, olhando para cima.

Acima, não existia nenhum céu. Apenas um teto de pedra, que fazia parecer que a casa fora construída dentro de um gigante salão medieval. Era estranho como tudo por ali era claro, mesmo com a ausência da luz solar.

Os muros que ladeavam o terreno da casa de pedras e seu quintal uniam-se em uma abertura para um túnel vertical, o qual eu não conseguia ver o fim, todavia, sabia onde ficava. Refleti rapidamente em como devia ter sido difícil construir tudo aquilo, pedra por pedra, até chegar ao fim.

– Augusto – ouvi Jaqueline me chamar e olhei em sua direção –, acho que eu sei onde estamos.

Júlia não estava mais do outro lado da piscina. A menina entrara na casa. A porta que antes estivera fechada, fora aberta, a espera de mais alguém.

– Como assim?

– Aqui é casa onde fica a Sala dos Demônios.

Entreabri boca de surpresa. Quando eu havia pulado na caverna que me trouxera para cá, eu pensava estar realmente vindo para a Sala dos Demônios, que devia ser meu ponto final. Mas, quando eu chegara naquela estranha casa, eu tive minhas dúvidas.

Jaqueline tinha os olhos assustados voltados em minha direção.

– Temos que entrar – eu disse, já começando dar meus primeiros passos para contornar o perímetro da piscina.

A menina de cabelos castanhos continuou parada por mais alguns segundos, mas quando viu que eu não iria esperá-la assimilar todos os fatos, deu passos rápidos até me alcançar.

– É preciso que você conheça alguém – falei, sem parar de andar.

Jaqueline caminhava ao meu lado.

– Você está louco se pensa que vai entrar naquela casa? Esse teste não importa mais – sua voz mostrava-se irritada. – Vamos embora, só isso.

– Sim, tudo bem. Vamos embora. Mas você precisa conhecer Júlia antes de irmos.

– Júlia? – perguntou ela, curvando as sobrancelhas.

– A menina que morava em frente à casa de Olívia, a que fora morta por Huire.

– Eu sei quem é.

Na da varanda, a porta de vidro continuava aberta. Fixei meus olhos para dentro da casa, mas não conseguia ver nada lá dentro devido à falta de luminosidade que devia haver lá.

– Mas você pode me explicar por que ela está aqui? – Jacqueline disse, e segurou meu braço antes de entrarmos na varanda.

As cadeiras coloridas de praia estavam dispersas atrás da garota, que me olhava desconfiadamente.

– Isso pode ser só mais uma armadilha de Huire. – disse ela calmamente.

– Júlia é um anjo, Jacqueline. Um anjo – eu falei, olhando no fundo dos olhos castanhos da garota em minha frente.

– O quê? – perguntou ela.

Desvencilhei-me sutilmente de seu aperto e continuei a andar em direção a porta de entrada da casa de pedras.

À medida que eu passava pela varanda, o piso fora substituído por pequenos azulejos brancos.

Caminhei até que passei pela porta de vidro e adentrei no recinto. Ouvi uma respiração funda atrás de mim, e soube que Jaqueline estava parada no lugar de onde o som viera.

Meus olhos passaram pelo cômodo. Tudo indicava ser uma cozinha.

Por dentro, a casa não havia sido feita de pedra, mas sim de alvenaria. As paredes eram amarelas, talvez pintadas recentemente.

Olhei para todos os lados. Em uma parede, havia um grande armário de inox e ao seu lado uma geladeira da mesma cor prateada. Na parede ao lado estava um pia de mármore escuro e uma pequena mesa de madeira envernizada. No lado oposto ao da porta, um balcão de madeira fora construído, e além disso a casa parecia ter continuidade. Quase no centro da cozinha, ficava uma mesa redonda de plástico branco com quatro cadeiras em seu arredor. Júlia sentava-se em uma delas.

– Olá – disse ela sorridente.

Jaqueline não se moveu atrás de mim. Eu, porém, deixei meus olhos fixarem-se em Júlia e segui andando até ela.

– Sentem-se.

Ainda em pé, perto da mesa de plástico, olhei para



Jaqueline. Em seu semblante, a confusão que devia ocorrer em sua mente era visível.

– Venha cá, Jacqueline. Eu também tenho perguntas, assim como você – falei, fazendo um gesto com a cabeça em sinal para minha amiga exorcista se aproximar.

Ainda um pouco embaraçada, Jacqueline se aproximou da mesa e postou-se ao meu lado. Ela olhou primeiro para Júlia e depois para mim.

– O que aconteceu conosco? – perguntou com a voz rouca.

Júlia, ainda sentada, nos observou curiosamente. Em sua mão estava um pequeno copo de vidro, dentro do qual parecia existir uma bebida parecida com leite e chocolate.

– Bem... – fitei Jacqueline, respondendo sua pergunta. – Você passou mal e desmaiou antes de chegarmos à caverna que era a entrada para o túnel que vinha até essa casa.

– E quem me trouxe até aqui?

– Eu – respondi com um sorriso sem graça no rosto.

– Hum... – disse ela, seca – E depois disso?

Meu sorriso se desfez no mesmo momento com as lembranças que começaram a surgir em meu pensamento.

– Tiarles conseguiu nos alcançar, e sua irmã, Patrícia, lutou com ele para dar esse tempo de nós entrarmos no túnel – falei tristemente.

Jaqueline abriu a boca surpresa. Ela ficara

automaticamente assustada com minhas palavras, a ponto de não perceber que eu usara seu grau de parentesco quando me referi à bruxa loira que nos defendera algum tempo atrás.

– Onde está minha irmã, Augusto?

Virei meu rosto para a menina loira sentada na mesa, esperando inutilmente que me ajudasse em minha resposta. Júlia pegou seu copo em cima da mesa e bebeu o que é que fosse que estava lá dentro.

Virei meu rosto para a menina loira sentada na mesa. Esperando inutilmente que me ajudasse em minha resposta.

– Eu não sei, Jaqueline – voltei a olhar para a exorcista. – Tudo aconteceu muito rápido. Tiarles havia se transformado em alguma coisa diferente, uma fumaça negra.

– Era a aura dele. Huir deu esse poder aos seus aliados – Júlia me cortou, e percebendo isso, suas bochechas coraram. – Desculpe.

– Tudo bem – falei para ela.

Jaqueline ainda esperava uma resposta mais completa de mim.

– Olha, eu realmente não sei o que aconteceu com sua irmã. Quando a aura de Tiarles começou a atacar Patrícia, ela soltou um grande um poder sobre eles dois. Ela havia me pedido para não ficar lá, e então eu entrei na caverna. Nós caímos em um buraco que estranhamente nos trouxe a essa casa subterrânea.

Os olhos da exorcista em minha frente ficaram. Uma lágrima correu por seu rosto, descendo até sua

boca.

– Ela morreu? – disse ela, a voz fraca.

– Eu sinceramente não sei – respondi. Um nó surgiu em minha garganta. Eu sempre tivera a imagem de que ela era uma pessoa forte e sozinha, mas isso nunca a incomodara. Desde que eu a conhecia, ela nunca demonstrou sentir nada pelas irmãs, devido a sua história particular de família. Naquele momento, ao ver Jaqueline chorar, eu sabia que ela mentira para mim, e para ela mesma. Ela amava suas irmãs.

Por um impulso que não pude controlar, dei alguns passos e abracei Jaqueline.

A garota de cabelos castanhos não impediu meu gesto solidário. A minha intenção era consolá-la, mesmo que nós ainda não soubéssemos qual fora o real desfecho de Patrícia.

Abraçando Jaqueline, senti seus braços também me rodearem e sua cabeça caiu sobre meu ombro. Suas lágrimas eram quentes e me faziam querer abraçá-la por mais tempo. Eu não iria interromper o momento de dor de minha amiga.

Depois de alguns segundos que em silêncio, a menina se desapertou de mim gentilmente. Conforme ela se distanciava, pude ver que seus olhos sempre tão verdes também estavam vermelhos e cobertos de água.

Ouvi o som de uma cadeira sendo arrastada quando Júlia levantou-se da onde estava e foi até Jaqueline, que ainda tinha as mãos no rosto.

– Escute. – disse a garota loira gentilmente. – Aqui nessa casa há alguns quartos. Posso levá-la até algum

deles, caso você precise descansar.

A exorcista balançou afirmativamente a cabeça.

Júlia passou as mãos pelas costas de Jaqueline e as duas, juntas, passaram ao lado do balcão de madeira e se encaminharam para o lado, no que semblava ser o início de um corredor.

Voltando meu olhar pelo caminho que elas percorreram, vi que depois de um espaço do balcão, existia outra parede de alvenaria, e que nela uma grande porta de ferro fora colocada, contudo, a porta estava trancada com três grandes cadeados. Eles estavam na extremidade entre ela e a parede. De longe, pareciam fechados.

Enquanto eu ainda fitava fixamente aquela porta de ferro, Júlia voltava sozinha pelo corredor da casa. Ela percebeu para onde eu olhava e lançou uma piscadela para mim.

– Na hora que você decidir – disse ela, sorrindo timidamente.

Não consegui entender o que ela queria dizer.

– Como assim?

Júlia contornou o balcão de madeira, rindo um pouco. Ela passou por mim e sentou-se na mesma cadeira em que estivera antes.

– Creio que seja melhor você sentar-se.

Não pensei duas vezes. Minhas pernas ainda doíam pelo que passei nas últimas duas horas.

– Tenho algumas perguntas – eu disse, sentando em uma cadeira ao lado oposto da mesa onde estava Júlia.

– É claro que você tem. Pode começar – proferiu ela, pegando novamente seu copo de vidro que permanecera na mesa.

– O que é essa casa? – perguntei firmemente.

Júlia respirou fundo, parecendo pensar em como começaria sua extensa explicação.

– Essa casa, Augusto, foi construída há muitos anos atrás, por bruxas, é claro. Em um cômodo daqui estão presos centenas de demônios. A sala onde eles ficam é...

– Chamada de Sala dos Demônios – completei. – Pelo menos disso eu sabia. Esse mesmo cômodo era utilizado antigamente para que testes fossem feitos com seres sobrenaturais.

– Então você já conhece... O que mais você quer saber?

– Onde fica a Sala dos Demônios? – perguntei rapidamente.

Lembrei de quando eu estivera olhando para a porta de ferro, e a fala de Júlia ao presenciar o que eu fazia. De certa forma, eu já sabia qual seria a resposta da garota.

– Ali – disse Júlia, abaixando seu copo e colocando-o sobre a mesa. Sem virar seu rosto, ela apenas indicou com a mão a direção até a porta de ferro.

Tremi só de pensar que eu estava, na verdade, bem próximo de quase dois mil demônios, que sem sombras de dúvidas deveriam estar furiosos por estarem trancados.

– A saída para o mundo normal fica lá dentro?

– Eu tenho minhas objeções quanto a você dizer que seu mundo é normal. Mas sim, a saída fica lá dentro, a não ser que você consiga escalar aquele detestável túnel íngreme. Entretanto, você voltaria apenas para o mundo espiritual.

As palavras da menina me fizeram lembrar de quando eu ainda caía pelo “detestável túnel”. Minhas mãos que tentavam agarrar as paredes de terra. A visão dificultada e escura que era a única possível naquele lugar. Como fora desgastante.

Virei minha cabeça. Através da porta de vidro que entrava na cozinha, o quintal lá nos fundos era completamente iluminado.

– Como é possível tudo aqui ser iluminado?

Júlia seguiu a direção dos meus olhos e riu baixo.

– Essa casa é como uma terra santa. A grama, as plantas, a própria construção, tudo emite luz própria. Entenda que as bruxas são engenhosas em tudo o que fazem.

Eu não compreendia completamente como tudo aquilo era real, porém, dei a entender que eu entendera tudo.

– Júlia – chamei a atenção da garota, que continuara olhando para o quintal dos fundos –, por que você está aqui?

A garota abaixou sua cabeça, e no mesmo momento, eu soube que entrara em um assunto delicado.

– Essa é uma história longa.

– Conte-me. Principalmente se essa história tiver qualquer ligação com Huire...

– Seu irmão – disse ela, completando a frase que eu tivera medo de terminar.

– Sim – falei baixo, mas no tom certo para que ela ouvisse minha voz.

– Quando eu fui para o seu mundo, Augusto, eu não estava sozinha.

Fitei a garota em silêncio, esperando por suas próximas palavras.

– Daqui, no mundo espiritual, os anjos e demônios já começavam a saber que Huire te procurava lá fora. Creio que você já deve saber que os anjos às vezes saem daqui, desse mundo, para poder buscar espíritos que vagam no seu.

Concordei com um movimento da cabeça.

– Eu e mais dois anjos fomos designados, por outros anjos, para buscar seu irmão no mundo exterior. Huire se fortificava cada vez mais lá fora, e em sua procura por você, – continuou ela – ele matava pessoas cruelmente.

Fiquei completamente surpreso. Se a busca de Huire por mim chegara aquele ponto, eu era culpado por mortes de pessoas inocentes na Terra.

– Por que vocês não conseguiram trazer Huire de volta para cá?

– Essa é uma parte difícil. – Os olhos de Júlia ficaram um pouco vermelhos. Ela piscou algumas vezes, tentando espantar as lágrimas. – Quando eu e os outros anjos chegamos na terra e tentamos nascer em corpos mortos de bebês, um acidente aconteceu comigo. E eu acho que aconteceu com elas também.

– Que acidente?

– O mesmo que acontecera com sua mãe anos atrás.

Eu compreendi o que a garota de cabelos loiros falava tão tristemente.

– Você perdeu a memória – afirmei, falando baixo e reflexivamente.

Júlia abaixou sua cabeça. A minha afirmação estava confirmada, embora não houvesse sido uma pergunta.

– Conte-me o restante – pedi com intensa curiosidade crescendo em mim.

– Huire aproveitou-se, particularmente, desse meu defeito de nascimento no mundo humano e me procurou, mas ele não podia me destruir, então me trouxe para cá.

Eu sabia que o espírito maligno podia destruir anjos para sempre, pois foi o que ele fizera com nossa mãe, sendo assim, não entendi porque Huire havia somente trazido Júlia para aquela casa, não fazendo o mesmo que ele fizera com Ana.

A garota pareceu ler meus pensamentos.

– Augusto, seu irmão é extremamente forte. Você acha que eu e minhas irmãs seríamos escolhidas para combatê-lo se também não fôssemos compatíveis? – disse ela, seca.

Fiquei em silêncio, sem palavras para responder sua pergunta. Os anjos que foram com Júlia para o mundo humano não eram apenas colegas dela, mas sim suas irmãs também.



– Tudo teria dado certo, se não fosse, é claro, o acidente que nos ocorre. – continuou a garota, que naquele momento estava com voz trêmula.

– Se você e suas irmãs são compatíveis ao poder de Huire, quando você encontrá-las...

– Juntas nós poderemos finalmente destruir seu irmão. Para sempre. – A voz de Júlia era firme e rígida.

– Mas... – por um momento fiquei constrangido com a idéia de interromper seu entusiasmo – onde elas estão?

– Eu não sei. – O semblante da menina endureceu-se. – Talvez o acidente que aconteceu comigo, não tenha acontecido com elas. Minhas irmãs podem ainda estar no mundo humano, procurando por Huire, enquanto ele procura por elas.

Eu já ouvira demais. O ódio profundo que eu sentia por meu irmão se multiplicava a cada palavra de Júlia.

– Ainda há uma chance, então – eu disse com a voz esperançosa.

– Talvez – respondeu a garota, tristemente. – Eu preciso sair daqui primeiro.

– E o que você está esperando, então? – perguntei automaticamente.

Júlia mirou-me, deixando o copo de vidro que ela segurava na mesa.

– Sua amiga – seu tom foi resoluto.

– Hã? – eu não compreendi o que ela queria dizer.

– Jaqueline é uma exorcista, não é? – Antes que pudesse responder, a própria menina respondeu sua

pergunta. – Sim. Pois então, a passagem que está na Sala dos Demônios, e que vai para o “mundo normal”, só pode ser aberta por um exorcista. Eu realmente espero que sua amiga possa fazer isso, por nós.

Meus olhos alargaram-se, surpresos. Eu não esperava por aquela informação.

– E quanto ao meu teste? – perguntei, mesmo sendo uma questão tola no momento.

– Que teste? – Júlia surpreendeu-se. Ela pensou por um tempo, em silêncio, e finalmente entendeu o que eu queria dizer. – Nossa! – ela exclamou. – Você veio para o mundo espiritual... somente para fazer o teste na Sala dos Demônios?

– Sim. Mas nós não esperávamos tudo o que aconteceu – esclareci.

– Entendo, entendo... – disse a menina loira reflexivamente. – Mas por que você não sabe o que é? Sua mãe era um anjo, você é um híbrido – ela transmitia certeza em suas palavras. Um sorriso de deboche surgiu em sua boca, como se ela zombasse de mim por ainda eu não ter conhecimento sobre aquilo.

– Na verdade, não – eu disse, seco. O sorriso de Júlia desapareceu com seu perceptível pressentimento sobre minhas próximas palavras – Meu pai, Jonatan, era um exorcista, e ninguém sabe no que isso pode ter interferido na minha genética.

Júlia sacudiu a cabeça e retirou de vez seu sorriso debochador. Suas bochechas coraram, constrangida.

– Eu me esqueci disso, desculpe – ela disse.

– Tudo bem.

– Então é necessário que você faça o teste. Particularmente, nunca ouvi falar sobre um híbrido ente um anjo e um exorcista, dois seres que possuem entidades sobrenaturais. Vamos ver o que descobrimos quando você estiver na Sala dos Demônios.

Assenti com um movimento leve de minha cabeça.

– Augusto, por que quando você falou sobre seu pai, você se referiu a ele no passado? – perguntou Júlia, suas sobrancelhas franzidas.

Eu não notei quando fiz isso, mas eu tinha uma resposta para a pergunta da garota, que me fitava atentamente com seus olhos castanhos.

– Ele foi morto. Por Huire – falei baixo.

– Por Huire? Impossível. – Sua voz era diligente. – Quando ele me trouxe para cá, eu consegui recobrar minha memória por alguns instantes. Eu não estava muito forte, pois Huire me maltratou muito nos meus últimos dias como humana, mas eu consegui trazê-lo junto comigo para o mundo espiritual.

Finalmente, eu descobria qual era o real motivo para Huire ter voltado para aquele mundo. Não foi por sua vontade própria, ao invés disso ele fora forçado a vir. Interessante.

– Eu não sei. Eu tenho certeza que foi Huire quem matou meu pai e que foi ele também que me atacou quando eu fui na sua casa, no mundo normal. – falei, um pouco confuso.

Como Júlia ainda me fitava, embaraçada, eu contei tudo o que acontecera comigo dois dias atrás. Quando terminei, ela parecia definitivamente assustada.

– Gatos pretos podem ser considerados como o símbolo de Huire. Mas eu tenho certeza que ele continua no mundo espiritual, pois é impossível que eu não o tenha trazido. Mas acho que sei como explicar o que aconteceu contigo, já no caso de seu pai, eu creio que não seria a mesma explicação.

– Como? – perguntei.

– Huire está cada vez mais forte. Eu já sentia isso, mas agora tenho absoluta certeza.

– Ele já está conseguindo recrutar espíritos para se juntar a ele – eu disse, consolidando as palavras da garota de cabelos loiros.

– Sim. E algo pior está acontecendo.

– Como? – questionei novamente, surpreso. O que poderia ser ainda pior?

– Mesmo com Huire aqui nesse mundo, ele está conseguido agir no mundo normal – a voz de Júlia parecia assustada. – Eu diria que isso era impossível até dois segundos atrás.

– E o que isso pode significar?

– Que temos que voltar logo para seu mundo. Antes que Huire vá em nossa frente, e destrua tudo em sua procura por você. – Ela fixou seu olhar em mim.

– Eu não entendo por que ele me quer tanto.

– Oh! – exclamou a menina. Ela levantou subitamente da cadeira onde estava sentada, jogando-a para trás com o movimento impulsivo. – Vou acordar Jaqueline agora, nós temos que entrar na Sala dos Demônios. Tanto para fazer seu teste, que agora eu sei que significa muito, como para irmos embora o mais

rápido possível.

Sem compreender muito bem o que Júlia queria dizer com o fato de meu teste ser tão importante, levantei-me da cadeira de plástico.

– Tudo bem.

# Sala dos Demônios

– Augusto, sei que você já deve saber disso, mas tenta cuidado – alertou Júlia, olhando profundamente em meus olhos.

– Eu não consigo imaginar quais são nossas chances de sairmos vivos lá de dentro – eu disse com a voz trêmula, da mesma maneira como estavam minhas mãos que se movimentavam nervosamente.

Nós – eu, Júlia e Jaqueline – estávamos na frente da porta de ferro que dava entrada a Sala dos Demônios. Os três cadeados que selavam o metal com a parede ainda continuavam fechados, mas a garota loira já segurava um deles.

Jaqueline estava ao meu lado, olhando fixamente para porta, assim como eu, seu semblante assustado, como se ela estivesse desorientada.

– Você está bem? – perguntei rapidamente.

– Sim, eu só não sei como vocês ainda acham que eu vou conseguir abrir a saída para o mundo humano – disse ela, variando seu olhar entre mim e Júlia.

– Pessoal, prestem atenção – falou o anjo calmamente. – Confiem puramente em seus extintos, os dois. Lá dentro, qualquer poder que vocês possuírem ficará totalmente intensificado. Então, acreditem na arma que vocês possuem dentro de vocês.

Eu fiz que sim com a cabeça, e Jaqueline o mesmo, porém seus músculos ainda estavam retesados.

A mão de Júlia ainda permanecia segurando o cadeado de ferro que fazia com que a porta não se abrisse.

– Eu vou nos colocar dentro de uma bolha de poder – disse ela, me fazendo pensar em como era incrível os poderes que os anjos podiam ter no mundo espiritual. A bolha de poder a qual ela se referia devia ser parecida com a que fora usada para salvar Jaqueline e eu de uma queda esraçalhadora. – Nós passaremos pelos demônios a salvo. Não se preocupem.

Por algum motivo que eu não compreendia, eu realmente me sentia preocupado. Mesmo assim, eu tentava não demonstrar isso.

– No momento em que eu abrir os cadeados, vou colocar-nos dentro da bolha. Por favor, não me desconcentrem enquanto eu estiver usando meu poder. Eu vou controlá-los quando estivermos dentro da sala, caso isso não aconteça, nós todos podemos morrer.

O anjo lançou a mim um último olhar preocupado e tocou no primeiro cadeado. Uma pequena luz branca

saiu pela ponta do dedo dela. O ferro do cadeado rangeu, como se estivesse trancado por muitos anos. Em menos de um segundo, o primeiro cadeado se abriu, e Júlia repetiu seu gesto no seguinte, que estava no centro da porta.

Dentro de pouco tempo, os três cadeados estavam abertos e a porta começou lentamente a se abrir, fazendo um alto som de ferro sendo arrastado por um chão áspero.

Meus músculos congelaram quando eu me dei conta de que o momento pelo qual eu esperara tanto havia finalmente chegado.

Senti meus pés flutuarem, tentei dar alguns passos para frente, mas minhas pernas não tocavam mais o chão. Virei meu rosto e vi que Jaqueline estava igual a mim.

Voltei a olhar para frente. A porta de ferro já estava totalmente aberta para fora. Além dela, havia um quarto enorme. As paredes eram todas amarelas, sem nenhum móvel entre elas.

Olhei para Júlia. Ela estava com seus olhos fechados. Seu semblante era firme, suas sobrancelhas finas franzidas. A garota estava totalmente concentrada em seu poder, eu podia sentir isso ser emanado dela.

Mesmo sem abrir os olhos, o anjo ao meu lado disse algumas palavras, que soaram estranhamente como um último aviso.

– Cuidado. Muito cuidado.

Minha pele formigava por estar dentro da bolha de poder de Júlia. Eu não tentava mais mover minhas



pernas, pois seria impossível andar normalmente naquelas condições.

Sem eu mexer meus membros, meu corpo se moveu lentamente. Ao meu lado, Jaqueline respirou fundo, tentando controlar suas emoções. A bolha em que estávamos movia-se para frente, levando-nos junto com ela para dentro da sala.

Os cabelos de Júlia pareciam estar sendo eletrocutados, os fios moviam-se e flutuavam no ar.

A bolha locomovia-se em direção ao portal que nos colocaria dentro da Sala dos Demônios. Posso dizer que eu nunca havia sentido tanto medo em minha vida como quando naquele momento.

Lentamente, ainda levitando, entramos dentro do pequeno quarto amarelo. Nossos corpos moviam-se juntos.

Os pêlos do meu braço arrepiaram-se tanto que cheguei a pensar que eles sairiam de mim, levando toda minha pele com eles.

A bolha que nos transportava parou por alguns instantes. Passei os olhos pelo quarto.

Desde eu soube sobre a Sala dos Demônios, o medo que eu sentia daquele lugar crescia cada vez mais. Eu sempre imaginei como deveria ser o cômodo e os demônios. Minhas idéias costumavam variar entre corpos mortos, mas que se moviam possuídos, e pessoas normais com olhos vermelhos. Porém, nada fazia sentido conforme eu passava meu olhar por aquele lugar.

Não existia absolutamente nada, com exceção das

paredes, o teto, chão de cerâmicas brancas e uma porta de madeira do lado oposto ao que entrávamos. Devia ser lá a passagem para o mundo normal.

Tremi de ansiedade com o pensamento de que logo eu estaria de volta. Faltava pouco.

Voltei a olhar para Júlia. Eu quis perguntar para o anjo o que deveríamos esperar, mas consegui me lembrar de suas palavras antes de entrarmos na sala. Ela fora incisiva quanto a ninguém incomodá-la. E não seria eu quem descumpriria suas ordens.

Jaqueline remexia-se ao meu lado. Eu queria poder abraçá-la e acalmá-la enquanto nós estivemos passando por aquele lugar, embora eu também estivesse, de certa forma, assustado.

Nada acontecia em momento algum. Por ventura os demônios nunca houvessem existido em sala alguma. Ou ainda era possível que nós tivéssemos errado de cômodo quando havíamos entrado naquele. Porém, eu sabia que Júlia nunca se enganaria de tal forma.

O anjo não se mexia ao meu lado, ainda com os olhos fechados. Ela respirou fundo uma única vez e a bolha de poder se moveu novamente, levando os três corpos flutuantes em seu interior junto com ela.

Mesmo sem ver, eu ouvi quando a porta de ferro fechou-se violentamente atrás nós.

Algumas engrenagens funcionavam sem parar dentro do meu cérebro. Onde estavam os demônios? Onde estava o perigo? Patrícia morrera em vão tentando mandar a mim e a sua irmã para um lugar que nem existia? A porta do outro lado do quarto realmente nos

levaria para o mundo humano? Logo eu saberia, ao menos, a resposta da última pergunta, pois nossos corpos estavam cada vez mais próximos da uma porta de madeira.

Faltavam apenas alguns dois metros para conseguirmos alcançar a saída daquele lugar, quando a bolha de poder de Júlia explodiu, deixando todos cair no chão.

Eu e Jaqueline conseguimos, incrivelmente, cair em pé, em cima das cerâmicas brancas que passavam a sustentar nosso peso. Júlia, no entanto, havia perdido o equilíbrio e caíra no piso.

Ajoelhei-me ao lado da garota, os cabelos loiros jogados sobre seu rosto. Eu via que ela não estava desacordada, então a chamei.

– Júlia – eu disse alto –, está tudo bem com você?

A menina pareceu despertar de um pesadelo, e sentou-se rapidamente no chão, ofegando intensamente.

– Ele está aqui. Ele está aqui! – seu tom de voz ficara desesperado.

– Ele quem?

– Huiré.

Senti Jaqueline ficar totalmente tensa atrás mim.

– Como assim?

Júlia me dissera antes que quando o espírito trouxera-a para aquela casa, ela também conseguira, de uma forma sobrenatural que eu não entendia, trazer ele junto com ela. E que era por isso também que ele estava trancado no mundo espiritual. Trancado?

Repentinamente, eu percebi a verdade dos fatos.

– Quando você me disse que havia trancado Huire, você se referiu a tê-lo trancado aqui? – perguntei com voz trêmula.

Olhei rapidamente para a direção de Jaqueline. Seus olhos, ainda vermelhos pelo choro por sua irmã, estavam arregalados de medo.

– Você precisa nos tirar daqui agora – eu disse, desesperado.

– Eu não sei. Eu disse que não sei como nos tirar daqui. – respondeu ela, o tom amedrontado.

– Augusto. – chamou-me Júlia. Virei meu rosto novamente na direção do anjo. – Eu pensei que quando os demônios nos atacassem, as propriedades sobrenaturais de Jaqueline fossem se revelar, fazendo-a saber como nos tirar daqui. Já houve muitos médiuns que conseguiram fazer isso, porém os demônios não nos atacaram.

– Onde estão esses malditos demônios?

– Estão acima de nós.

Jaqueline gritou tão alto que o som pareceu ecoar por muito tempo no recinto.

Arregalei meus olhos e comecei a girar lentamente meu rosto em direção ao teto.

Quando eu vi a imagem acima de nós, eu soube no mesmo momento que eu jamais me esqueceria dela.

Uma densa fumaça brotava no centro do teto e se expandia, deixando o todo ambiente mal-iluminado.

Os pêlos da minha nuca eriçaram-se. Nós não havíamos, infelizmente, errado de cômodo. Aquela era, certamente, a Sala dos Demônios, o lugar onde quase

dois mil seres malignos estavam presos a dezenas de séculos atrás.

A fumaça crescia cada vez mais. Em poucos segundos, ela já havia tomado todo o perímetro do forro. Seus braços grudaram nas paredes, descendo lentamente.

Levantei-me e Júlia fez o mesmo, postando-se ao meu lado.

Uma mão macia segurou a minha. Abaixando meu olhar vi que ela tremia, colada a mim. A pele branca de Jaqueline não me era irreconhecível. Levantei minha outra mão vaga e coloquei-a em seu rosto.

– Desculpe-me – eu disse pesarosamente.

Uma lágrima escorreu dos olhos verdes da jovem exorcista.

– Eu não sei como abrir aquela porta. – Sua voz era desarmada, embargada pelo choro. – Desculpe-me. – o tom de sua palavra penetrou em mim, como uma faca afiada e cortante.

Voltei a olhar para a fumaça negra que já chegava quase ao chão. Eu sabia que o ambiente só não estava noturno pelo piso sagrado, que assim como todas as coisas daquela casa, emitia luz própria e quase imperceptível.

Júlia olhava fixamente para a mesma direção que eu.

– Seu irmão. Nunca tenha medo dele, e nunca se deixe levar por suas palavras.

Estranhamente, eu sabia que as palavras do anjo eram um aviso para os próximos momentos.

– Eu não tenho medo dele – falei firmemente, mesmo sem ter muita certeza de minhas palavras.

A fumaça já havia tomado conta das quatro paredes e de todo o forro da sala.

Medo era exalado por aquela forma negra. Eu podia sentir que a morte estava próxima, congelando o sangue dentro de minhas veias.

De repente, pequenos pontos de luz vermelha começaram a nascer na fumaça. À medida que as centenas de relevos cresciam, pequenos rostos surgiam por detrás da forma negra, porém, era como se a fumaça fosse na realidade uma cortina e eles tentassem rasgá-la para poder se libertarem.

O meu pensamento não estava errado. Os dentes dos pequenos rostos se mexiam, fazendo um som irritante. Ainda surpreso, notei que, na verdade, os rostos conseguiam rasgar a densa fumaça.

Fisionomias aparentemente normais apareciam, enquanto pedaços da fumaça eram destroçados.

Os primeiros órgãos que eu vi foram seus narizes e suas bocas. As peles dos rostos eram de todas as cores, como uma variação de raças, mas os olhos eram todos de uma única tonalidade. Vermelho. Logo eu soube de onde vinham os pontos vermelhos que eu vira antes de os rostos aparecerem. Dos olhos diabólicos.

Jaqueline tremia extremamente apavorada ao meu lado.

– Nós vamos morrer?!

Pensei por um longo tempo antes de dar uma resposta. Eu não queria tirar qualquer esperança de

Jaqueline, assim como não queria dar. As chances de sairmos vivos daquela sala pareciam cada vez menores.

– Eu não sei – respondi com a voz baixa.

Soltei-me levemente da mão da jovem exorcista e girei meu corpo completamente, os rostos demoníacos estavam por todos os lados. Foi então que ao lado de algumas faces, braços e pernas despontaram, como se estivessem surgindo das paredes.

Eu olhava, assombrado, para todos os lados. Os demônios saíam das paredes vagarosamente, sem pressa alguma para chegar até nós. Alguns corpos já saíam inteiros, revelando fisionomias humanas.

Dentro de poucos minutos, eu e as duas garotas já estávamos rodeados por demônios. Os seres apenas continuavam a nos olhar, sem darem passos para chegar até nós.

Havia demônios espalhados por todos os lados. Seus corpos imóveis pareciam ao de soldados que esperavam a ordem do general, disciplinadamente.

Repentinamente, um dos seres se moveu, andando de forma lenta em direção a mim. Conforme ele marchava, Júlia ficava cada vez mais tensa, e Jacqueline mais trêmula.

Os passos do homem negro eram compassados. Suas roupas eram uma calça e uma camiseta, ambas de tons escuros. Ele não parecia querer chegar até mim rapidamente. O demônio, na verdade, queria ver o medo em meus olhos antes de fazer o que é que ele pretendia. Enquanto ele se achegava, os olhos dos outros o acompanhavam.

– Você... – A voz do demônio era como o miado de um gato, áspero e contínuo.

– Eu o quê? – fulminei-o com o olhar.

Vendo o que eu fazia, o homem sorriu diabolicamente, de modo irônico.

– Você irá morrer... – suas palavras tornaram-se duras e incisivas. – O mestre quer que seja assim e assim será.

Eu previa que alguma coisa ruim com certeza aconteceria comigo. A criatura parou a quase um metro em minha frente, ainda sorrindo, expondo seus estranhos dentes.

– Sabe por que os outros demônios não te atacam? – perguntou ele, com o olhar debochado.

Fiquei em silêncio. Eu não compreendia porque os outros espíritos não haviam nos aniquilado ainda.

Júlia se moveu rapidamente ao meu lado, tão veloz que eu quase não pude ver. A garota entrou em minha frente, ficando entre mim e o homem negro.

– Covarde! – gritou ela. – Esses seus outros amigos não nos atacam porque você sabe o que Augusto é.

O demônio deu mais um passo para frente e, com um movimento veloz, deu um tapa na cara de Júlia. O rosto da garota girou para o lado.

Júlia voltou a olhar para o demônio. Ao lado de seu rosto, uma marca vermelha se formara.

– ATAQUEM-NOS COVARDES! MOSTREM-NOS SEUS MALDITOS PODERES. PORQUE VOCÊS TÊM TANTO MEDO? – ela gritou tão alto que



eu quase podia ouvir suas cordas vocais movimentando-se.

Eu não compreendia qual era a intenção de Júlia. Ela pedia desesperadamente por nossa morte. A esperança esgotava-se em mim aos poucos.

– Meu senhor está chegando. Será ele quem irá derramar o seu sangue, como também irá fazer com o irmão dele e aquela exorcistazinha.

As palavras do homem foram iguais a ácido em minha pele, quando eu entendi o verdadeiro significado delas. “O senhor” a quem o homem se referia era Huire. E se o que ele falava fosse verdade, meu irmão estava chegando.

– Eu o prendi aqui com vocês – disse Júlia, ainda um pouco surtada. – Por que ele não está no seu lugar? Huire é tão covarde quanto vocês?

O demônio ficou curiosamente quieto, suas mãos tremendo violentamente. Em sua testa e pescoço, largas veias apareciam. Eu sabia que o demônio estava se transformando em algo ainda pior. Mas, no quê?

Ele piscou, e quando me dei conta, seus olhos estavam amarelos, as pupilas substituídas por uma fina marca negra. Seus olhos eram os mesmos dos gatos que me atacaram na casa de Júlia. Felinamente sombrios, raivosos.

O demônio rosnou, furioso. Júlia, no entanto, continuava firme em minha frente, sem hesitar em nenhum momento.

Olhei para Jaqueline, ela parecia sem palavras para descrever ou comentar o que acontecia.

A coluna do homem curvou-se. Os ossos de seus braços tomavam novas formas. Ele caiu no chão com as duas mãos encostadas na cerâmica. Suas roupas se rasgavam conforme pelos negros nasciam em sua pele.

O espírito em minha frente transformava-se, pouco a pouco, em um animal.

Olhei para baixo e vi uma enorme pantera em posição de ataque, terminando sua metamorfose.

Sem que ninguém esperasse, a garota loira ao meu lado pulou sobre o animal, caindo sobre suas patas.

Uma luta começou a se desenrolar em minha frente.

O jovem anjo foi tombado para trás com a força das patas escura, que passaram a ficar sobre a menina.

Os olhos castanhos da menina continuavam firmes. A pantera tinha a cabeça a alguns centímetros da sua, pronta para devorá-la.

Eu observava, desesperado, já imaginando como deveria ser cruel e doloroso a morte pela boca de um animal como aquele.

Sem Júlia, Jaqueline e eu não teríamos a menor chance de sair da Sala dos Demônios vivos.

Eu ainda olhava para o anjo quando sua pele mudou. Sua casca tênue, sempre tão clara, emitiu uma intensa luz.. No rosto de Júlia, um sorriso feliz estampava-se.

– Tem certeza? – perguntou ela, debochadamente.

A garota saltou para cima com toda sua força. Uma explosão de luz branca inundou todo o ambiente, me deixando momentaneamente cego.

Quando enxerguei novamente, Júlia estava quase no teto. Seu corpo flutuava e emitia a mesma luz branca sem cessar. Seus braços erguiam-se, e de suas mãos saíam feixes de luzes douradas.

O anjo riu e lançou seu poder sobre a pantera que jazia no chão. O animal urrou e uma fumaça escura saiu dele. Percebi que a fumaça estava sendo aspirada pelos outros demônios.

– Essa não. – disse Jaqueline ao meu lado, assustada. – A aura do demônio que ela matou está alimentando os outros.

– O que isso significa? – perguntei debilmente. Meu estômago embrulhou-se com aquela cena.

– Eles ficam mais fortes.

Automaticamente, alguns demônios começaram a se transformar em fumaça, que subia rapidamente na direção de Júlia.

Tudo acontecia muito rápido. Minha respiração ondulava a cada inesperado.

Por um momento, vi que o rosto do anjo assustou-se, mas logo voltou a ser firme da mesma maneira como estava antes. Ela continuaria lá, não importando o que calharia a acontecer.

Júlia recitou palavras desconhecidas. A cor de seus olhos castanhos foi substituída por uma cor clara, chamejante.

O poder da garota era tão intenso que os demônios, em forma de fumaça, sumiam antes de atingi-la. Eu sempre achei que aquele anjo deveria ser realmente forte, mas nunca pensei que ela poderia ser tão poderosa

quanto era. Cara, ela acabaria com todos.

Uma pequena centelha de esperança nasceu em mim. O pensamento de que Júlia poderia salvar a todos nós me encheu de alegria.

De repente, tudo pareceu perdido quando uma fumaça negra e densa conseguira atingir a garota, que ainda flutuava perto do teto. A luz emitida por seu corpo perdeu sua intensidade, e ela caiu violentamente no chão, de modo brusco.

Os demônios – tanto os que ainda estavam em forma humana, como os que já haviam se tornado fumaça – voaram para cima do corpo do anjo. Meus olhos arregalaram-se. Chegara à hora de eu interferir, caso contrário, Júlia seria destruída em minha frente.

Olhei de relance para Jaqueline. Ela deveria ter pensado o mesmo que eu, pois suas pernas correram rumo ao aglomerado que se formava ao lado do corpo de nossa amiga celestial.

Forcei meus músculos a moverem-se e corri ao lado de Jaqueline.

– Use seu poder – eu disse, desesperado. – Exorcize-os.

A jovem exorcista, ao ouvir minhas palavras, fechou os olhos. Seu semblante mudou e sua boca declamou termos antigos, os quais eu sabia que faziam parte de algum ritual.

No exato momento em que Jaqueline proferia as palavras em voz alta, uma haste de fogo desceu do teto. Ela adentrou no aglomerado de espíritos ao redor de Júlia. Todos eles desnortearam-se, prestando atenção na

ameaça.

Eu tinha a visão cravada minha amiga. Seu corpo tremia inteiramente, e ela parecia sentir uma dor profunda, mas não parava de recitar em momento algum. A haste de fogo queimava todos os espíritos que atingia conforme descia do teto. Mesmo assim, não eram todos.

Tudo aconteceu muito rápido.

Fumaças negras vieram na direção de Jaqueline e eu entrei em sua frente, tentando protegê-la. Quando os espíritos me atingiram, senti uma dor excruciante em minha cabeça. Meus olhos doeram profundamente, e eu os fechei, mas a dor não cessava. A pele dos meus braços e minhas pernas queimava e ardia. O que era aquilo?

Jaqueline gritou. Não podendo aguentar a curiosidade, abri as pálpebras. A menina em minha frente estava totalmente assustada.

Meus braços ainda queimavam e vi que deles uma luz branca forte era emitida, assim como o de Júlia anteriormente. Aquilo era fogo?

Jaqueline, me ajude. As palavras não atravessaram minha garganta.

Eu senti transformações ocorrerem em meu corpo, sem nem ao menos vê-las. Um choque forte subiu dos meus pés ao meu crânio, me fazendo urrar de dor.

Recobrando um pouco dos sentidos, ergui meu braço em sua direção e toquei na bochecha de Jaqueline. Minha mão era clara e ofuscante.

– Não tenha medo – pedi calmamente. – Por favor.

Eu não sei o que é isso. Não vá embora. Ajude-me.

– Você é um anjo – ela disse, hesitante. – Agora podemos ter certeza.

Eu sabia o que aquilo significava. Sorri, sentindo uma felicidade preencher minha alma. Será verdade.

Sem pensar muito, girei para trás. Os espíritos haviam parado de atacar Júlia, cujo corpo permanecia inerte no chão. Todos eles voltavam à forma semi-humana, e me fitavam com extrema atenção.

Eu ainda não sabia como usar meu poder de anjo para destruí-los, então fiz o que me pareceu ser o mais correto.

– HUIRE – urrei. – VENHA CÁ.

Eu não tinha mais medo do meu irmão, e conforme o tempo passava, eu sentia sua presença maligna cada vez mais perto. Ele não tardaria em chegar.

Jaqueline pegou em minha mão.

– Vamos embora! – ela gritou, desesperada. – Vamos agora. A porta está bem ali.

Olhei para a porta de madeira a qual Jaqueline se referia. Meus olhos ainda doíam um pouco, mesmo assim, eu voltei a contemplar seu rosto. Respirei profundamente o ar carregado e disse:

– Ele está chegando – falei, minha voz baixa. – Vamos destruí-lo.

– Eu não poss...

Antes que Jaqueline concluísse suas palavras, eu ouvi a voz mais fria existente no mundo.

– Olá, irmão mais velho.

Espasmos momentâneos me atingiram.

Virei lentamente meu rosto. Huire estava em pé, alguns passos depois de onde se encontrava o corpo de Júlia.

O demônio tinha uma feição horrível, disse eu tinha certeza, pelo menos para mim. Seu rosto era modelado e seus cabelos podiam ser até mais negros que o meu. Suas vestes eram uma camiseta vermelha e um short jeans preto.

– Huire – murmurei.

O ser riu, fazendo com que eu me arrepiasse. Ele agachou-se ao lado do corpo de Júlia e colocou uma de suas mãos brancas sobre o rosto da menina.

– Quase morta – disse ele friamente. – Creio que devo terminar o serviço de meus servos.

Os demônios dispersos pela sala voltaram-se para Huire. Existia vergonha em seus olhares. Eles estavam constrangidos e... temerosos. Deus, no que meu irmão se transformara?

– NÃO! – gritou Jaqueline atrás de mim.

Huire levantou seu olhar para a garota.

– O quê, querida? – perguntou ele.

– Não toque nela – disse a exorcista.

Eu continuei olhando para Huire em silêncio. Quando eu mais precisava de minha voz, ela não saía. Eu queria lançar meu poder angelical sobre o demônio, mas eu ainda não sabia usá-lo.

Huire levantou-se lentamente, e deu passos largos em direção a onde Jaqueline e eu estávamos.

Conforme o espírito andava, os outros semelhantes a ele recuavam alguns passos, deixando o caminho livre

entre nós e o meu irmão. Um verdadeiro exército.

A luz celestial continuava a ser emitida de minha pele, porém seu poder não me causava mais dor. À medida que o ser vinha em minha direção, a luz se intensificava gradualmente.

Huire estava bem próximo a mim e a Jaqueline. A presença do jovem – já que ele era mais novo do que eu – parecia afetá-la de forma interna, enquanto ela tentava manter o controle de suas emoções.

Sem medo. Nós vamos sair daqui, pensei.

Acompanhei os movimentos do meu irmão quando ele levantou um de seus braços e tocou um dedo na testa de Jaqueline. Os olhos dela fecharam-se rapidamente e seus músculos retesaram-se.

– Eu preciso de um favor – disse ele.

– Sim. – respondeu Jaqueline. Sua voz não era mais a mesma, e parecia sair forçadamente por sua boca.

Arregalei os olhos. Eu não percebi o que Huire fazia até aquele momento, mas a realidade me atingiu. Ele começara a controlar mentalmente Jaqueline.

Jaqueline, agora não, por favor, reaja.

– Abra aquela porta. Todos esses meus servos em um espaço tão pequeno é um pouco... desconfortável.

Observei, paralisado, quando ela volveu seu corpo, fazendo seus cabelos castanhos se esvoaçarem pelo ar.

Jaqueline andava em direção à porta de madeira. Não, ela não podia fazer aqui.

Escutei um estrondo no chão, um pouco distante de mim, e automaticamente olhei para Júlia. A menina



loira recobrava seus sentidos. Fiquei momentaneamente alegre quando vi que ela não estava morta.

Todos os seres na sala estavam atentos aos movimentos de Jaqueline. Ela se aproximou da porta e pegou na maçaneta que havia nela. Sua mão girou lentamente o ferro e puxou-o para dentro, abrindo-a.

NÃO.

Huire virou sua cabeça em minha direção.

– Se você conseguisse controlar metade dos poderes que tem, eu realmente teria medo de você. Até que isso não aconteça, ou seja, nunca... – ele riu ironicamente – Adeus, irmão.

Júlia se levantava do chão. Suas pernas firmaram-se sobre as cerâmicas brancas do piso. Seu olhar ganhou foco quando ela notou tudo o que acontecia, e sua boca abriu-se, surpresa, assim que ela viu a porta aberta.

– ESPÍRITOS! – urrou Huire, chamando a atenção de seus servos. – É CHEGADA A HORA DE NOS LIBERTARMOS DESSA SALA.

Os homens e mulheres de olhos vermelhos dispersos pela sala transformaram-se novamente em fumaça, antes mesmo que eu assimilasse os fatos.

Como um vento parecido com o de um furacão, a massa preta se moveu velozmente e furiosamente na direção da porta, prontos para ganhar o mundo depois de anos trancafiados.

A boca de Júlia continuava aberta. Ela me lançou um olhar desesperado.

– Não deixe! – gritou ela.

As auras dos demônios passavam por mim, e eu

juraria que mãos me agarravam levemente.

Voltei a olhar para a porta. Jaqueline estava ao seu lado. Ela, mesmo possuída, não precisou de rituais ou magia canalizada para abrir o portal que levava ao mundo humano, ao contrário do que eu pensava. Para abrir a porta, era apenas necessário que fosse a mão de um exorcista na maçaneta.

A densa fumaça preta continuou a passar pela porta. Eu não conseguia ver nada além do portal, devido à dispersão das auras que ocorria simultaneamente do outro lado. Os seres voavam em uma velocidade incrível.

Eu deveria estar impedindo o que acontecia. A fuga dos demônios teria consequências horríveis no mundo exterior.

Júlia permanecia imóvel, somente olhando a fuga dos seres negros, impotente.

Abaixei minha cabeça para não ver mais o símbolo do meu fracasso. Eu acabara de descobrir que era um anjo, mas não sabia como usar minha arma interna a meu favor.

Os últimos espíritos saíam da sala.

– Livres. Finalmente livres – murmurou Huire em minha frente.

Raivoso, fitei-o.

– Você matou Jonatan?

– Papai? – ele perguntou, rindo. – Se você pensasse, logo saberia que não era eu, pois mesmo procurando aquele exorcista nojento por anos, eu fiquei trancado aqui nos últimos dias. Mandeí um de meus

servos mais eficientes para fazer o serviço por mim.

– Um servo? – eu sibilei, irritado. – Eu te odeio.

Huire riu freneticamente.

– Eu não vou te matar agora, não se preocupe.

– Medo? – indaguei.

– Medo de você, um franguinho? Não, pobre Augusto, você ainda vai ter que comer muito milho para conseguir fazer um arranhão em mim. Lembre-se disso da próxima vez em que nos encontrarmos.

Jaqueline prosseguia roboticamente em pé ao lado do portal.

– Não tente impedir minha saída. E não me procure tão cedo. Tenho grandes planos para você, irmão, mas até lá, não me incomode – seu tom era firme e ríspido.

Huire marchou em direção à saída da Sala dos Demônios, rumo ao mundo humano. Eu sabia que devia impedi-lo, só não tinha o conhecimento de como.

Ele andava sem pressa; quando ele chegou a um passo do portal sorriu para mim.

– Até mais – ele disse. Em seguida, mirou Jaqueline. – Creio que já é hora de nós sairmos, bebê.

Raiva borbulhou dentro de mim quando Huire tratou Jaqueline com tanta intimidade. Ele não tinha aquele direito.

O demônio passou pela porta e pisou no que parecia ser um cômodo grande ao lado de fora, puxando Jaqueline consigo. Ele dava seu primeiro passo no mundo humano.

Huire soltou a mão da garota e ergueu seus braços.

Ele gritou tão alto, que eu quase puder sentir um leve tremor no chão.

Repentinamente, a porta de madeira se fechou, deixando Júlia e eu sozinhos na antiga Sala dos Demônios.

# Minha outra parte

– Aquela porta era a única saída? – perguntei, olhando fixamente para Júlia.

A garota ainda parecia paralisada pelos últimos momentos, e ao ouvir minha voz, despertou subitamente de seus devaneios.

– Sua pele... está brilhando! – disse Júlia.

Olhei para baixo. A luz em meu corpo estava cada vez mais fraca, mas ainda era possível vê-la brilhar.

– Sim... Eu sou um... – comecei.

– Você é um anjo! – exclamou Júlia, completando minha frase.

A garota deu alguns passos até onde eu estava.

– Porque você não impediu? – ela quis saber.

Abaixei minha cabeça, envergonhado.

– Eu não sabia como.

– Você é um anjo, Augusto. Um ser celeste e

poderoso, principalmente no mundo espiritual.

Olhei para os olhos de Júlia.

– Mas eu não sei como usar meus poderes.

As bochechas da garota loira coraram, envergonhada, como se só lembrasse de um fato importante naquele momento.

– Desculpe – ela murmurou.

– Tudo bem – respondi calmamente.

Passei meus olhos pelo quarto vazio.

– Temos que sair daqui.

Júlia acompanhou meu olhar, até que suas órbitas detiveram-se na porta de madeira trancada.

– Sim. Nós temos – murmurou ela.

Ao me aproximar da porta, passei levemente meus dedos sobre os entalhes na madeira. Eram desenhos estranhos. Ilustravam lutas entre demônios e anjos.

– Essa porta é velha – disse Júlia, aproximando-se de mim e parecendo adivinhar meus pensamentos.

Olhei-a por um momento.

– Como abri-la? – perguntei.

Há minutos atrás, eu vira Huire controlar estranhamente Jaqueline. Todos na sala sabiam, de diferentes formas, que ela seria a única a conseguir abrir a porta que era à saída daquele lugar. Isso porque ela era a única exorcista, mas agora não havia exorcista algum para nos tirar dali.

O anjo ao meu lado sentou-se no chão e cruzou as pernas.

– Esperar?

– Nós não podemos esperar. Jaqueline está com

Huire e ela é minha amiga. Eu preciso salvá-la – falei, convicto.

Júlia me fitou, cansada.

– Eu não posso abrir essa porta. Sou um anjo, não uma exorcista.

Nenhum de dois poderíamos abrir a porta. Teríamos que simplesmente esperar por anos até que algum um exorcista entrasse na sala e nos tirasse de lá.

– Nós não iremos morrer de fome, Augusto. Agora que sua aura já se manifestou, você é um ser especial e dificilmente será destruído.

– Poderíamos usar esse tempo para eu me adaptar as poderes – dei minha opinião, conformando-me.

– Sim, podemos. Um anjo tem que saber usar suas armas. Hoje tivemos uma prova disso – disse Júlia. Ela soou indiferente e me deixou magoado quando recordei da imagem da fuga dos demônios, juntamente com Huire, momentos atrás.

– O que eles irão fazer lá fora? – indaguei.

– Eu não sei o que Huire pretende fazer. Mas acho que ele quer que você espere pacientemente aqui.

“Tenho grandes planos para você, irmão, mas até lá, não me incomode.” As últimas palavras de Huire confirmaram o que ela dissera.

A maçaneta de ferro na porta continuava intacta. Apenas era necessário um exorcista para girá-la e abri-la.

Por um impulso, levei minha mão direita em direção ao pedaço de ferro velho.

Minha mão estava cada vez mais próxima da

maçaneta. Meu movimento era lento. Quando as pontas dos meus dedos tocaram nela, meus músculos paralisaram. Uma onda de poder atingiu meu cérebro, fazendo parecer que meu crânio iria explodir.

Eu gritei de dor.

Por mais que eu tentasse retirá-la da porta, minha mão parecia colada à maçaneta.

Júlia levantou-se exasperada e postou-se ao meu lado.

– O que está acontecendo?

Meu corpo recebia ondas constantes de choque. Eu não controlava nada, e a dor dentro do meu cérebro intensificava-se cada vez mais.

– AUGUSTO – gritou o anjo ao meu lado.

Minha coluna curvou-se para trás, forçando meu corpo. Minha mão, no entanto, continuava presa.

Repentinamente, uma voz sussurrou em minha mente. Eu me lembrava perfeitamente dela... Era a voz de minha mãe.

Assustado, respirei fundo. Deus, eu não entendia o que estava acontecendo.

– Augusto... – disse a voz.

Primeiro congelei completamente, mas logo minha mãe começou a falar de modo estranho.. A voz de meu pai surgiu simultaneamente, dizendo outras palavras. Eu estava morrendo?

Vozes e vozes surgiam em minha cabeça. Não demorei a presumir que aquelas palavras eram rituais de exorcismo, que vinham naturalmente ao meu pensamento.



Conforme os sonos aumentavam de tom, a dor aumentava cada vez mais. Gritei novamente, sem controlar o que acontecia comigo.

Vi Júlia tremer ao meu lado, assombrada.

– Augusto, volte para mim.

Do nada, tudo parou. As palavras, a dor e os meus movimentos sem controle.

Fui jogado alguns metros pelo chão do cômodo. Fechei meus olhos para não ver minha queda, mas antes que eu tombasse no chão, senti meu corpo flutuar.

Abri os olhos. O que eu vi foi cerâmicas brancas a alguns centímetros do meu rosto. Meu corpo girou sozinho, até que meus pés alcançaram o chão. Eu fiquei em pé e fitei o anjo a alguns metros de mim.

Hã?, minha respiração ofegava violentamente.

A garota loira que havia me salvado de uma queda horrível, o qual certamente me daria muitos ferimentos, ainda tinha um braço levantado.

– Você... você...

– Eu o quê? O que aconteceu? – Minha voz estava tão exasperada quanta a de Júlia.

– Você é um médium. Você é um exorcista – ela sorriu em minha direção.

Abri a boca em espanto. O que acontecera segundos atrás não fazia sentido até que eu compreendi as palavras e Júlia.

Olhei para a porta de madeira. Ela não se encontrava mais fechada, e sim escancarada. Eu conseguira abrir o portal.

– Eu fiz isso? – perguntei, surpreso.

Júlia ouviu minhas palavras.

– Sim, você acabou de ativar sua mediunidade.

– Como? – Minha boca abriu-se de sobressalto.

– Vamos embora! – exclamou o anjo, já girando seu corpo em direção à saída.

Minha mente divagava. Pai? Mãe? Eram vocês? Obrigado.

Júlia saiu correndo e rindo alegremente pela porta. Eu não pensei duas vezes, e fiz o mesmo, seguindo-a.

A alguns passos do portal, senti receio de que aquela porta poderia se fechar de novo, e corri ainda mais rapidamente.

Não olhei para trás, pois eu não queria estar nunca mais naquele cômodo tão sombrio.

Assim que meus pés pisaram para fora da sala, Júlia me abraçou fortemente. Retribui o gesto de maneira gentil. E Nós ficamos daquela maneira por alguns segundos.

Atrás de Júlia, uma cozinha.

– Onde estamos? – perguntei quando Júlia e eu nos desabraçávamos.

– Essa é minha antiga casa. De quando eu ainda era uma humana.

O lugar era amplo. Numa das paredes havia um extenso armário branco, e na oposta, uma pia de mármore negro. Em frente a esta última, ficava uma janela fechada, na qual os raios de sol ainda entravam pelos vidros quebrados. No centro do cômodo, uma enorme mesa de madeira envernizada estava coberta de

plásticos e moscas.

– Sujeira.

– Huire me torturou por alguns dias antes de me levar para o mundo espiritual. Eu, como não tinha memória de ser um anjo, pensei que seu irmão era um monstro ou algo parecido. – disse a garota loira ao meu lado. Ela virou-se e andou em direção à porta de madeira, fechando-a, selando a Sala dos Demônios. – Não quero voltar para lá tão cedo.

Júlia retrocedeu e passou por mim, seguindo em frente pela cozinha. Eu a segui vagarosamente

Na pia estavam algumas marcas de sangue já seco, que deveriam ter sido do corpo da menina que andava apressada pela casa.

No encalço do anjo, saímos da cozinha e viramos, adentrando em outro cômodo. Eu reconheci a sala da casa imediatamente, pois fora o lugar onde dias atrás eu havia sido atacado por gatos assassinos de meu irmão. Agora, Huire estava novamente solto no mundo humano e mais furioso.

Júlia e eu passamos por trás dos sofás, e quando já estávamos perto da saída vimos uma imagem que me deixou sem movimentos.

Jaqueline estava jogada no chão, seus olhos fechados.

O anjo correu até a exorcista e ajoelhou-se ao seu lado. Ela colocou as mãos sobre o pescoço de Jacqueline e depois de alguns segundos respirou fundo, como se estivesse aliviada.

– Ela está viva – disse Júlia, me fixando com seus

olhos castanhos. – Mas temos que ir embora agora, ela precisa de ajuda.

Assenti e caminhei ligeiramente até a porta de saída. Tropecei em um pequeno objeto, e vi que era a lanterna que Jaqueline deixara cair quando havia me salvado do ataque dos gatos. Abaixei-me e peguei-a.

Fui até a porta e a abri.

Voltei e peguei gentilmente Jaqueline em meus braços. O ódio que eu já sentia por Huire multiplicou-se naquele momento. Júlia saiu andando na frente e passou pela porta que eu deixara aberta. Ela parou do outro lado do portal e me aguardou passar com Jaqueline para depois fechá-lo.

Tudo estava como eu me lembrava. A calçada de pedras estendia-se até a rua, na qual do outro lado ficava um casa verde. A casa de minha tia Olívia.

Andei pela calçada e atravessei a rua. Júlia andava ansiosamente atrás de mim. Se eu estava feliz por estar no mundo humano novamente, eu não conseguia nem imaginar como ela se sentia depois de ter ficado dias condenada naquela casa infernal.

Ainda andando rapidamente, finalmente cheguei na casa verde. Quanta falta aquele lugar me fazia.

Todas as coisas por ali permaneciam em seus respectivos lugares, sem modificações.

Descansei um pouco, respirando fortemente.

A porta na varanda estava aberta, então não pensei duas vezes antes de entrar na sala.

Cinco rostos assustados se voltaram em minha

direção.

Samir, Olívia e as três bruxas irmãs de Jaqueline, sentados, olhavam para nós – eu em pé, com minha amiga exorcista ainda em meus braços, e o anjo ao meu lado. Todos abatidos.

Ninguém falou nada até que minha tia levantou-se de sua poltrona e andou em minha direção. Seus olhos fitaram a garota inerte em meus braços.

– Coloque-a no quarto de sua mãe – disse ela com voz cansada. – Creio que ela precisará de ajuda.

– Eu já vou ajudá-la, daqui a pouco – disse Júlia atrás de mim.

Minha tia sorriu em sua direção.

– Como é bom ver você de novo, minha querida.

O anjo deu um passo para frente e abraçou minha tia.

Saí da sala, indo em direção ao antigo quarto de Ana, minha mãe, para deixar Jaqueline lá. Voltando ao lugar onde todos estavam, contei tudo o que aconteceu.

Eu estava sentando ao lado de Samir, que mantinha um olhar sobre mim. Lívia, Natália e Helena sentavam-se juntas no sofá à frente do nosso, surpresas com o que eu falara sobre o ocorrido. Eu não expusera sobre a parte do passar mal de Jaqueline, apenas disse que Tiarles havia aparecido. Não queria que elas culpassem minha amiga, nunca.

– Minha irmã – disse Lívia tristemente. – Morta.

– Sinto muito. Foi minha culpa.

– Não foi culpa de ninguém – disse Júlia, sentada no braço da poltrona de minha tia.

– Sim, nós temos um culpado – disse Helena me fitando. Por um momento tive medo de suas próximas palavras. – Os servos de Huire sabiam a que horas nós faríamos o feitiço para te levar ao mundo espiritual. No Bar da Morte, eu pude sentir interferência de outras forças. Foi por isso que vocês não pararam direto na Sala dos Demônios, e sim naquela maldita floresta.

– Onde Tiarles nos encontrou – murmurei.

– O que quer dizer que temos um informante entre nós, Augusto. Alguém que está ao lado de Huire – disse Lívia.

Eu olhei para Olívia. A mulher parecia assustada. Júlia, sentada ao seu lado, levantou os braços para cima.

– Eu não fui.

Sorri para ela. A única pessoa que eu tinha certeza que não era o traidor, certamente, era Júlia. Todavia, ainda restavam pessoas demais que sabiam quando Jaqueline, Patrícia e eu iríamos para o mundo espiritual, e qualquer um deles poderia ser o informante de Huire. As próprias bruxas, Samir e Olívia.

Resolvi mudar de assunto. Ninguém estava em condições de descobrir e desvendar o caso do traidor. Nós teríamos que confiar um no outro durante os próximos dias, pois com Huire na terra, ninguém sabia ao certo o que esperar dele.

– Vamos ao quarto, Júlia? Jaqueline precisa de sua ajuda – falei, finalizando a conversa.

Ela assentiu e levantou-se de um salto do braço da poltrona onde estava sentada.

Não olhei mais para ninguém, mas todos

continuavam me mirar. Ao passar ao lado de minha tia, sorri gentilmente para ela.

– Eu sou um híbrido.

Mesmo já tendo contado a todos sobre minhas duas descobertas na Sala dos Demônios, eu queria comemorar de novo com minha tia. Eu não era só um simples anjo. Eu era ser celestial e um médium ao mesmo tempo. Isso significava que eu poderia ser um exorcista assim como Olívia, e mais importante que isso, eu sabia que meus dons seriam necessários na luta contra Huire.

Minha tia lançou-me um sorriso fraco. Seu semblante era tão gentil que por um momento eu queria me ajoelhar e pedir desculpas por tê-la condenado no dia passado, quando ela me contara sobre a história de Huire. Mas, eu sabia que Olívia também sofria por seus erros no passado, e não seria eu a julgá-la.

Passei caminhando na frente de Júlia, e segui pelo corredor que nos levaria até o quarto onde Jaqueline estava.

A porta do quarto permanecia aberta. Adentrei o cômodo e aguardei Júlia fazer o mesmo.

Enquanto eu fechava a porta, o anjo se dirigiu até a cama, onde Jaqueline jazia. O quarto continuava o mesmo desde que eu saíra, porém, as sacolas de roupas que eu deixara jogadas no chão não estavam mais lá, e mesmo ainda não tendo conferido, as vestes deviam estar todas guardadas e arrumadas no guarda-roupa. Mais um serviço gentil e bondoso de Olívia.

Fiquei em pé, olhando os movimentos de Júlia. A

garota loira ergueu seu braço e colocou sua mão sobre a testa de Jaqueline. Conforme ela recitava algumas palavras, minha amiga exorcista relaxava nitidamente. A luz branca que saía das mãos do anjo a curava. Ver o poder de Júlia não incomodava mais minhas pupilas como antes.

Assim que a garota loira cessou seu poder, Jaqueline virou-se na cama. Sua expressão não era mais de dor, ela apenas descansava.

Júlia andou até a janela do quarto, pela qual raios de luz adentravam e clareavam o recinto. Fui até seu lado e olhei para fora. O gramado na frente da casa de minha tia era claro e verde, fazendo-me lembrar de algo... Na casa de pedras do mundo espiritual, onde eu havia encontrado Júlia pela primeira vez.

– Jaqueline ficará bem – murmurou Júlia, sem olhar em minha direção, ao seu lado.

– Obrigado – disse eu. Agradecer parecia ser o certo a fazer. – Júlia, como meu lado médium surgiu na Sala dos Demônios, sendo que nós não estávamos mas sendo atacados?

– Ah, isso é Simples. Quando todos aqueles espíritos tocaram em você, quando você foi proteger Jaqueline, todas as suas propriedades mágicas intensificaram-se, mas você só usou sua aura angelical. Assim, quando você relou em algo que só exorcistas podiam tocar, sua mediunidade aflorou – o anjo falava como quem entendia bem do assunto, e na verdade, eu não duvidava dela.

Ficamos em silêncio por alguns minutos.



A menina girou seu rosto e olhou em minha direção, fixando seus olhos castanhos em mim.

– Lembra quando eu te disse sobre minhas irmãs perdidas aqui nesse mundo? – perguntou ela, quebrando o silêncio.

Assenti com um movimento lento da cabeça, lembrando de suas palavras.

– Se nós as encontrarmos... o meu poder e o teu somará ao delas. Só assim... – sua voz vibrava, reflexiva.

– Nós poderemos destruir Huire – falei, completando sua frase antes que ela pudesse terminar.

– Para sempre – terminou Júlia.

Eu continuei a contemplar o lado fora.

Júlia estava determinada em procurar suas irmãs deixadas no mundo humano. E se dependesse de mim, eu a ajudaria.

# Epílogo

Patrícia

Minha cabeça doía quando eu despertei ofegante.

Passei minhas mãos ao redor e senti terra. Tudo era escuro, não deixando que eu enxergasse um palmo a minha frente.

Levantei meu corpo e dei alguns passos cambaleantes sobre o chão repleto de buracos por todos os lados.

Eu tentava ouvir algum som de passos ou algo parecido, mas nada acontecia.

Eu não me lembrava de muitas coisas, somente de que eu estava na Floresta dos Condenados. Eu tinha o dever de proteger minha irmã e seu amigo. Minha última visão fora a de uma fumaça negra me atingindo no abdômen. Depois disso, tudo era negro, como o lugar

onde eu estava.

Gotas de água caíam do teto. Eu não podia vê-las, mas podia ouvi-las. Talvez eu estivesse em uma caverna. Essa seria uma explicação para a falta de luminosidade do local.

Girei meu corpo. Tudo continuava escuro, mas eu ouvia passos cada vez mais próximos de mim.

Tum. Tum. Tum.

Eu ainda não conseguia distinguir de onde vinham os sons. Será que era Augusto? Alguém que viera me salvar?

Subitamente, vozes chegaram aos meus ouvidos.

– Onde ela está, Tiarles? – perguntou uma voz fria.

– Perto, senhor. Ela estava por aqui agora mesmo.

As vozes vinham do lugar onde eu estava deitada há poucos segundos atrás.

Um repentino medo apossou-se de mim. E eu corri desesperadamente pelo chão daquela caverna, meus passos ecoando pelas paredes de terra.

– Ela está correndo – disse a voz fria. – Pegue-a, seu incompetente.

Eu não podia parar. Corri por metros e metros, até que meu pé tropeçou em um buraco.

Minha face bateu no solo. Lágrimas brotaram de meus olhos que se encheram de lama.

Não havia mais esperança, eu sentia que algo de muito ruim aconteceria comigo.

Tentei levantar-me. Os passos velozes já estavam bem perto de mim.

Duas mãos me empurraram novamente no chão.

Meu nariz bateu na terra dura e sangue começou a sair dele.

Alguém havia me golpeado, e esse mesmo ser estava agora com um pé sobre mim.

– Hoje não – falou o ser que a voz fria chamara de Tiarles.

Lágrimas rolaram novamente por meus olhos quando tudo ficou manchado de amarelo. Uma intensa dor apossou-se do crânio e tudo começou a se mover.

Eu não conseguiria aguentar por muito tempo, então deixei minha mente ser levada para o breu, e desmaiei.

## Sobre o autor

Adler Nobre vive no Centro-Oeste do Brasil com sua família e seus animais de estimação. Atualmente, cursa o Ensino Médio em uma escola particular de sua pequena cidade, Colider.

Para conhecer mais sobre o autor, visite sua página no site da Editora Bookess.